

MEA 0003

Arqueologia Brasileira

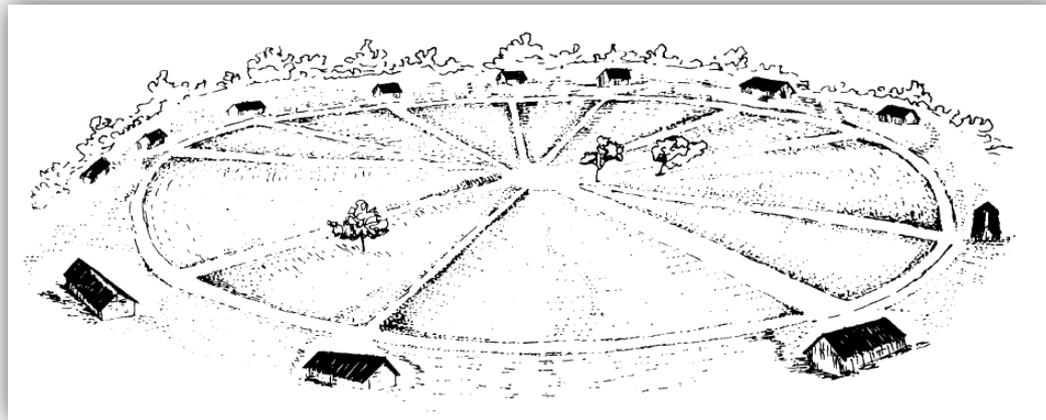
Aula 12 - Antiguidade Jê – Brasil Central



MEA 0003

Arqueologia Brasileira

Aula 12 - Antiguidade Jê – Brasil Central





Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Foto tirado em junho de 2021 durante etapa de campo na Vale do Rio Peruaçu.
- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura ou decoração plástica, antiplástico vegetal (cariapé)



Vasilha encontrada em junho de 2021 pela equipe da USP na Lapa do Índio, Vale do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais. Foto: Daniel Menin

Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Foto tirado em junho de 2021 durante etapa de campo na Vale do Rio Peruaçu.
- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Vasilha encontrada em junho de 2021 pela equipe da USP na Lapa do Índio, Vale do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais. Foto: Daniel Menin

Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Foto tirado em junho de 2021 durante etapa de campo na Vale do Rio Peruaçu.
- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Vasilha encontrada em junho de 2021 pela equipe da USP na Lapa do Índio, Vale do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais. Foto: Ana Borella

Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Foto tirado em junho de 2021 durante etapa de campo na Vale do Rio Peruaçu.
- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Vasilha encontrada em junho de 2021 pela equipe da USP na Lapa do Índio, Vale do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais. Foto: Ana Borella

Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

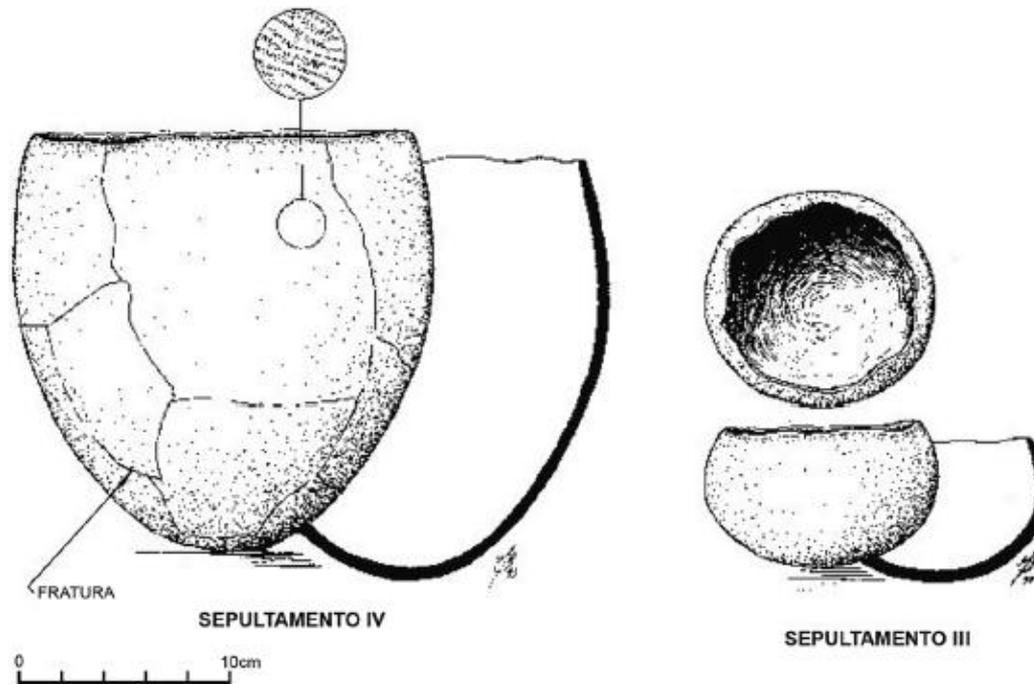
- Foto tirado em junho de 2021 durante etapa de campo na Vale do Rio Peruaçu.
- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Vasilha encontrada em junho de 2021 pela equipe da USP na Lapa do Índio, Vale do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais. Foto: Daniel Melin

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT

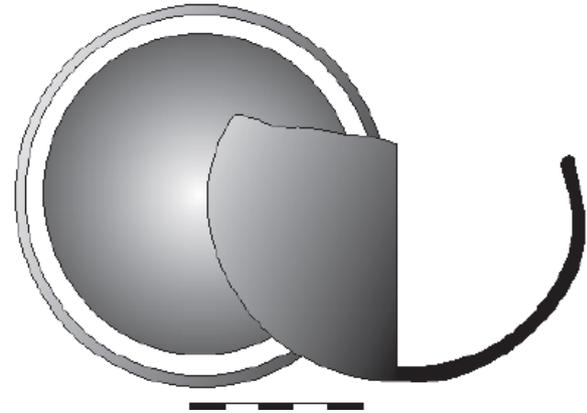


Vasilhame da Tradição Una associado aos sepultamentos do BQT. Desenho M. Brito.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT

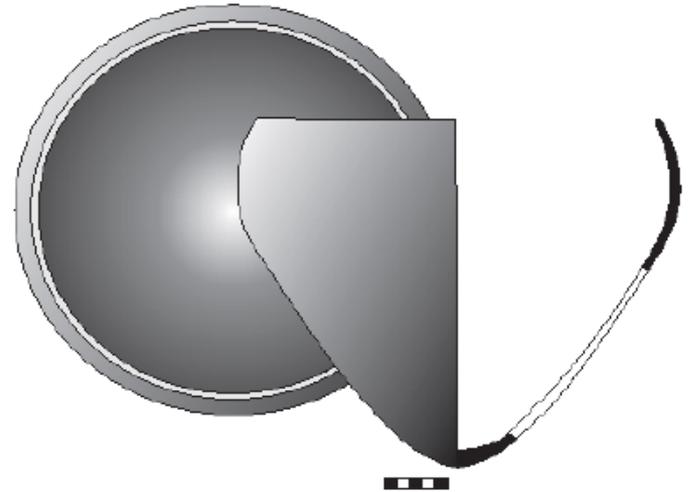
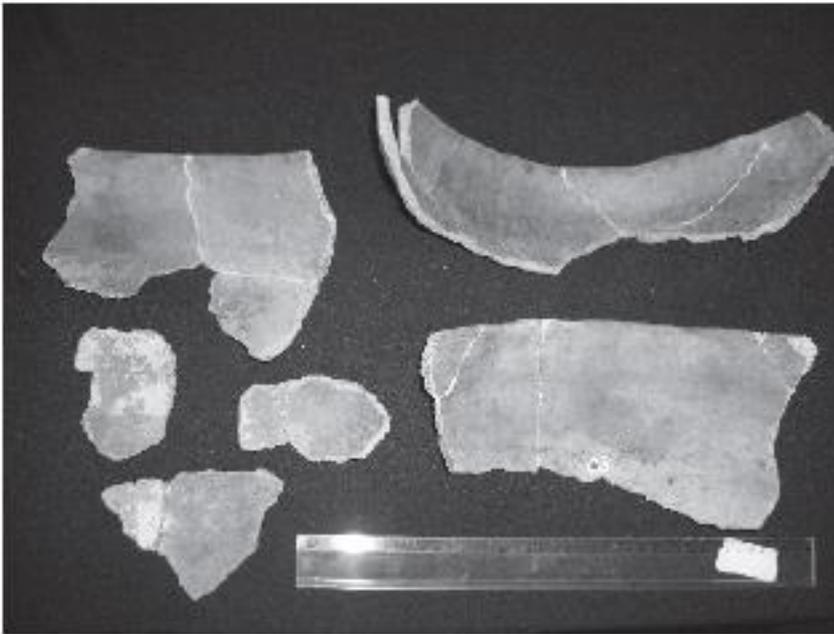


Vasilhame da Tradição Una associado aos sepultamentos do BQT. Desenho M. Brito.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT

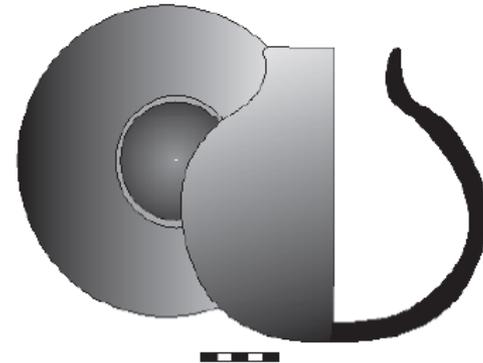


Vasilhame da Tradição Una associado aos sepultamentos do BQT. Desenho M. Brito.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT

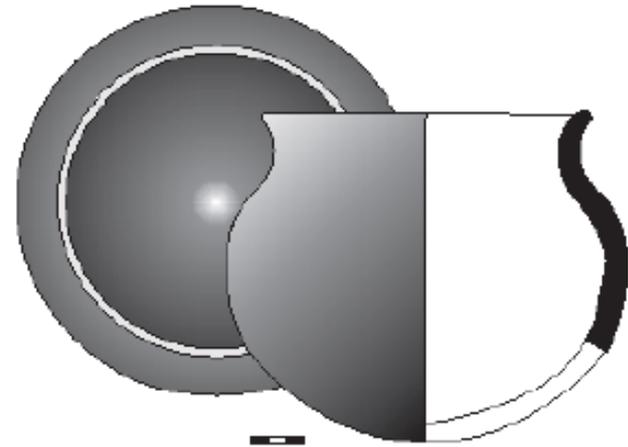


Vasilhame da Tradição Una associado aos sepultamentos do BQT. Desenho M. Brito.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT

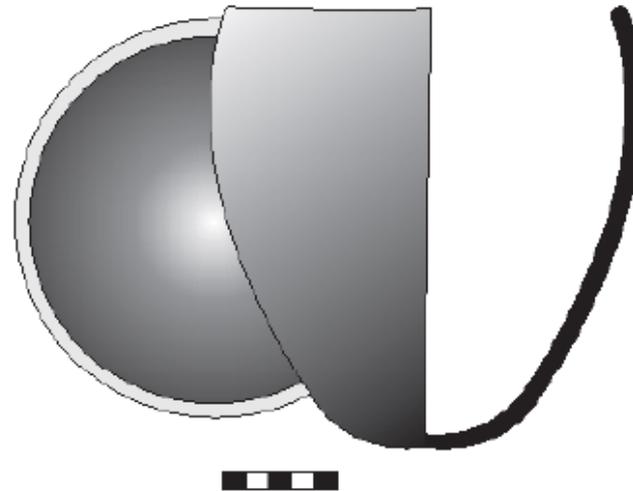


Vasilhame da Tradição Una associado aos sepultamentos do BQT. Desenho M. Brito.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

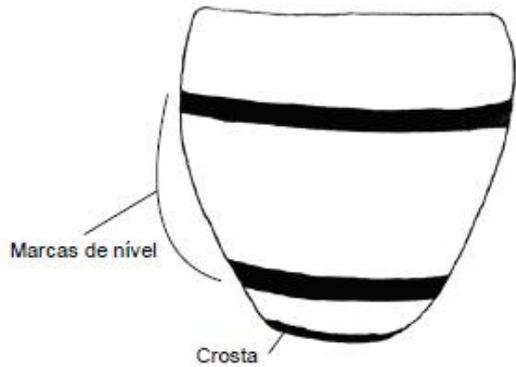
- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT



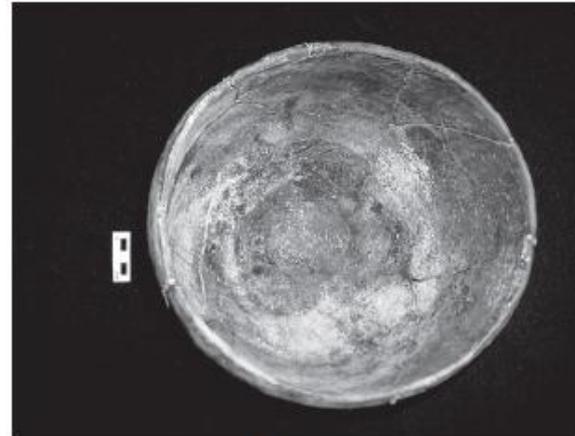
Vasilhame da Tradição Una associado aos sepultamentos do BQT. Desenho M. Brito.

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT



Marcas de preparação de alimento no pote 12.



Pote 12.
Notar níveis

Vasilhame da Tradição Una associado aos sepultamentos do BQT. Desenho M. Brito.

Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Vasilha da região de Lagoa Santa. Foto: Mairicio de Paiva

Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una B

- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Jê

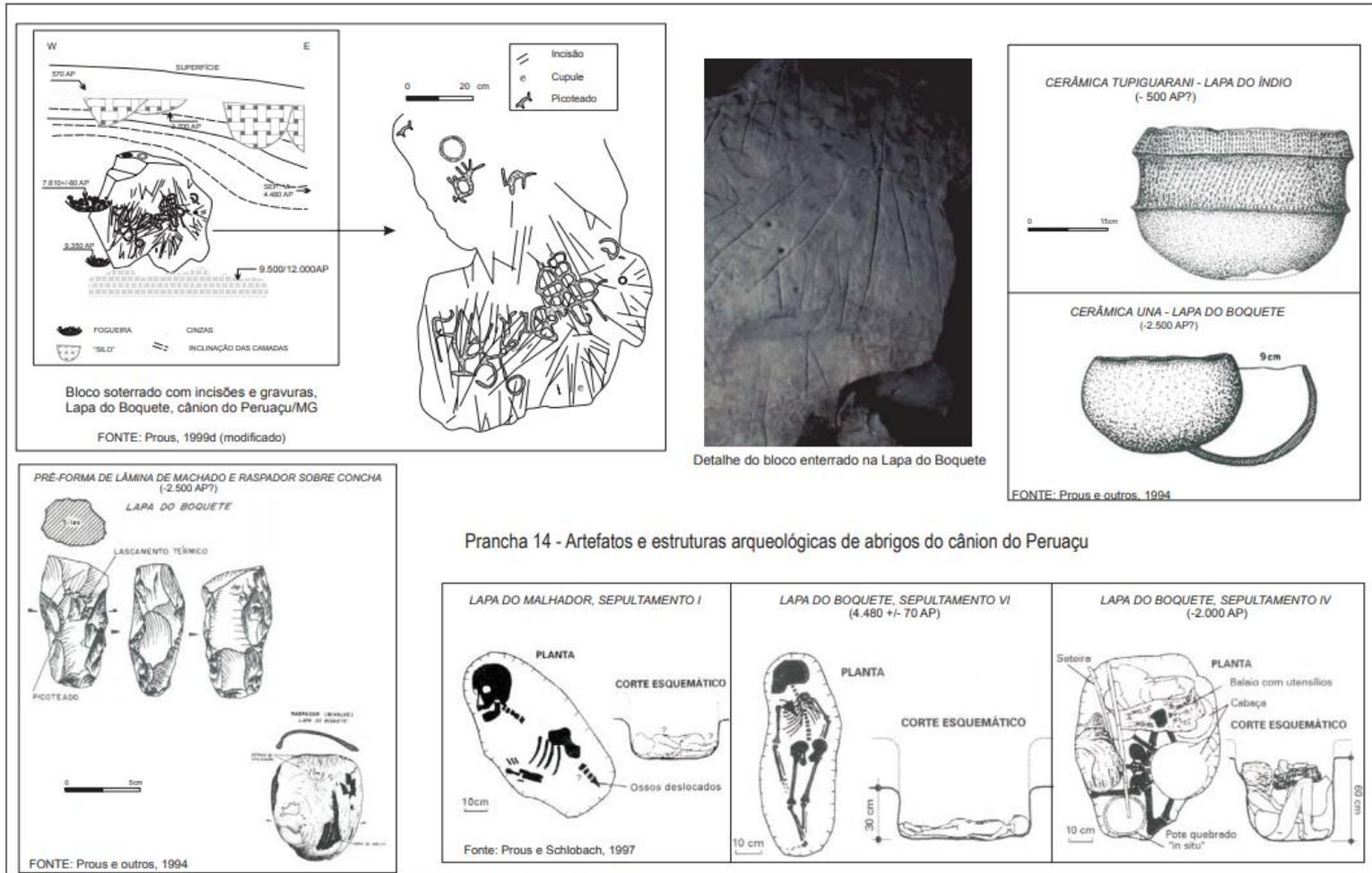
As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura* ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura* ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Jê

As mais antigas cerâmicas do Brasil Central - Una A

- Vasilhas pequenas, arredondadas e de perfil simples
- Sem pintura* ou decoração plástica, antiplástico vegetal (caraipé)



Vasilha da região de Lagoa Santa. Foto: Mairicio de Paiva

Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A

- Ainda que existam sítios a céu aberto, as vasilhas da Tradição Una são frequentemente encontradas dentro de cavernas ou abrigos rochosos.



Jê

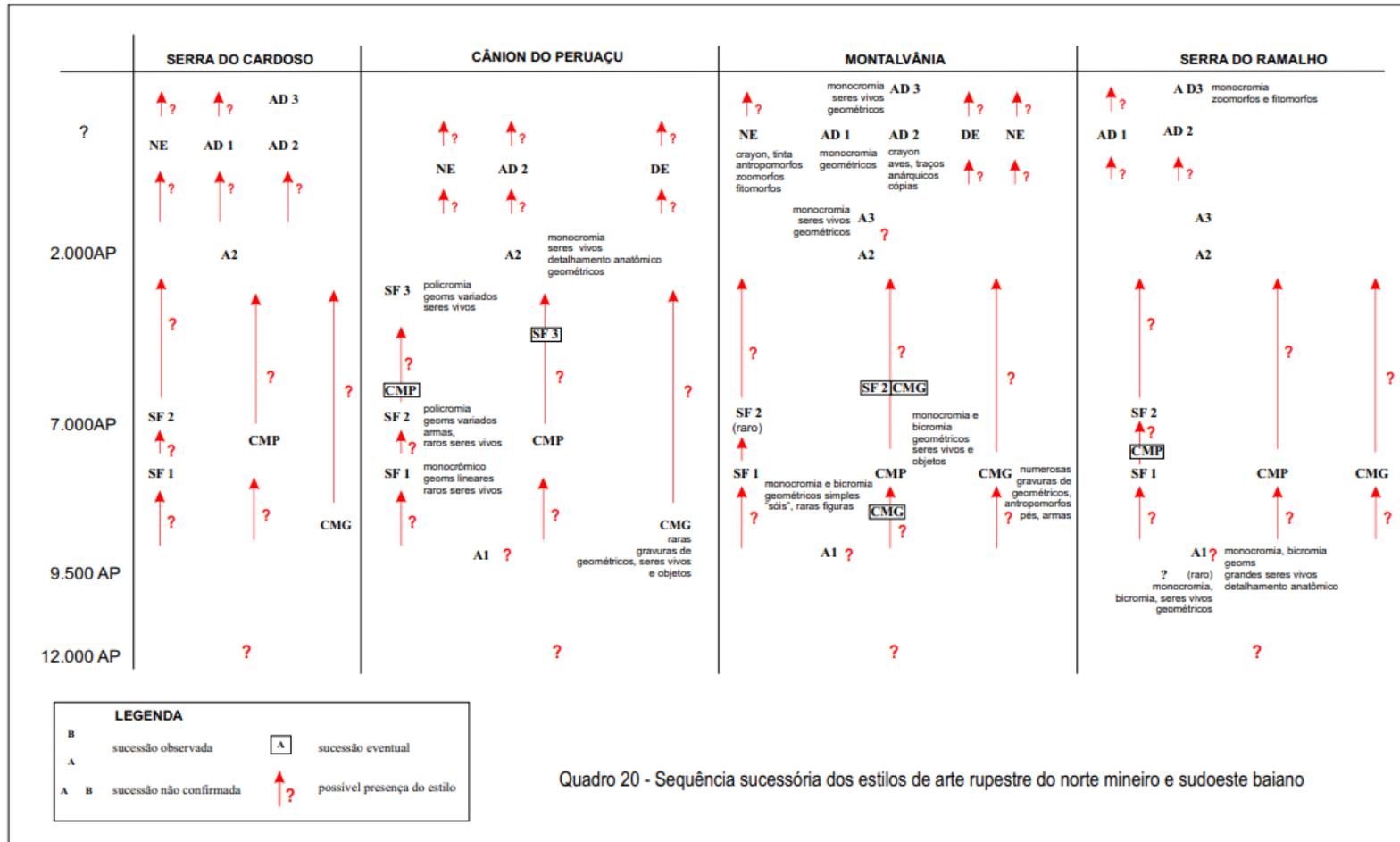
As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A

- Ainda que existam sítios a céu aberto, as vasilhas da Tradição Una são frequentemente encontradas dentro de cavernas ou abrigos rochosos.



As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A

- Na Lapa do Boquete, Vale do Rio Peruçu, foram encontrados diversos sepultamentos.



Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A

- Existem diversos casos nos quais cerâmicas da tradição Una foram encontrados em contextos funerários dentro de abrigos.
- Gruta do Gentio II (MG) apresentava esqueletos de 36 adultos e 42 crianças.



Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A

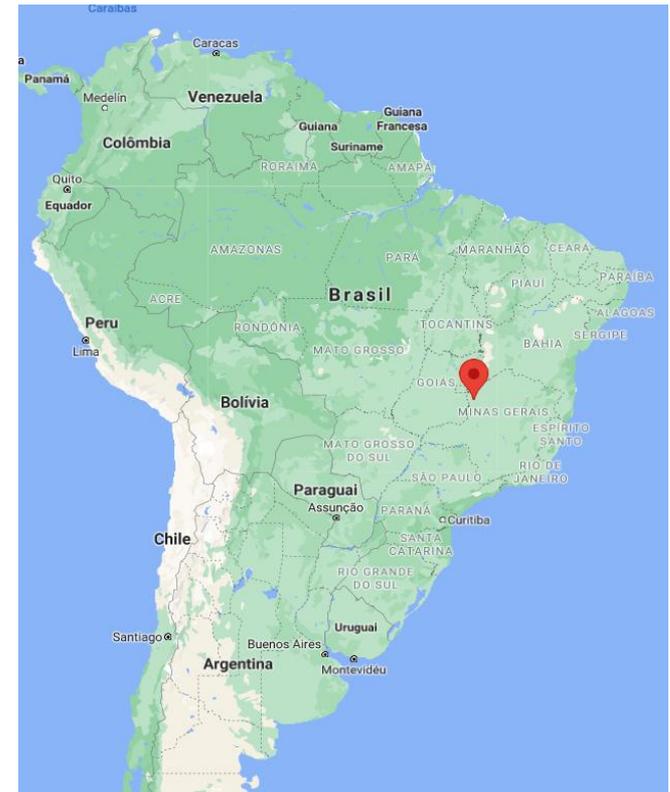
- Gruta do Gentio II (MG): apresentava esqueletos de 36 adultos e 42 crianças.
- Enterramentos primários e secundários (alguns com mumificação natural e cremações), presença de acompanhamento funerário.
- Preparação do corpo antes do enterramento (corpo embrulhado em esteiras e/ou couro).



Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio

- Sítio sob paredão calcário, localizado em 1973 pela equipe do IAB em Unaí (MG).
- Escavações em 1976, 1977, 1984 e 1987 – 140m².
- Presença de artefatos em cabaças, cestaria, fibras vegetais, cerâmica e lítico.



Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio

- Datas mais antigas – supostamente - ~3.500 AP.
- Descrita pela primeira vez no sítio Gruta do Gentio II (MG), escavado pelo Pronapa na década de 1970-1980
- Ocupação de caçadores-coletores na base (c. 10-7.0 AP)
- Ocupação ceramista 3500 AP antiga e mais recente (1800-400AP).



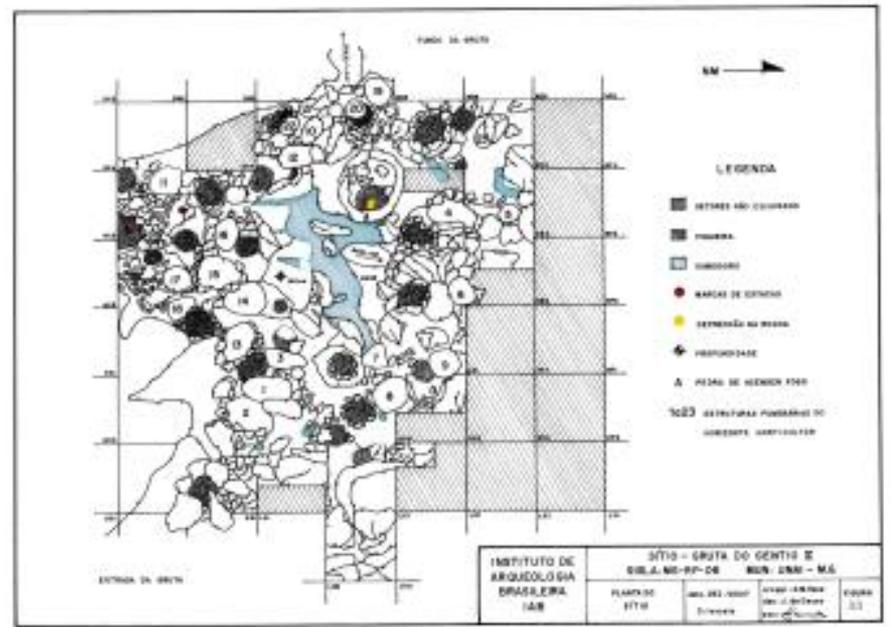
Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de espessura – foi datado com uma única amostra (~3.500 AP).
- Intensa presença de sepultamentos – i.e. buracos intrusivos que remexem
- Escavações sem documentação e publicação minimamente apropriadas é impossível saber a idade do material cerâmica (que, alias, eu nunca consegui ver nem em foto).



Fotos da escavação na década de 1970



Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de espessura – foi datado com uma única amostra (~3.500 AP).
- Escavações sem documentação e publicação minimamente apropriadas – impossível saber a idade do material cerâmica.



Tórax mumificado do Enterramento 3.

Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de espessura – foi datado com uma única amostra (~3.500 AP).
- Escavações sem documentação e publicação minimamente apropriadas – impossível saber a idade do material cerâmica.



Bordas de vasilhas cerâmicas do Enterramento 2.



Bordas de vasilhas cerâmicas do Enterramento 6.

Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de espessura – foi datado com uma única amostra (~3.500 AP).
- Escavações sem documentação e publicação minimamente apropriadas – impossível saber a idade do material cerâmica.



Fragmentos de vasilhames cerâmicos queimados do Enterramento 13.



Fragmento da borda de vasilhame cerâmico do Enterramento 14^a.

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio - Adornos da Gruta do Gentio II

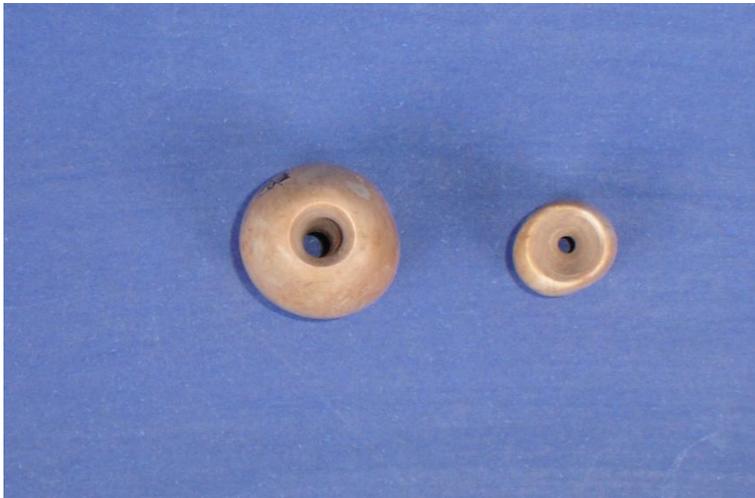


Adornos de material malacológico do Enterramento 4.



Pingentes em conchas de água doce do Enterramento 9.

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio - Adornos da Gruta do Gentio II



Contas líticas polidas do Enterramento 9.



Adorno labial tipo tembetá em T do Enterramento 7.

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio - Adornos da Gruta do Gentio II



Pingente bicônico em sílex castanho do Enterramento 11.



Pingente em cristal de quartzo do Enterramento 14a.

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Gruta do Gentio - Adornos da Gruta do Gentio II



Adorno labial tipo tembetá do Enterramento 15a.

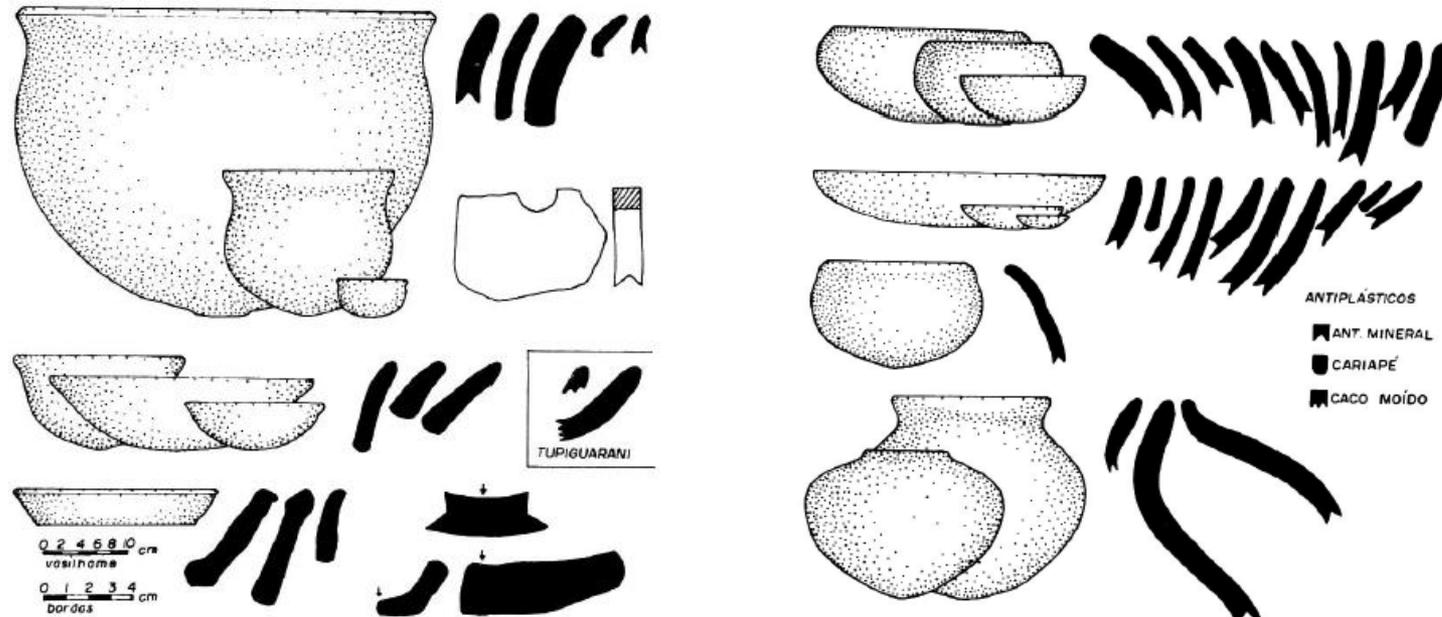


Adorno labial tipo tembetá em T do Enterramento 7.



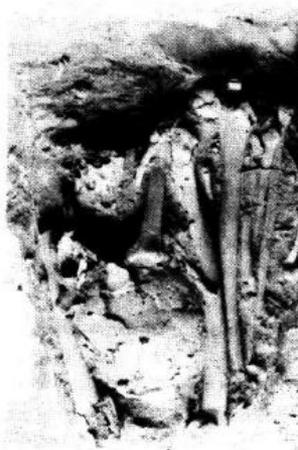
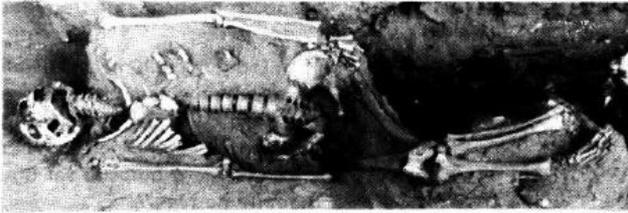
Tembetá do Enterramento 16

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Ramusse Nóbrega - Adornos da Gruta do Gentio II

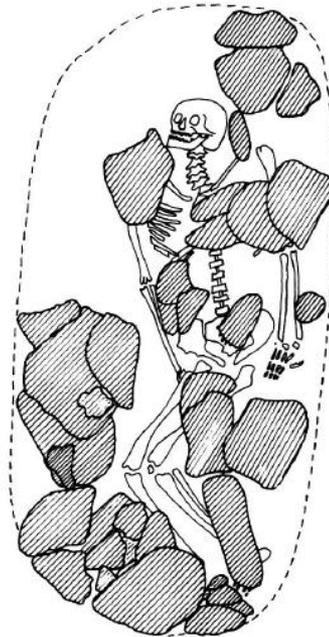


Formas cerâmicas estimadas da fase Pindorama

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A – Ramusse Nóbrega - Adornos da Gruta do Gentio II

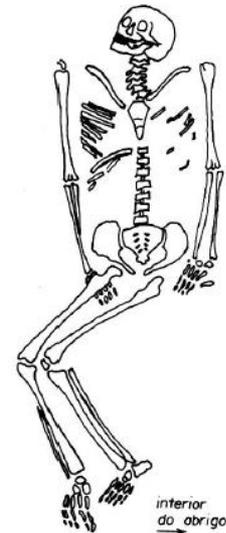


Sepultamentos 1 e 7



Sepultamentos 1

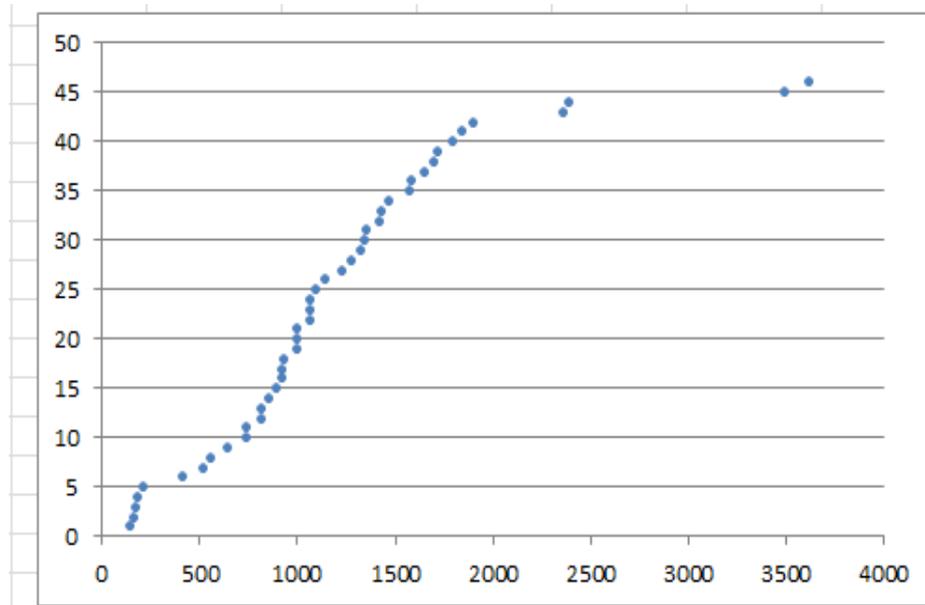
GO-RS-01
SEP f



Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central - Una A

- Sério problema com datações: poucas (< 50), velhas, mal documentadas, sem estudos de processo de formação.
- As cerâmicas da Tradição Una mais antigas do Brasil central apresentam data de até ca. 3500 AP e as mais tardias avançam no período colonial. Entretanto, na falta de documentação e estudos de processo de formação é difícil confiar nestas idades.
 - *Sítio Moa (RJ-SA-04): 3610±190 AP.
 - *Gruta Gentio II (MG-RP-06): 3490±120 AP.
 - Loca da Panela (MT-SL-72): 2390±60 AP.
 - Ramusse Nóbrega (Go-RS-01): 2360±70.



Jê

As mais antigas cerâmica do Brasil central – Una

- fase Jataí - Serranópolis - ca. 1000 d.C.
- fase Palma - leste de Goiás - ca. 720-1210 d.C.
- fase Pindorama - centro-norte Goiás - 500 a.C.
- fase Jaborandi - sudeste da Bahia - ca 1000 d.C
- fase Unaí - sudeste de Minas Gerais - 2000 a.C.

Grupos Macro-Jê do Brasil central

Cerâmica Una A: ceramistas iniciais

Agricultores incipientes de milho e mandioca

- Nômades a seminômades habitantes do Cerrado
- Sítios a céu aberto e em abrigo
- Enterros em abrigos **sem urnas**, inclui cremações
- Em tempos tardios é identificada em sítios a céu aberto em Tocantins, Goiás, Minas Gerais e Bahia
- Coexistiram com ceramistas Aratu e Tupiguarani

- Zona nuclear da Tradição Una A: Norte de Minas Gerais e sul de Goiás
- Origem provável da cerâmica: Amazônia?
- Relacionadas com as aldeias circulares que aparecem por volta de 800 AD?

Cultivo no Cerrado – Gruta do Gentio II

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de espessura – foi datado com uma única amostra (~3.500 AP).
- Escavações sem documentação e publicação minimamente apropriadas – impossível saber a idade do material cerâmica (que, alias, eu nunca consegui ver nem em foto).



Milho, raiz tuberosa e amendoim do Enterramento 2.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT



Estruturas de armazenamento (silo) do BQT

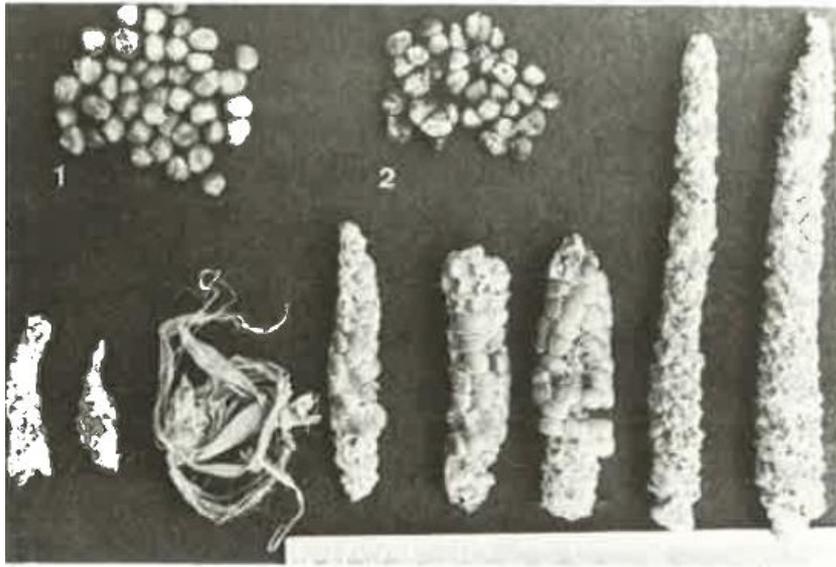


Detalhe de um silo

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Dtação de 560 AP pro BQT



Grãos e espigas de milho do silo 1 do BQT. 1 Grãos do tipo Nõdzõb toré; 2. Grãos do tipo Nõdzõb Pré.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de Datação de 560 AP pro BQT



Espiga de milho recuperada em um silo do BQT

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de

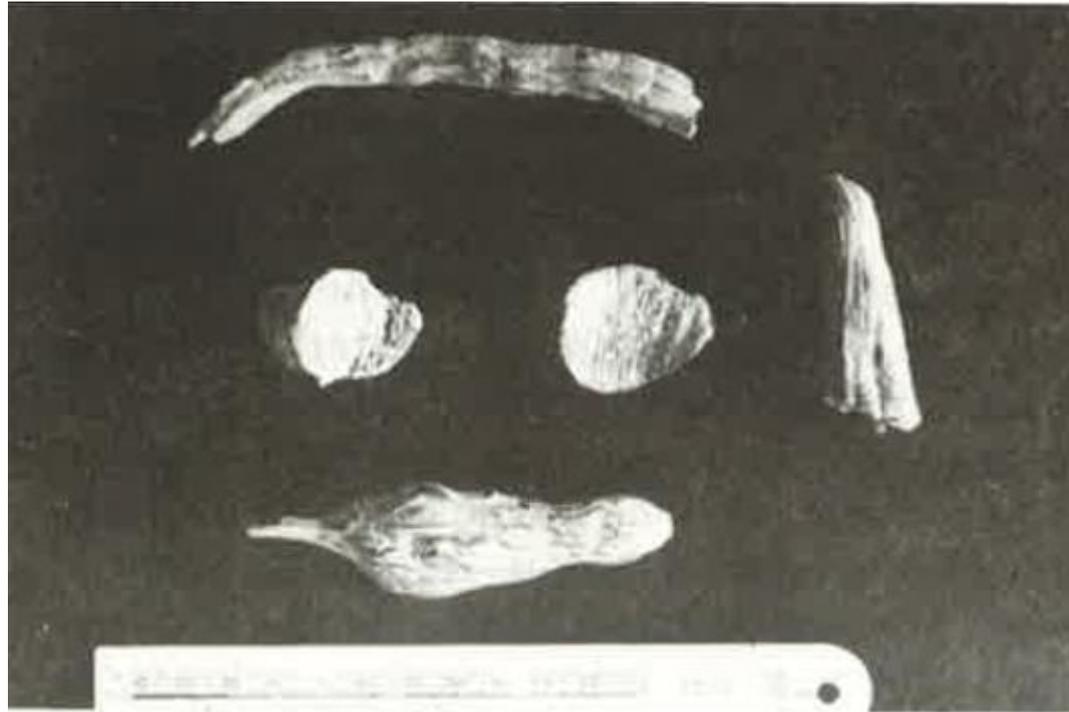


Conjunto de espigas amarradas pela palha, silo 1 do BQT.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de



Mandioca desidratada, os dois fragmentos ao centro foram ralados. Silo 1 do BQT.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- O suposto horizonte horticultor mais antigo – descrito como apresentando até 110cm de

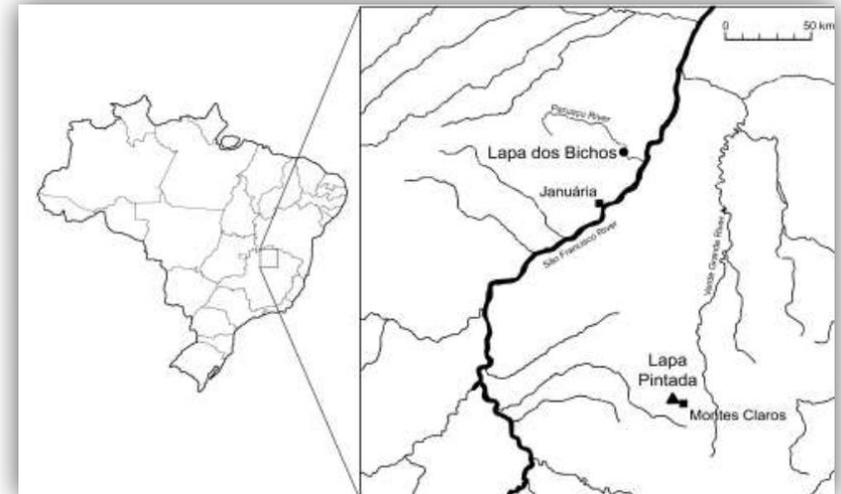
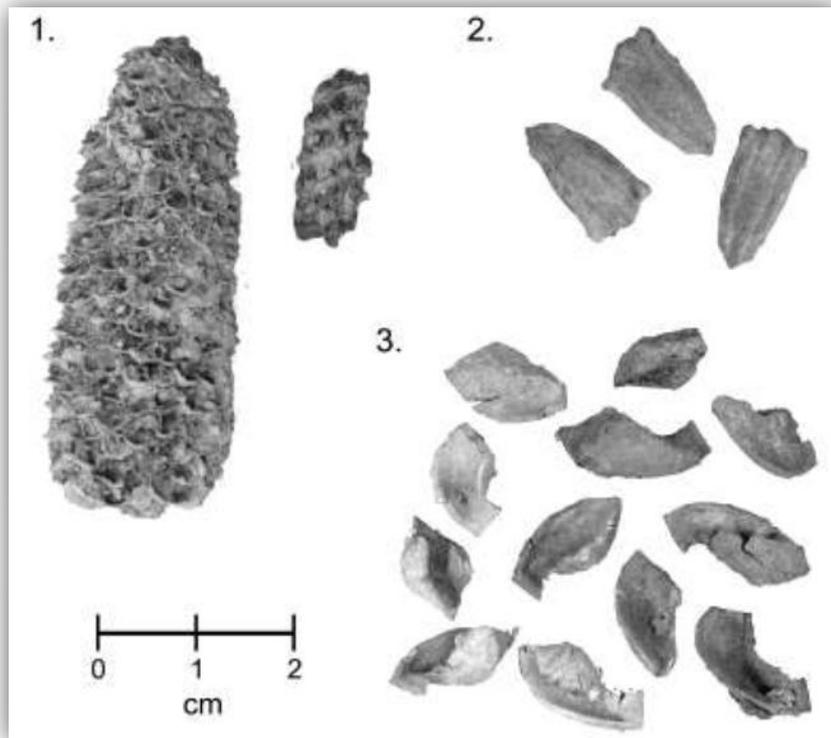


Fragentos de cabaça e de jatobá.

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

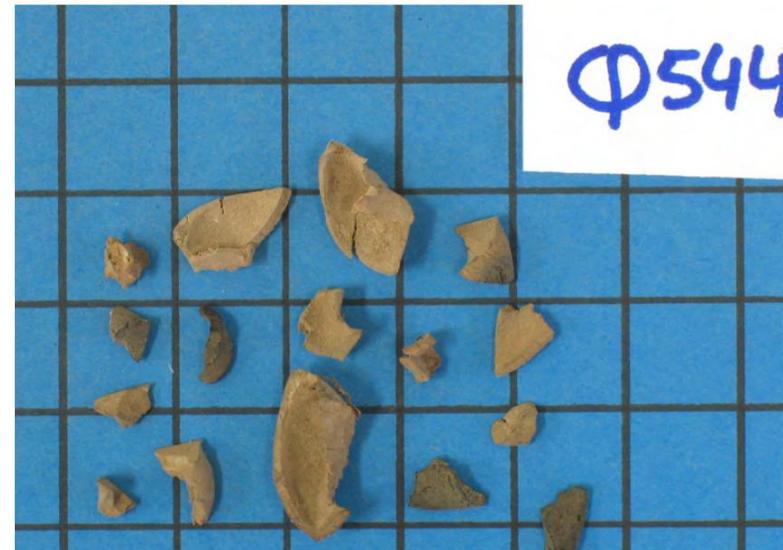
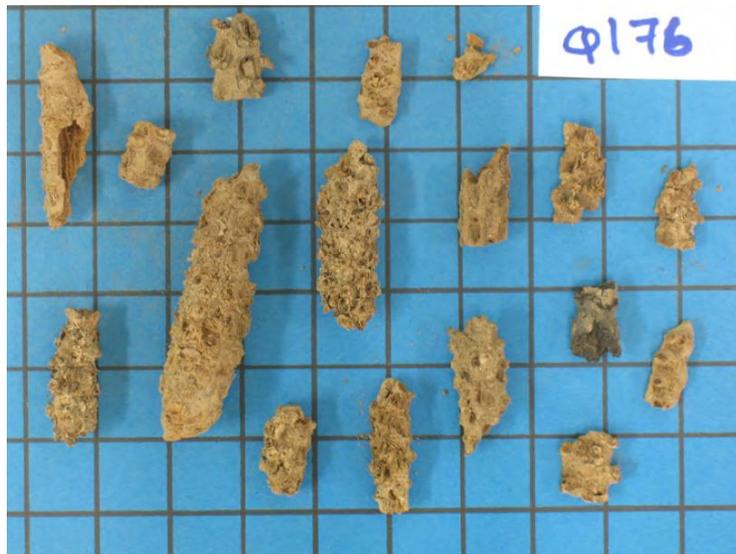
- Na Lapa dos Bichos (Peruaçu) e na Lapa Pintada (Montes Claros) foram identificadas as seguintes espécies domesticadas: Amendoim (*Arachis hypogaea*), abóbora (*Cucurbita spp.*), algodão (*Gossypium bardadense*), cabaça (*Lagenaria siceraria*), mandioca (*Manihot*), feijão (*Phaseolus vulgaris*) e milho (*Zea mays*).



Lapa dos Bichos, Peruaçu. 1 – Milho (*Zea mays*); 2 – Sementes de cabaça (*Lagenaria siceraria*); 3 - mandioca (*Manihot esculentata*).

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Na Lapa dos Bichos (Peruaçu) e na Lapa Pintada (Montes Claros) foram identificadas as seguintes espécies domesticadas: Amendoim (*Arachis hypogaea*), abóbora (*Cucurbita spp.*), algodão (*Gossypium bardadense*), cabaça (*Lagenaria siceraria*), mandioca (*Manihot*), feijão (*Phaseolus vulgaris*) e milho (*Zea mays*).



Lapa dos Bichos, Peruaçu. Milho (*Zea mays*) e mandioca (*Manihot esculentata*).

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Na Lapa dos Bichos (Peruaçu) e na Lapa Pintada (Montes Claros) foram identificadas as seguintes espécies domesticadas: Amendoim (*Arachis hypogaea*), abóbora (*Cucurbita spp.*), algodão (*Gossypium bardadense*), cabaça (*Lagenaria siceraria*), mandioca (*Manihot*), feijão (*Phaseolus vulgaris*) e milho (*Zea mays*).



Lapa dos Bichos, Peruaçu. Feijão (*Phaseolus vulgaris*) e amendoim (*Arachis hypogaea*).

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Na Lapa dos Bichos (Peruaçu) e na Lapa Pintada (Montes Claros) foram identificadas as seguintes espécies domesticadas: Amendoim (*Arachis hypogaea*), abóbora (*Cucurbita spp.*), algodão (*Gossypium bardadense*), cabaça (*Lagenaria siceraria*), mandioca (*Manihot*), feijão (*Phaseolus vulgaris*) e milho (*Zea mays*).



Lapa dos Bichos, Peruaçu. Abóbora (*Cucurbita spp.*) e algodão (*Gossypium bardadense*).

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Na Lapa dos Bichos (Peruaçu) e na Lapa Pintada (Montes Claros) foram identificadas as seguintes espécies nativas: noz de guariroba (*Syagrus oleracea*), maracujá (*Passiflora* spp.), jatobá (*Hymenaea* spp.), umbu (*Spondius tuberosa*) e pequi (*Caryocar brasiliensis*).



Umbu



Guariroba



Jatobá



Pequi



Maracuja

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Na Lapa dos Bichos (Peruaçu) e na Lapa Pintada (Montes Claros) foram identificadas as seguintes espécies nativas: noz de guariroba (*Syagrus oleracea*), maracujá (*Passiflora* spp.), jatobá (*Hymenaea* spp.), umbu (*Spondius tuberosa*) e pequi (*Caryocar brasiliensis*).



Umbu



Guariroba



Jatobá



Pequi



Maracujá

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Em conjunto a Lapa dos Bichos e a Lapa Pintada apresentam evidência mais confiável para a cronologia do cultivo de espécies domesticadas no Brasil central (27 datações radiocarbono).
- Ainda que possível presença marginal esteja presente desde possíveis 2000-4250 AP, é somente no nível 750-200 BP que mandioca, milho, algodão e cabaças aparecem de forma sistemática.

Lapa dos Bichos		Lapa Pintada	
150 – 750 BP (stratum 2)	manioc maize squash peanut common bean cotton bottle gourd		
750 - 2000 BP (stratum 3)	manioc maize cotton bottle gourd	800 BP, 1200 BP	maize manioc bottle gourd
2000 - 4250 BP (stratum 4)	bottle gourd manioc* lima bean*	4300 BP, 4400 BP	manioc bottle gourd
4250 - 6500 BP (stratum 5)	none	7000 BP	none

* Identification from very fragmentary remains

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Em conjunto a Lapa dos Bichos e a Lapa Pintada apresentam evidência mais confiável para a cronologia do cultivo de espécies domesticadas no Brasil central (27 datações radiocarbono).
- Ainda que possível presença marginal esteja presente desde possíveis 2000-4250 AP, é somente no nível 750-200 BP que mandioca, milho, algodão e cabaças aparecem de forma sistemática.

Lapa dos Bichos		Lapa Pintada	
150 – 750 BP (stratum 2)	manioc maize squash peanut common bean cotton bottle gourd		
750 - 2000 BP (stratum 3)	manioc maize cotton bottle gourd	800 BP, 1200 BP	maize manioc bottle gourd
2000 - 4250 BP (stratum 4)	bottle gourd manioc* lima bean*	4300 BP, 4400 BP	manioc bottle gourd
4250 - 6500 BP (stratum 5)	none	7000 BP	none

* Identification from very fragmentary remains

Jê

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

- Em conjunto a Lapa dos Bichos e a Lapa Pintada apresentam evidência mais confiável para a cronologia do cultivo de espécies domesticadas no Brasil central (27 datações radiocarbono).
- Ainda que possível presença marginal esteja presente desde possíveis 2000-4250 AP, é somente no nível 750-200 BP que mandioca, milho, algodão e cabaças aparecem de forma sistemática.

Lapa dos Bichos		Lapa Pintada	
150 – 750 BP (stratum 2)	manioc maize squash peanut common bean cotton bottle gourd		
750 - 2000 BP (stratum 3)	manioc maize cotton bottle gourd	800 BP, 1200 BP	maize manioc bottle gourd
2000 - 4250 BP (stratum 4)	bottle gourd manioc* lima bean*	4300 BP, 4400 BP	manioc bottle gourd
4250 - 6500 BP (stratum 5)	none	7000 BP	none

* Identification from very fragmentary remains

Cultivo no Cerrado – A Lapa do Boquete (BQT), Vale do Peruaçu

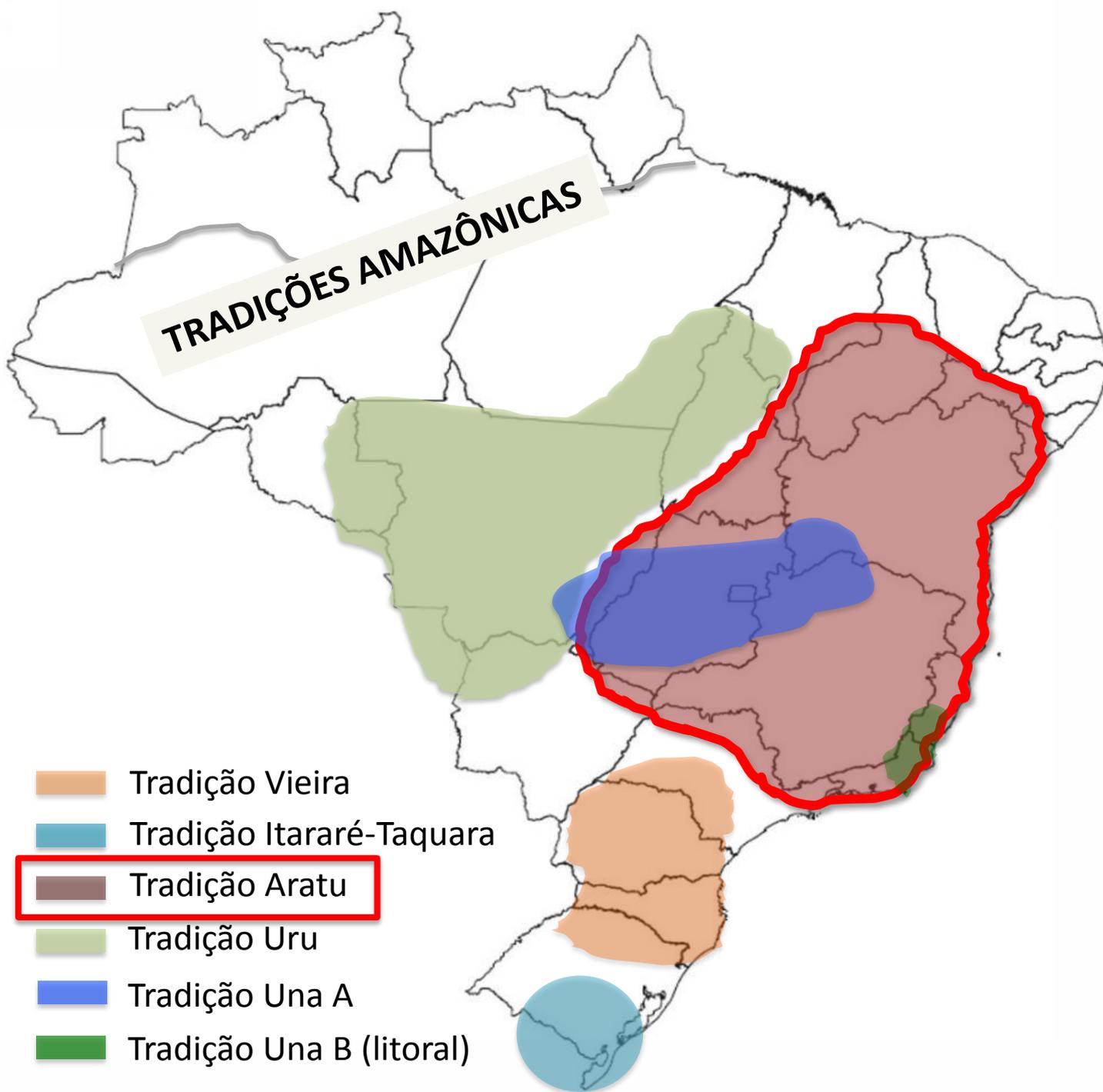
- Em conjunto a Lapa dos Bichos e a Lapa Pintada apresentam evidência mais confiável para a cronologia do cultivo de espécies domesticadas no Brasil central (27 datações radiocarbono).
- Ainda que possível presença marginal esteja presente desde possíveis 2000-4250 AP, é somente no nível 750-200 BP que mandioca, milho, algodão e cabaças aparecem de forma sistemática.

RELAÇÃO CERÂMICA/AGRICULTURA

Lapa dos Bichos = muito cerâmica
Lapa Pintada = quase nenhuma cerâmica.

A introdução de plantas domesticadas no Brasil Central

- Não foi centro de domesticação - Distante de Mesoamérica, Andes, Amazônia)
- Chegada de espécies domesticadas através da Amazônia
- Lapa dos Bichos e Lapa Pintada (MG) (Shock & Knipis 2015):
 - Cultivo de abóbora, cabaça e mandioca domesticada a partir de 4400
 - Cultivo de milho a partir de c. 2000-750 AP
 - Cultivo de amendoim, algodão e feijão a partir de c. 750-150 AP
 - Espécies domesticadas foram introduzidas por difusão cultural, não há evidências de migração (a cultura material permanece a mesma ao longo de todo o período de ocupação dos sítios)
- Santana do Riacho (MG): milho há 2800-4500 AP
- São Raimundo Nonato (PI): feijão e amendoim há 1600-1200 AP



Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.

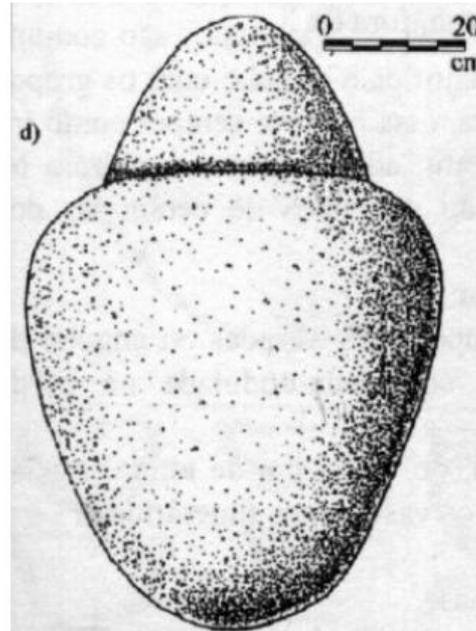


Vasilha cerâmica, conhecida como forma de caju. Sítio Neves, Município de São Mateus, ES.

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Urna funerária com o seu opérculo, escavada por Calderón do sítio Guipe, Centro Industrial de Aratu, no Recôncavo baiano. Imagem extraída de MARTIN: 1996: 185.

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Urna funerária de São Félix do Coribe.



A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Representação esquemática de processo de degradação pós-deposicional da urna funerária.

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Vasilhas cerâmicas associadas à Tradição Aratu, Sítio Neves, Município de São Mateus, ES.

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

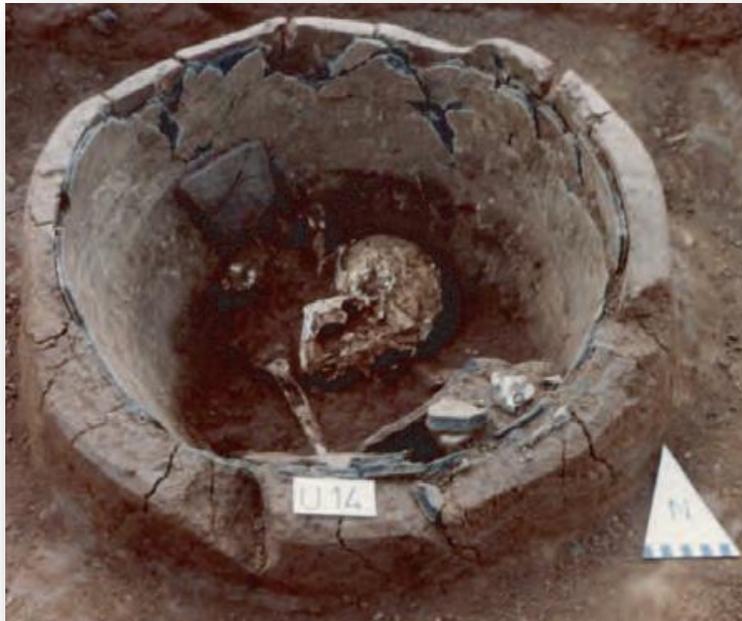
- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roetado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



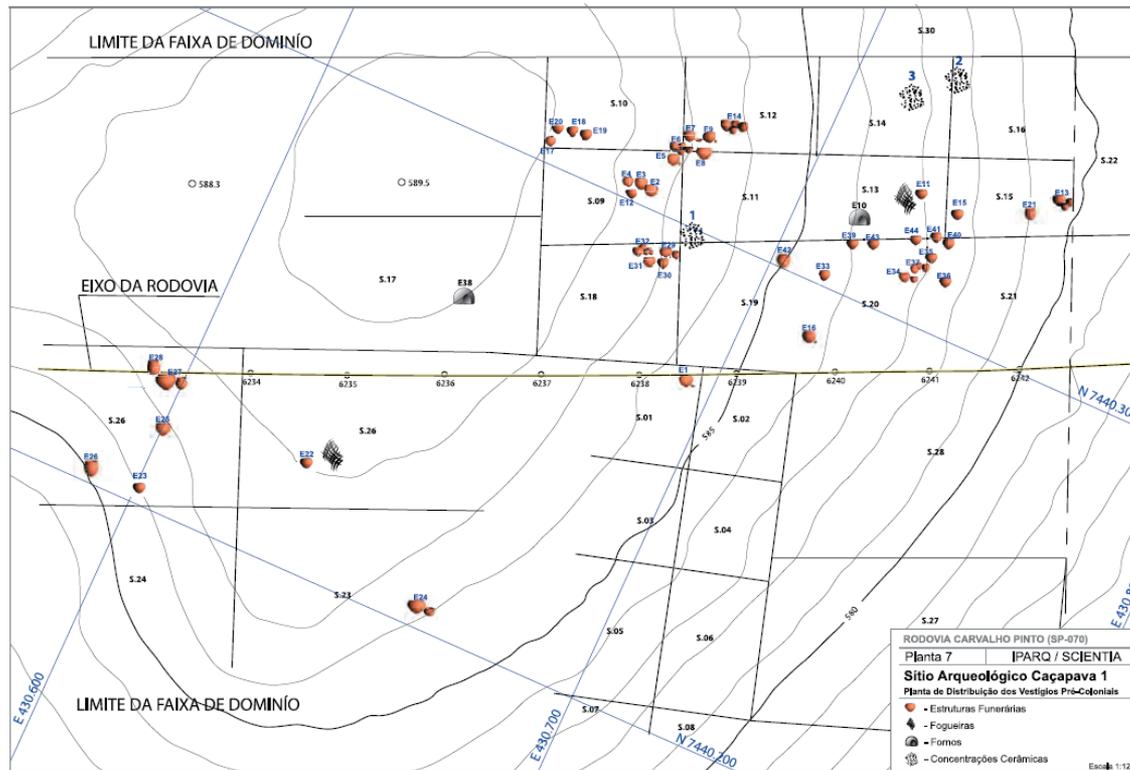
Urnas funerárias do Sítio Caçapava 1, resgate Rodovia Carvalho Pinto, Vale do Paraíba, São Paulo



Sítio Caçapava 1 – Datações obtidas por Beta Analytic Inc.					
Nº Amostra	Procedência	Método	Idade	Período (AP)	Período (AD)
166256	Urna 09	AMS	870±40 AP	910 a 690	1040 a 1260
166257	Urna 11	AMS	660±40 AP	670 a 550	1280 a 1400
166255	Urna 07	AMS	620±40 AP	660 a 540	1290 a 1410
166259	Urna 42	C14	610±50 AP	660 a 530	1290 a 1420
166258	Urna 22	AMS	600±60 AP	670 a 520	1280 a 1430
166260	Estrutura 10 (forno)	C14	590±50 AP	660 a 520	1290 a 1430

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Urnas funerárias do Sítio Caçapava 1, resgate Rodovia Carvalho Pinto, Vale do Paraíba, São Paulo

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.

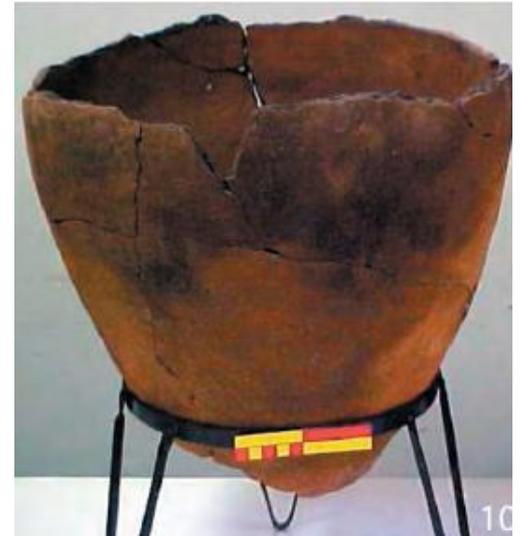


Remontagem das urnas funerárias do Sítio Caçapava 1, resgate Rodovia Carvalho Pinto, Vale do Paraíba, São Paulo

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.

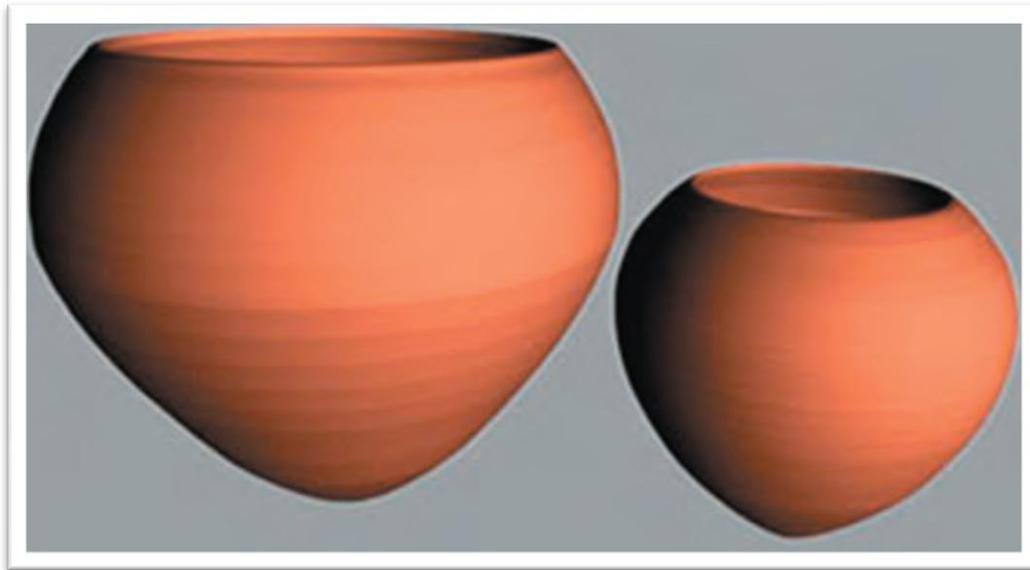


Remontagem das urnas funerárias do Sítio Caçapava 1, resgate Rodovia Carvalho Pinto, Vale do Paraíba, São Paulo

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



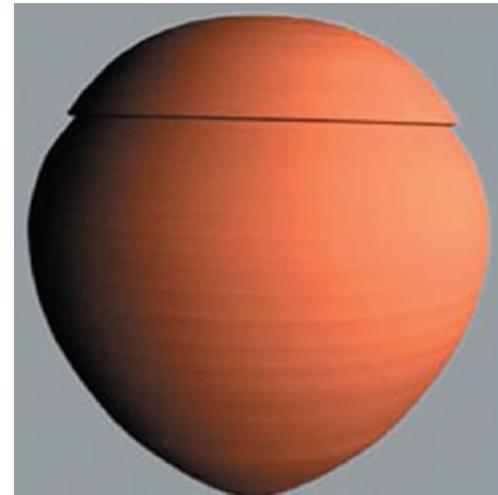
Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



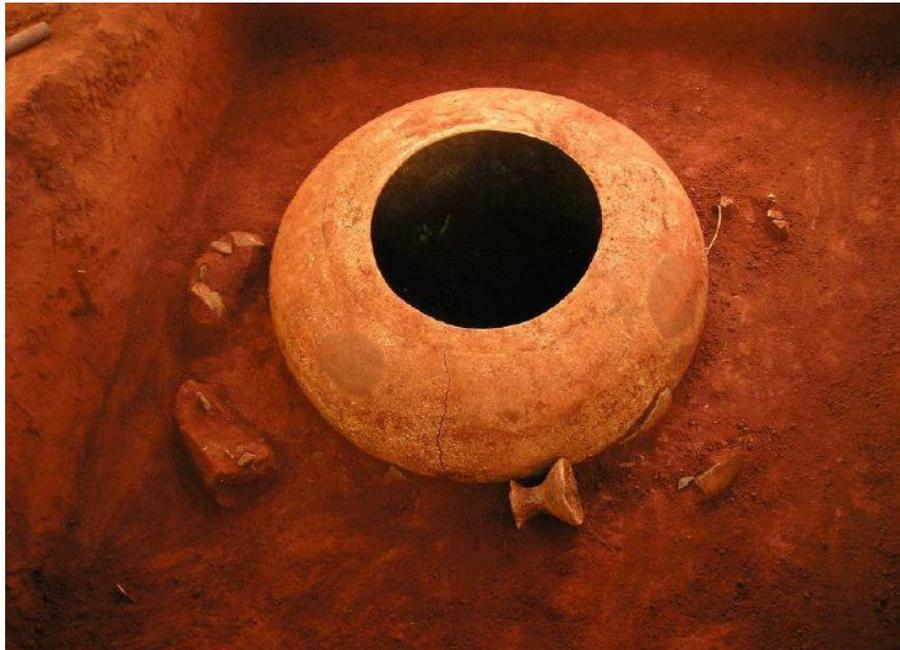
Urna com acompanhamento funerário



Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.

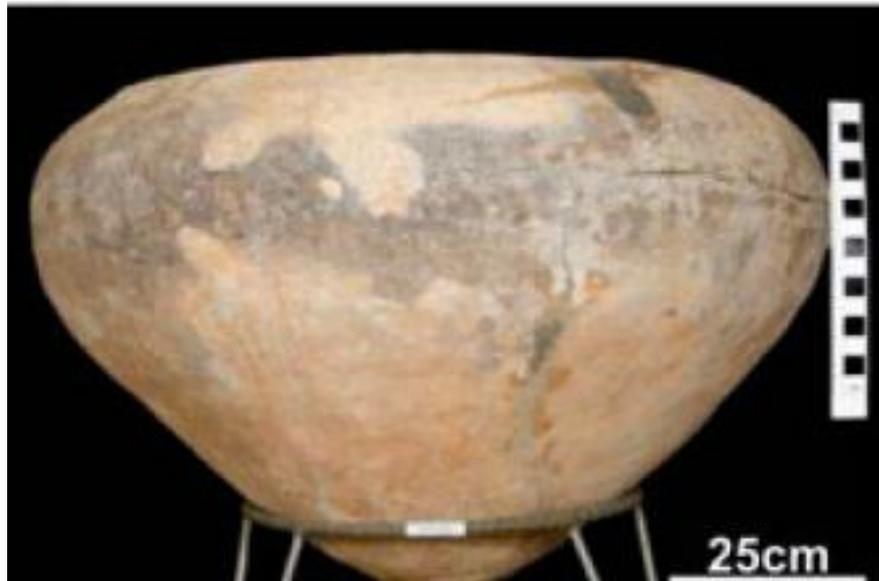


Urna escavada no Sítio do Inhame, município de Iguatama. (Foto: Camila Jácome/Adriano Leão).

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Urna funerária da região de Arcos. Foto: Marcos Gohm

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roetado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Urna funerária com provável proveniência da Serra do Vicente, Baturité, Ceará.
Acervo do Museu do Ceará – Fortaleza

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Urna funerária escavada no sítio Light. Foto gentilmente cedida pela arqueóloga Cláudia Queiroz responsável do Núcleo de Arqueologia de Jacareí. Reproduzido de Rodrigues 2011

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Vasilha globular com restrição da região do alto São Francisco. Foto: Igor Rodrigues

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

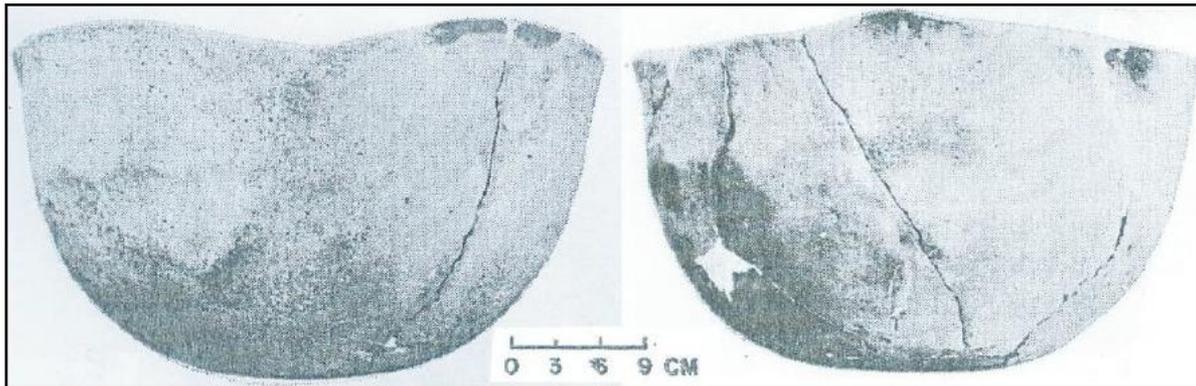
- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.

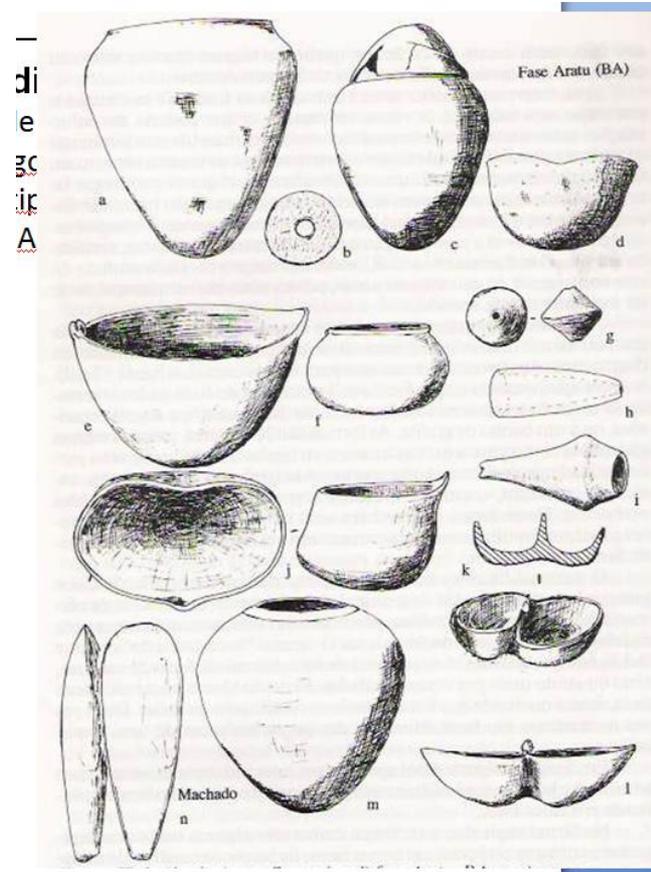


Vasilhame com borda ondulada vista de ângulos diferentes. Calderón 1969, apud Rodrigues 2011

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roletado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.

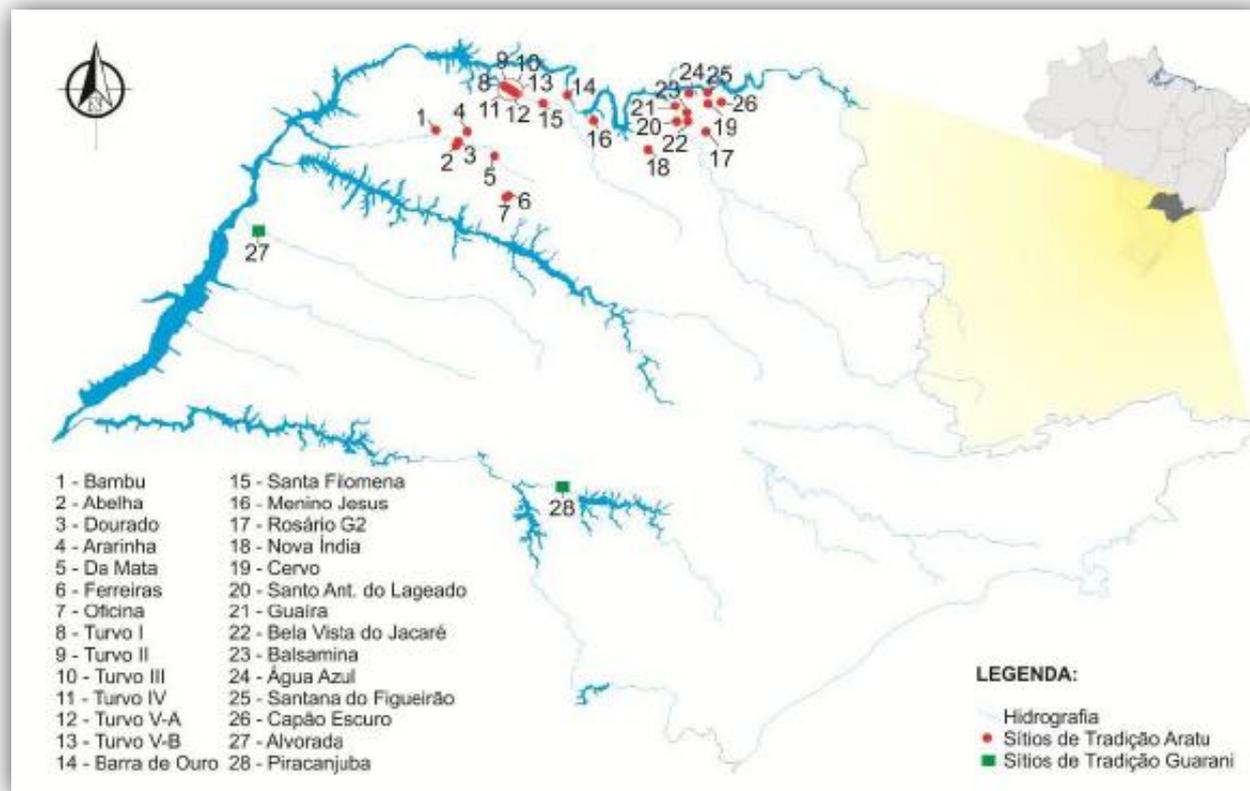


Sítio Água Vermelha (Esq-dir): escavação da urna corrugada e da urna lisa ao lado da urna com ombros. Perfil da urna pequena com ombros e lábios cuidadosamente suprimidos. No quadro amarelo, detalhe das contas ósseas da urna com ombros. Fonte: Fotos de Luydy Fernandes

Jê

A origem das grandes aldeias circular – Tradição Aratu

- Vasilhas periforme (forma típica), cônicas e globulares de perfil simples e quase nenhuma decoração plástica ou pintada; superfícies alisadas ou engobo de grafite
- Produzido pela técnica do roetado/acordelado com antiplástico mineral ou caraipé.
- Recipientes geminados também são típicos da Tradição Aratu.



Sítios Arqueológicos associados à Tradição Aratu no norte do estado de São Paulo e Sítios Guarani com presença de vasilha dupla.

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- **Urnas funerárias**

- Enterramentos primários em posição fetal (fletido)
- Idosos, adolescentes, adultos, jovens, crianças e recém nascidos
- Tamanho da urna varia conforme a idade do indivíduo a ser enterrado nela
- Isoladas ou em grupo (de até 100 urnas) sempre fora dos sedimentos pretos e escuros que caracterizam a base das residências (palhoças)
- Acompanhamento funerário (machados de pedra, fusos cerâmicos etc.)

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- **Urnas funerárias**

- Piriformes e globulares
- 70-75 cm de altura/ 60 cm de diâmetro
- Superfície alisada sem decoração
- Ocasionalmente pátina de grafite ou engobo vermelho
- Alguns casos de decoração
corrugada-ondu
...influência/ cor



c
u



Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- Tradição definida por Valentin Calderón (1971, Pronapa) no recôncavo Baiano
- Extensão
 - Piauí, Maranhão, Bahia, Minas Gerais, Goiás e São Paulo
- Limite Oeste: vale do Rio Araguaia
- Limite Norte: vale do Rio Tocantins

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

Their [Aratu tradition] villages, in circular or elliptical form, were located on flat and fertile land, adjacent to creeks of some importance, or, actually, in proximity to the Bonito River. The reasons for this choice should have been linked to the necessity for flat surface to locate their homes and large villages, the fertile soils for fields, the soil humidity sufficient for the full maturation of cultivated plants during the rainy period, and the permanent water to meet the needs of a population of hundreds of peoples (Schmitz et al., 1986:330, apud Shock, 2010)

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

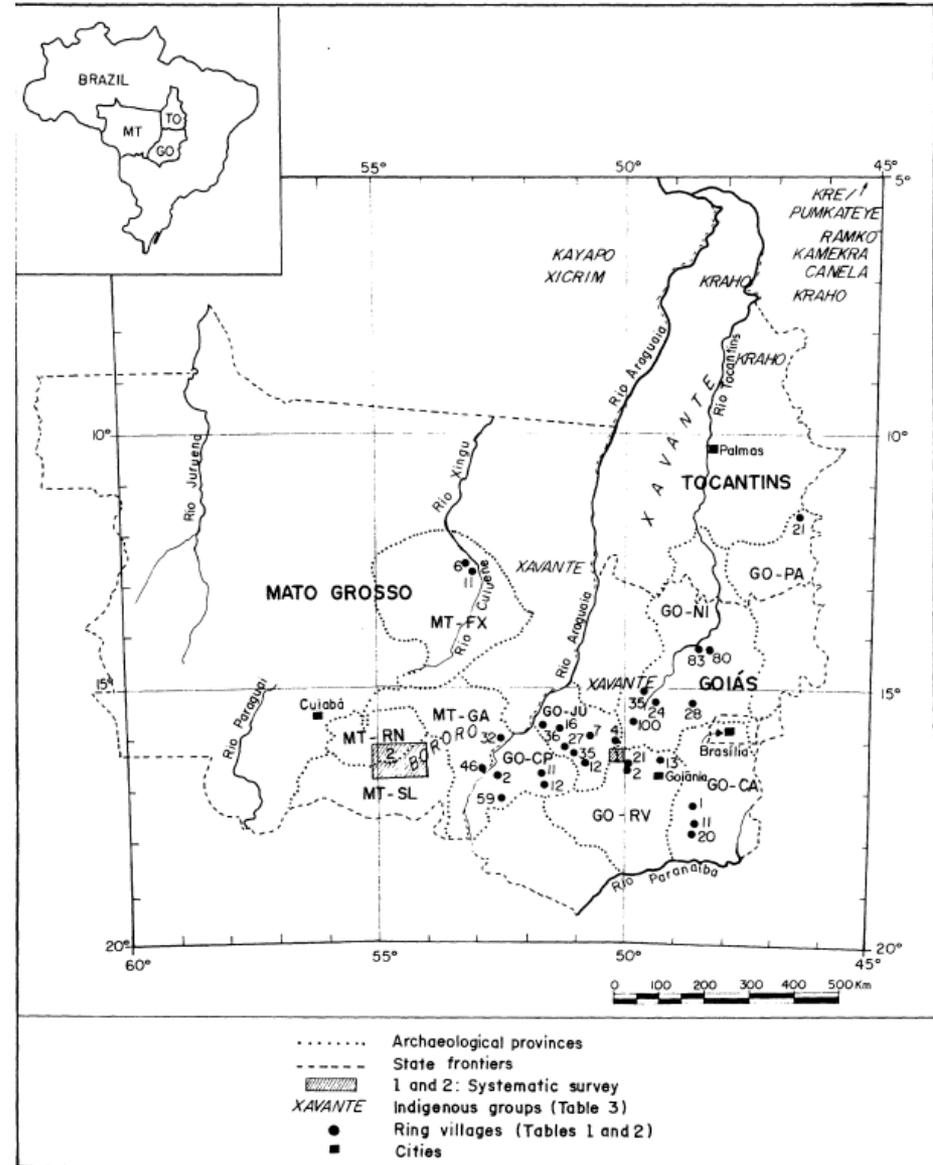
From the way these horticultural populations structured space, it was interpreted that features such as fields and settlements would have marked their territories, instead of pictographs in rock shelters, in part explaining the absence of their ceramics from the rock shelters (Schmitz et al. 1986).

Possível que fossem ancestrais dos Kayapó

Jê

Origem das grandes aldeias – Aratu e Uru

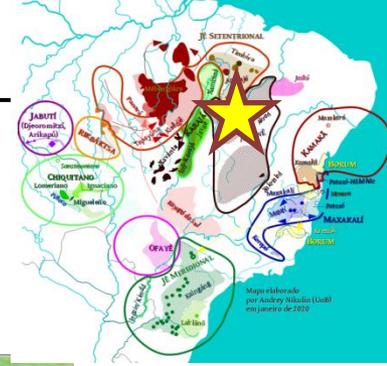
- Distribuição no Brasil central



Jê

Arqueologia das Aldeias Circular

- Aldeia abandonada Xavante



Origem das grandes aldeias – Aratu e Uru

- Vasil

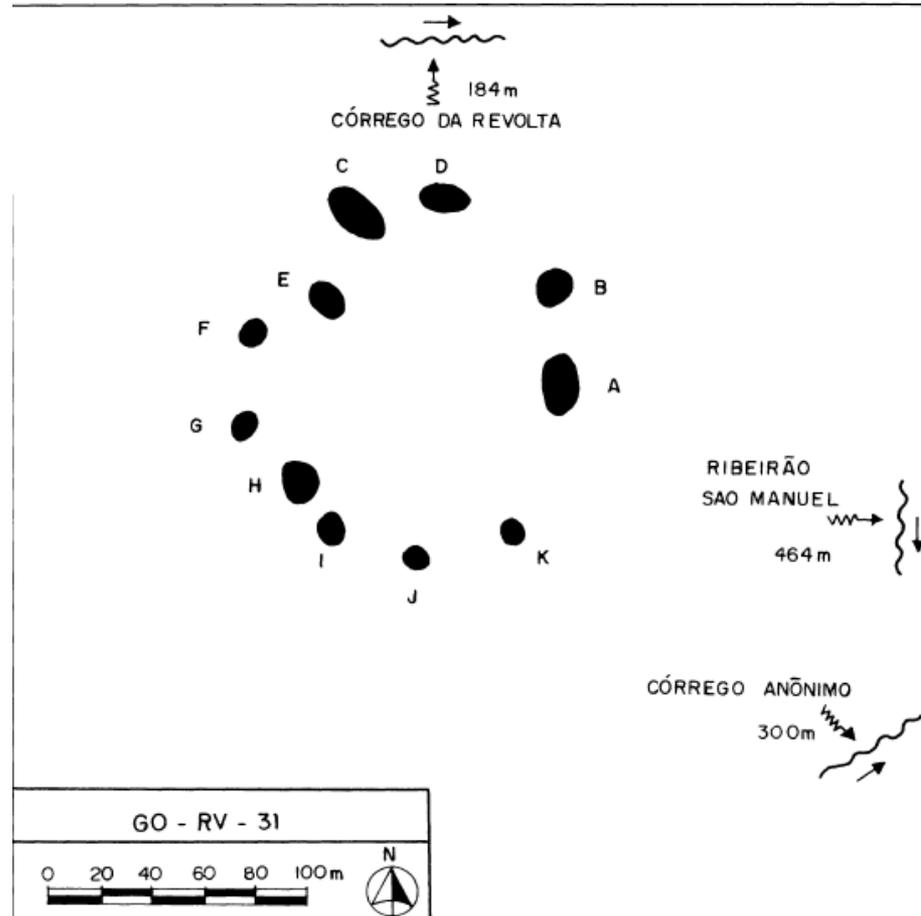


Figure 8. Plan of site GO-RV-31 (redrawn from Wüst 1983 II:156).

Origem das grandes aldeias – Aratu e Uru

- Vasil

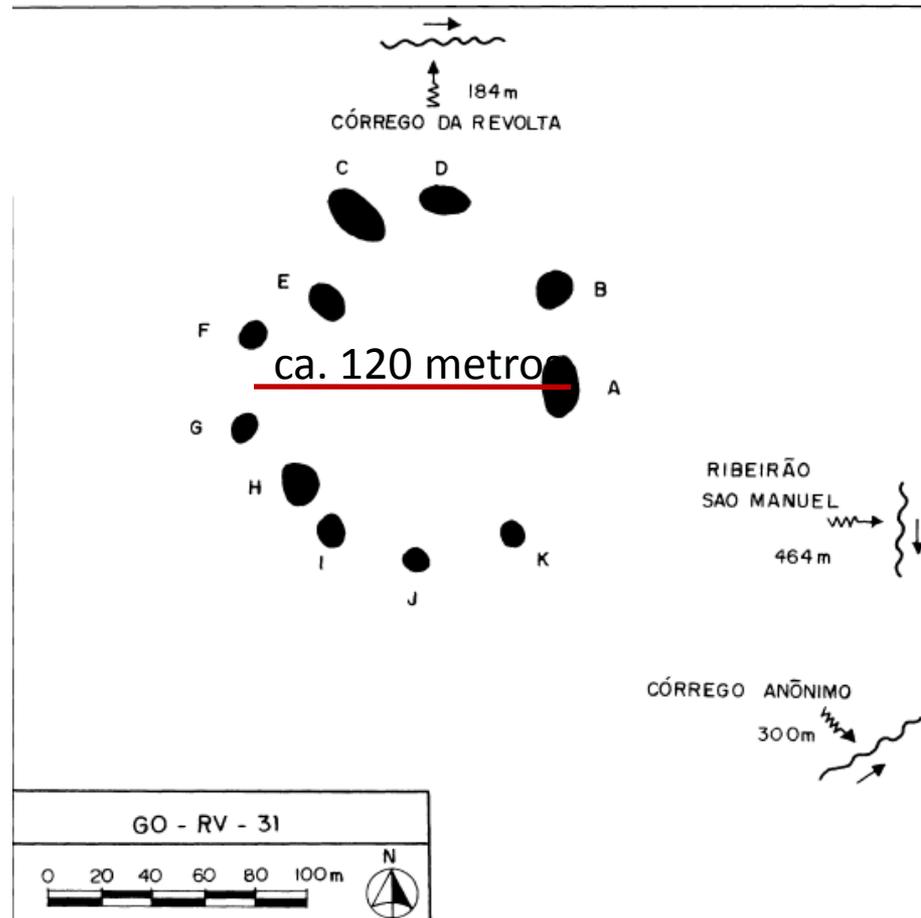


Figure 8. Plan of site GO-RV-31 (redrawn from Wüst 1983 II:156).

Origem das grandes aldeias – Aratu e Uru

- Vasil

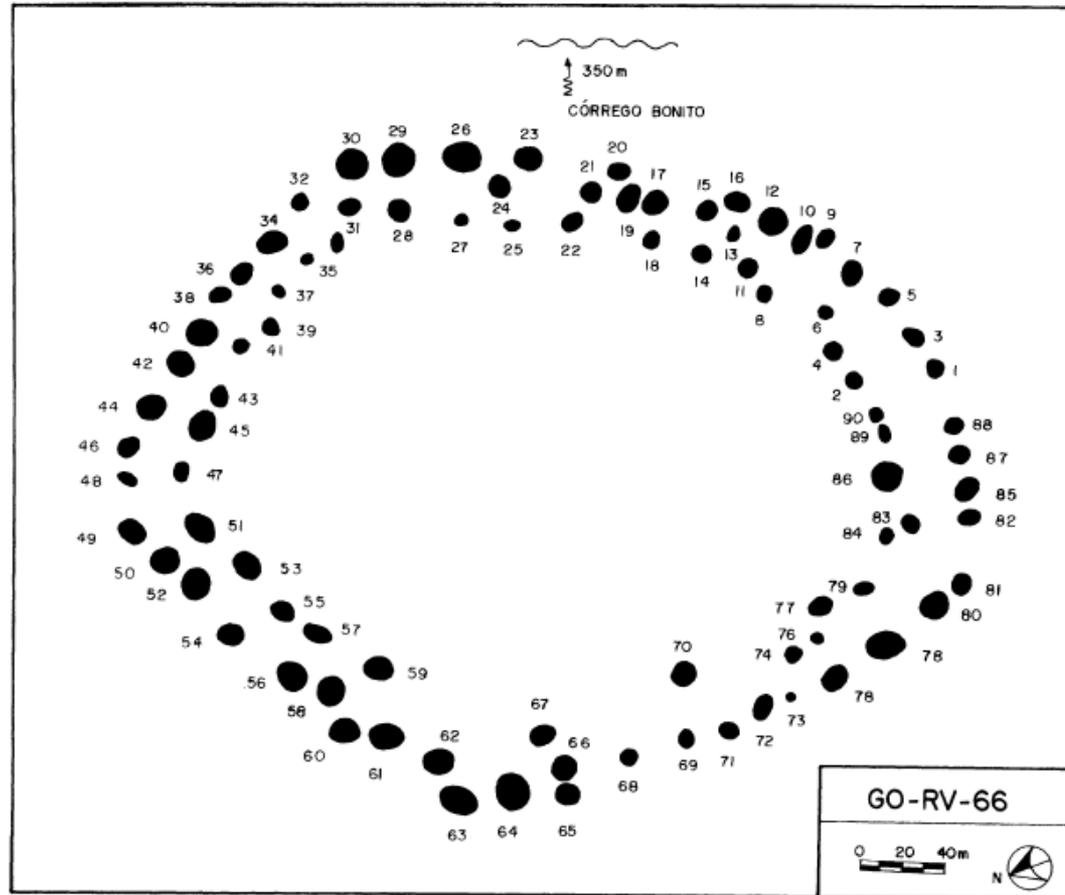


Figure 9. Plan of site GO-RV-66 (redrawn from Wüst 1983 II:54).

Origem das grandes aldeias – Aratu e Uru

- Vasil

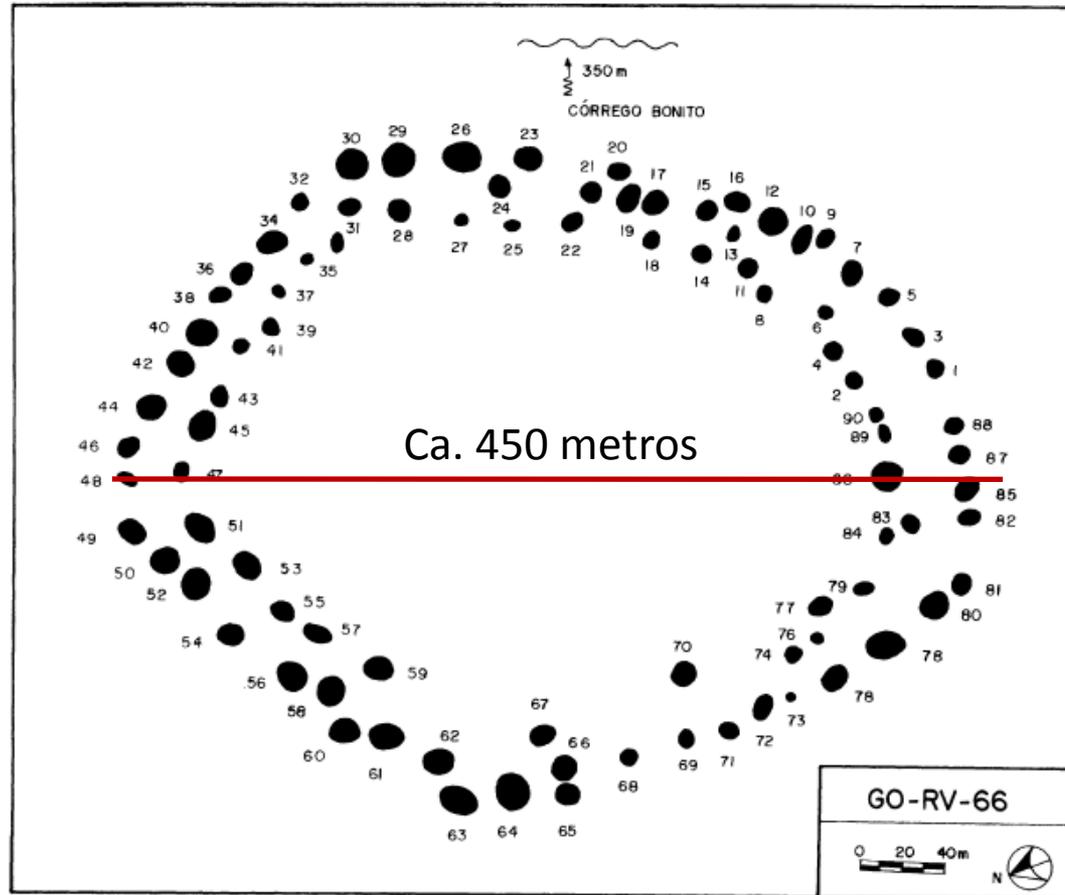


Figure 9. Plan of site GO-RV-66 (redrawn from Wüst 1983 II:54).

Jê

Origem das grandes aldeias – Aratu e Uru - Vasil

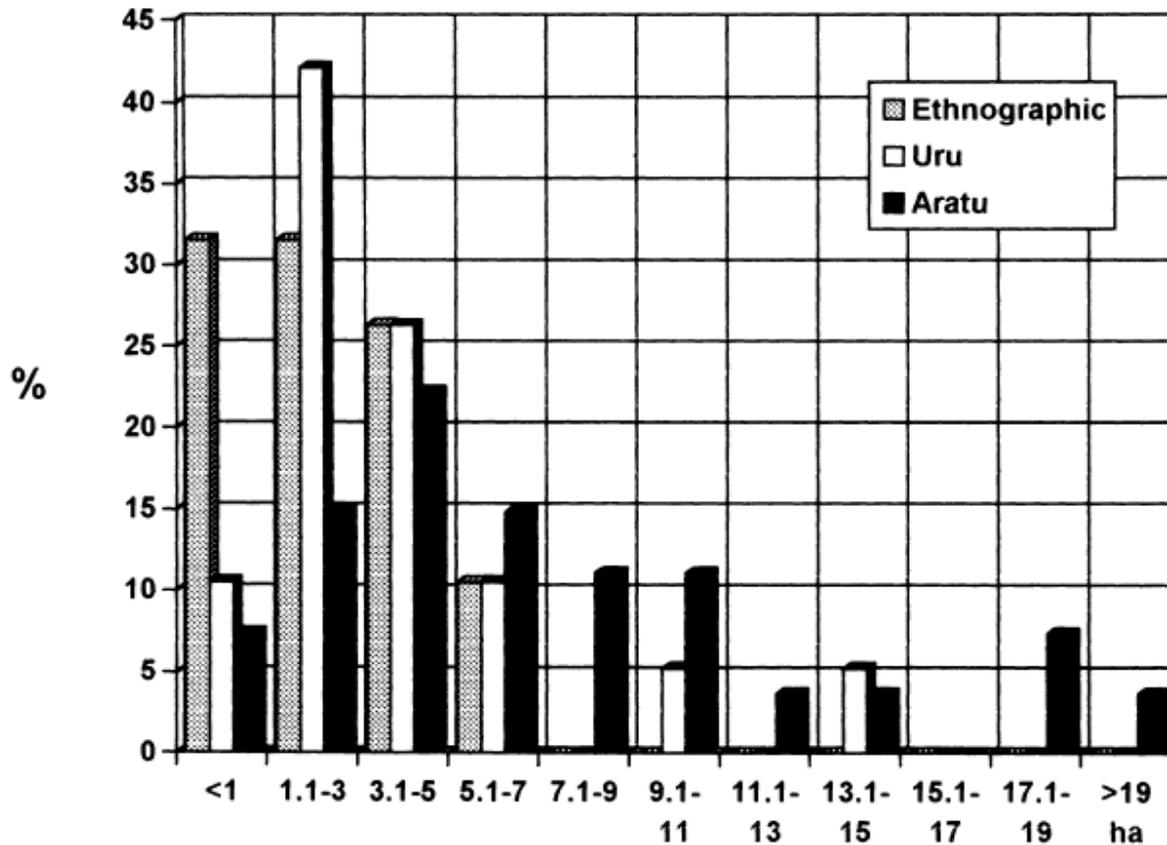
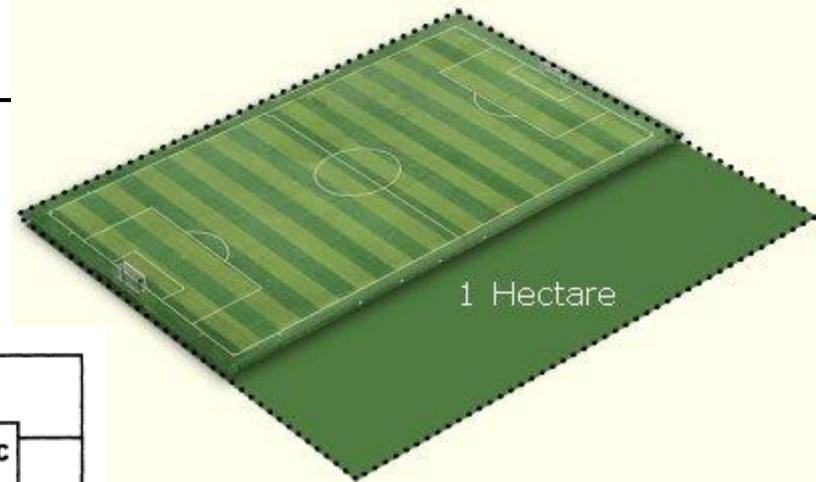
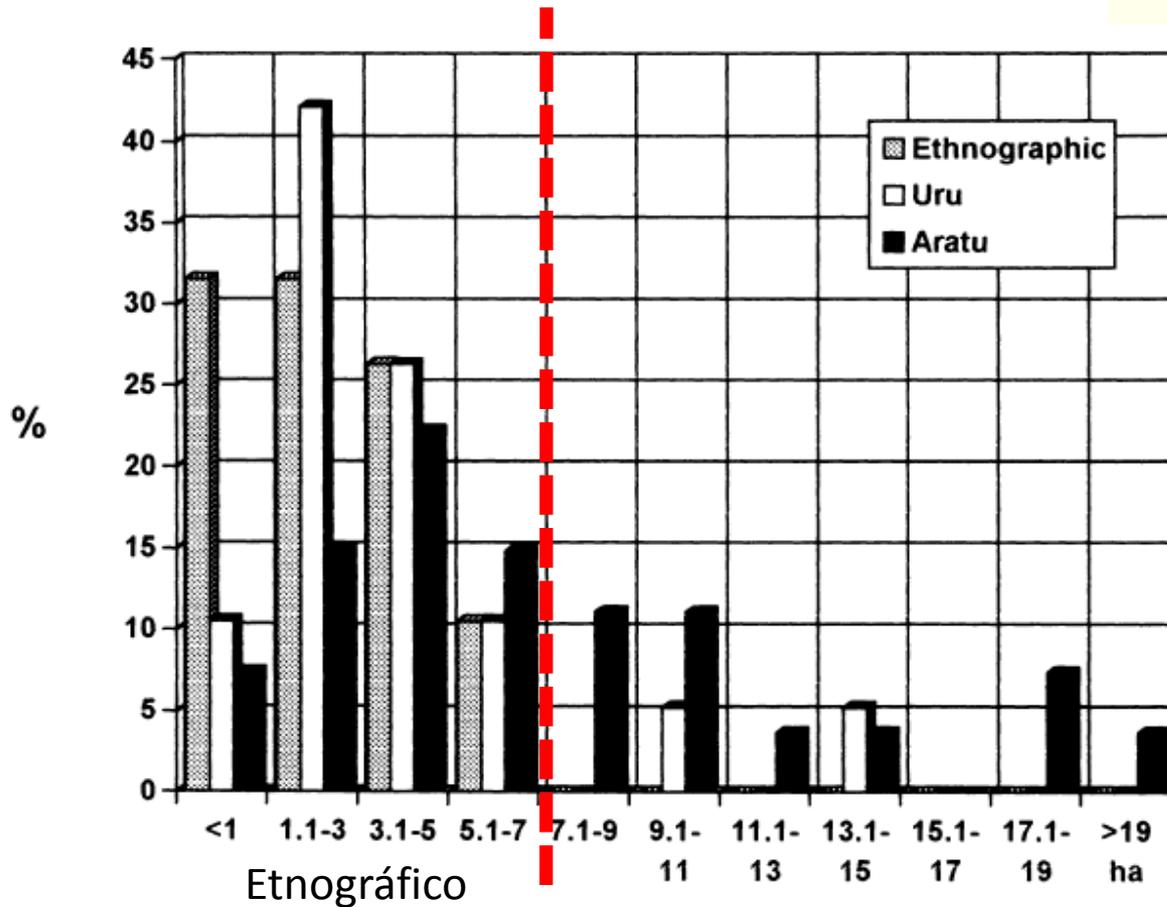
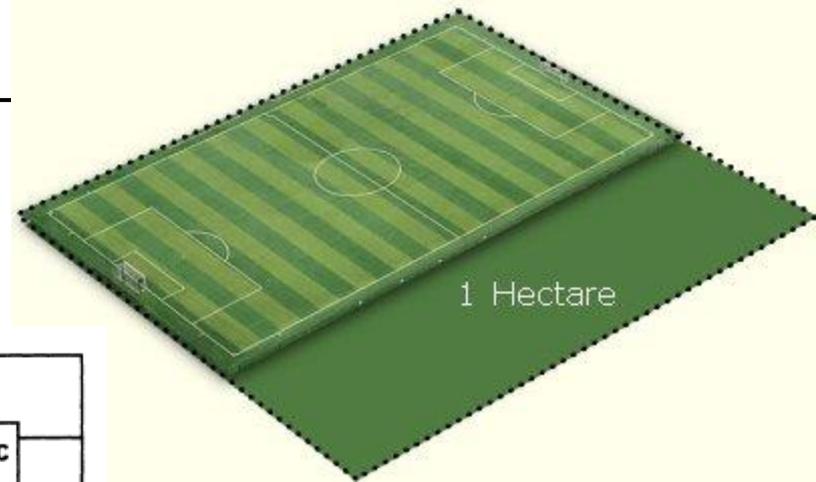


Figure 10. Compared size of archaeological and ethnographic ring villages.

1 hectare = 10.000 m²

Origem das grandes aldeias – Aratu e Uru - Vasil



1 hectare = 10.000 m²

Figure 10. Compared size of archaeological and ethnographic ring villages.

As aldeias circulares dos grupos Macro-Jê

Uru e Aratu

- **Aldeias circulares**
 - Mais de 500 m de diâmetro
 - 1 a 3 anéis concêntricos de casas que circundavam uma praça central
 - Organização do espaço se mantém nos grupos Jê etnográficos, como *Bororo*, *Kayapó* e *Xavante*
 - Podiam habitar mais de 1000 pessoas
 - Os cemitérios com centenas de urnas são adjacentes às aldeias ou podem também estar dentro delas
 - Deixam no registro arqueológico grandes manchas de sedimentos pretos de até 1 m de espessura

- **Aldeias circulares**

- Praça central

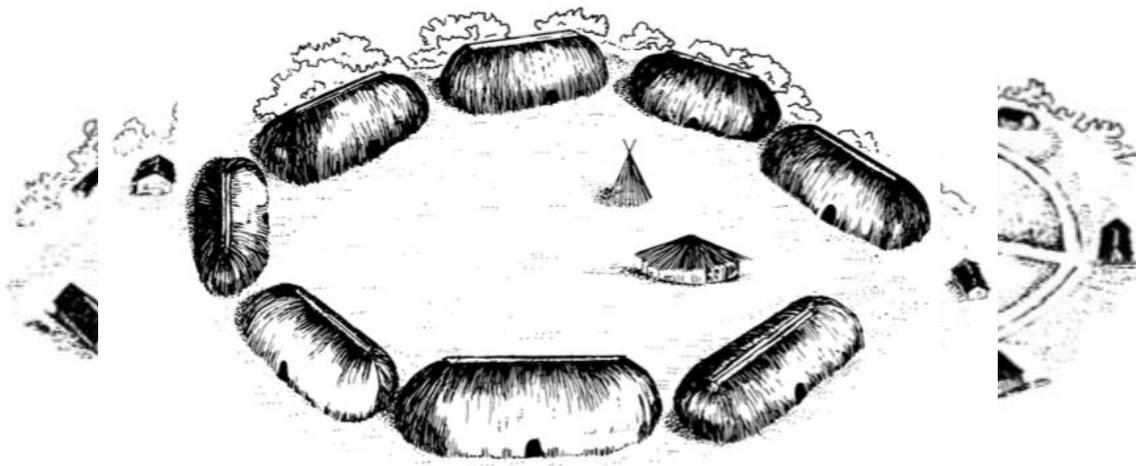
Colinas circulares com até 2 linhas concêntricas



3 tipos de aldeias circulares são descritas nas etnografias

(Wüst & Barreto 1999):

1. Casas relativamente pequenas a escassa distancia uma da outra (exemplo: os *Krahó*). Múltiplos anéis de casas
2. Casas formando um anel, mais próximas umas das outras (exemplo: *Kayapó*, *Bororo* e algumas aldeias *Xavante*). Múltiplos anéis de casas. Ocasionalmente possuem casas centrais para os homens
3. Algumas casas multi-familiares muito próximas formando um circulo (exemplo: grupos do alto Xingú). Casas centrais para os homens



As aldeias circulares dos grupos

Macro-Jê Uru e Aratu

ORIGEM

2 Hipóteses

1. **Origem autóctone: desenvolvimento local a partir dos grupos caçadores-coletores da região com posterior influência de grupos de áreas externas (Wüst 1990)**
2. **Origem alóctone: migração de grupos ceramistas e horticultores provenientes da Amazônia (Robrahn-Gonzalez 1996)**

Origem das aldeias circulares

- **Hipótese 1:** provavelmente amazônica...mas... (Wüst 1990)
 - As evidências arqueológicas de migrações vindas da Amazônia ainda estão ausentes
 - O padrão das aldeias circulares do Brasil Central é diferente das aldeias descritas nos assentamentos da Amazônia
 - Diferenças na linguagem, sistemas sociais e mitologia dos grupos Jê do Brasil central com grupos da Amazônia
 - Se as aldeias circulares do Brasil central foram importadas da Amazônia, então por que são tão diferentes dos assentamentos da Amazônia?
- Evidência arqueológica aponta a origem local, resultado de pressões sofridas pelos grupos do Brasil central (e.g. pressão pelos Tupi) e crescimento demográfico que motivaram a organização da população em comunidades mais estruturadas (Wüst & Barreto 1999)

Origem das aldeias circulares

- **Hipótese 2: Amazônia** (Robrahn-Gonzalez 1996)
 - Sítios semelhantes associados à Tradição Incisa-Ponteada (Arawak) da Amazônia
 - Artefatos associados à Tradição Uru se encontram em contextos etnográficos da Amazônia
 - Sítios do alto Xingu integram cerâmicas da Amazônia e do Centro-Oeste
 - Grandes aldeias se estabelecem em ambientes diferentes dos sítios líticos de caçadores-coletores (exploração de ambientes distintos)
- Vales dos rios Xingu e Tapajós usados como eixos de penetração

Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas

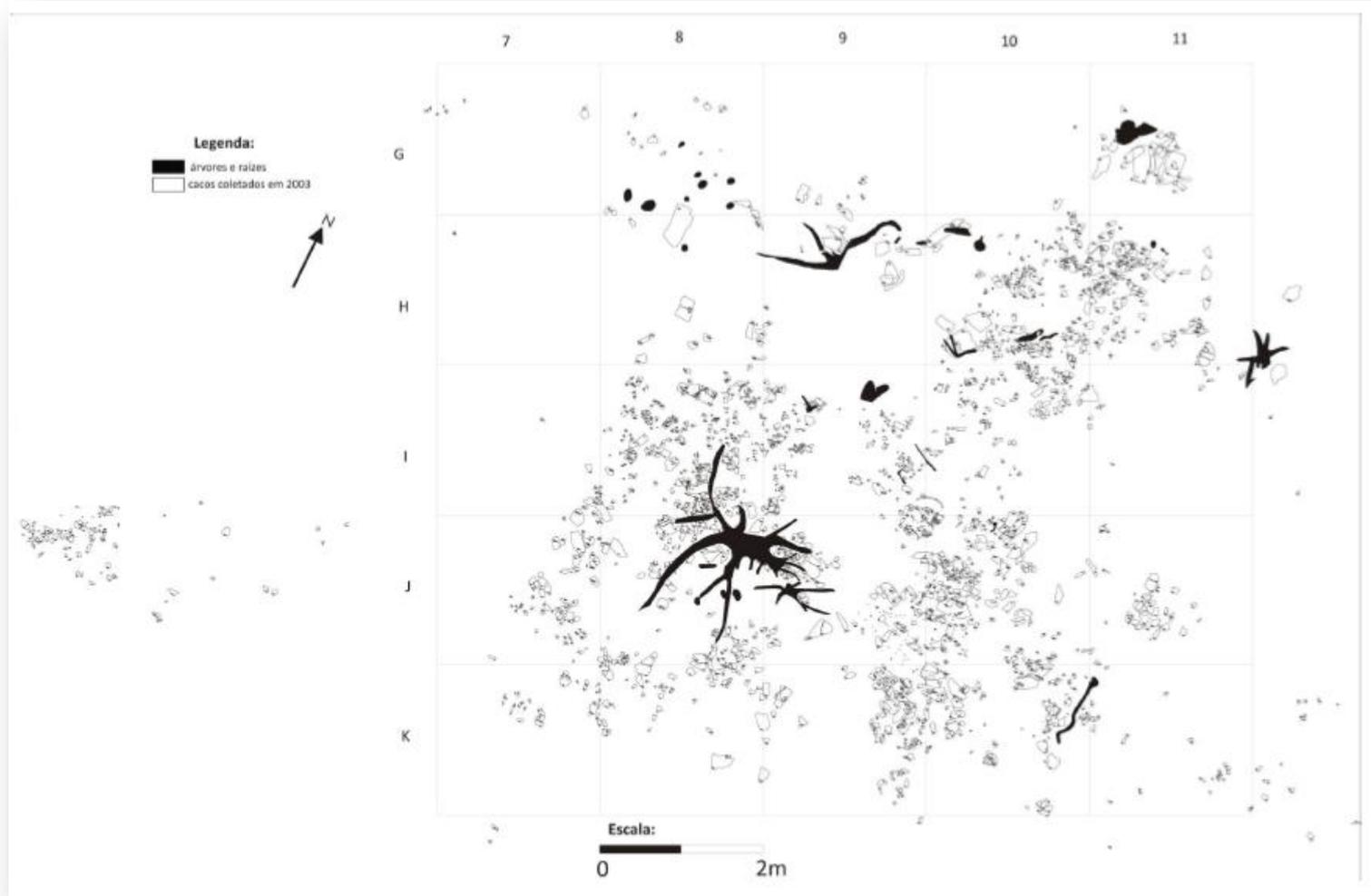


Grandes fargmentos de cerâmica encontrados no sítio Veredas III, Lagoa Santa, Minas Gerais.

Jê

Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas



Croqui esquemático indicando a posição de milhares de fragmentos de cerâmica.

Jê

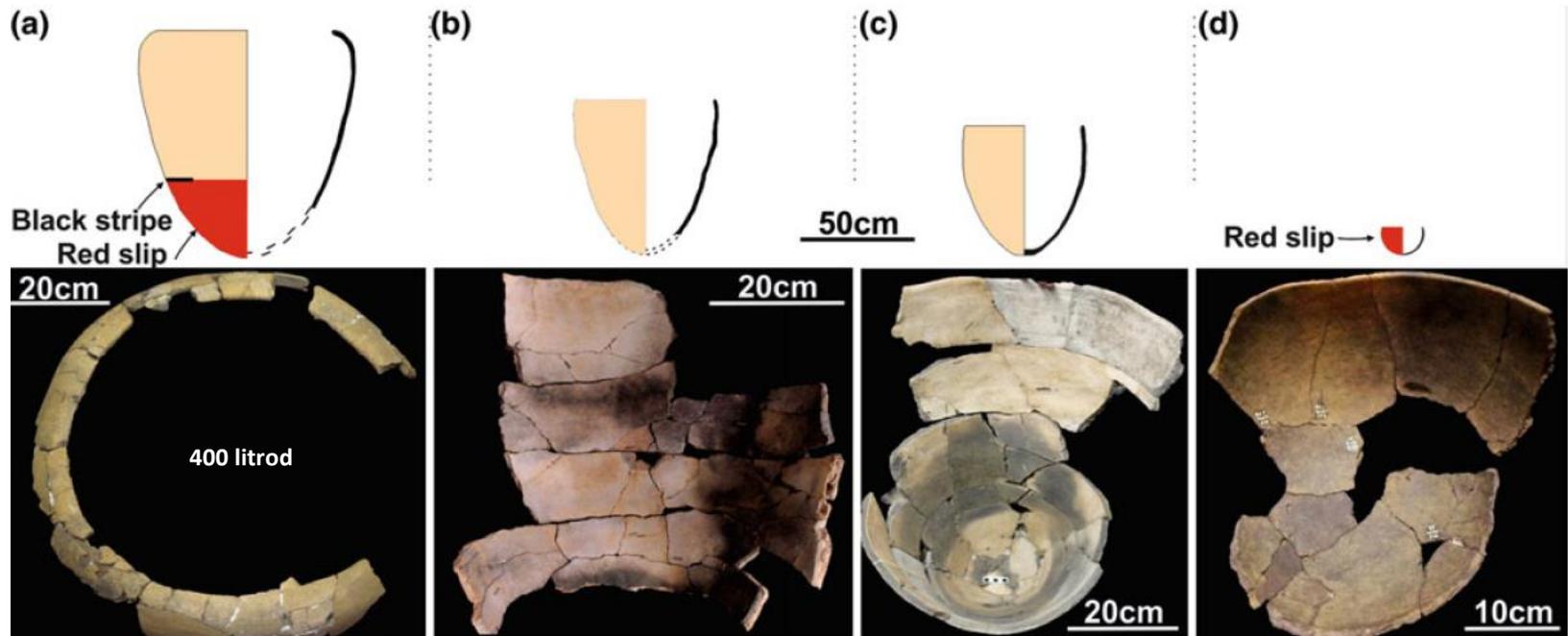
Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas



Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas



Vasilhas do sitio Veredas III. Foto: Igor Rodrigues

Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas



Cerâmica com tempero de caco moído.



Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas



Cerâmica Aratu com cauixi – tempero ou 'natural'?



Jê

Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas



Bola de argila não queimada

Jê

Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

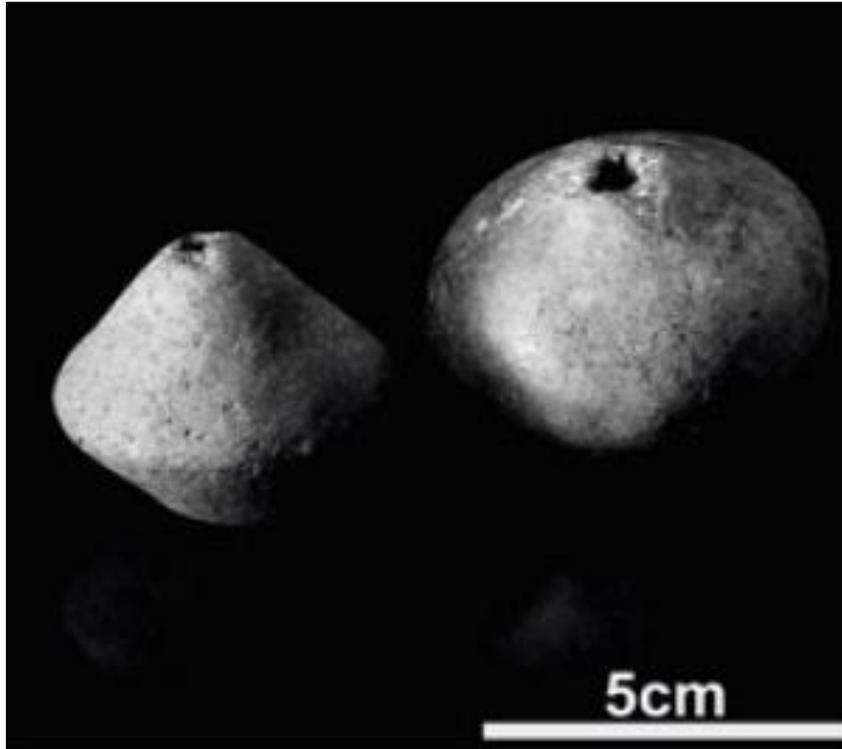
- Vasilhas



Cachimbos tubulares do estado de Minas Gerais. Foto: Gustavo Souza

Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas

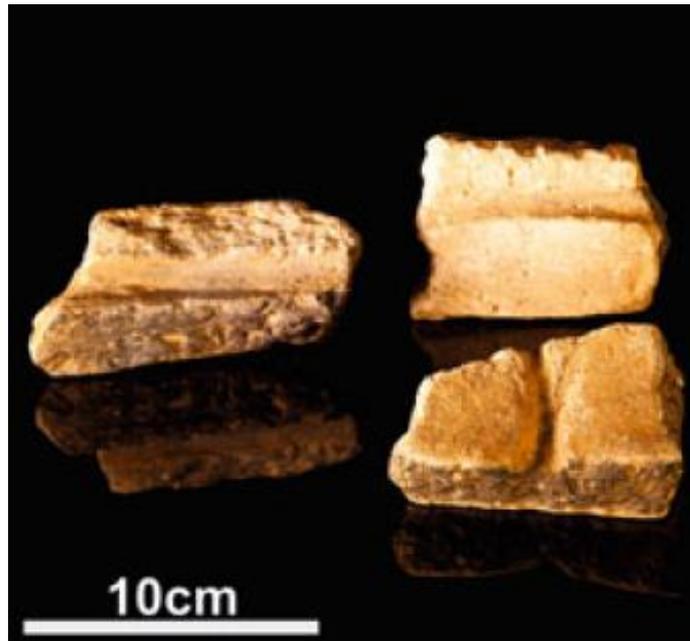


Rodela de tortual de fusos. Foto: Maurício de Paiva



Fora das grandes aldeias – Veredas III (Lagoa Santa)

- Vasilhas



Fragmentos de cerâmica utilizados para calibrar/enretar flechas. Foto: Maurício de Paiva

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

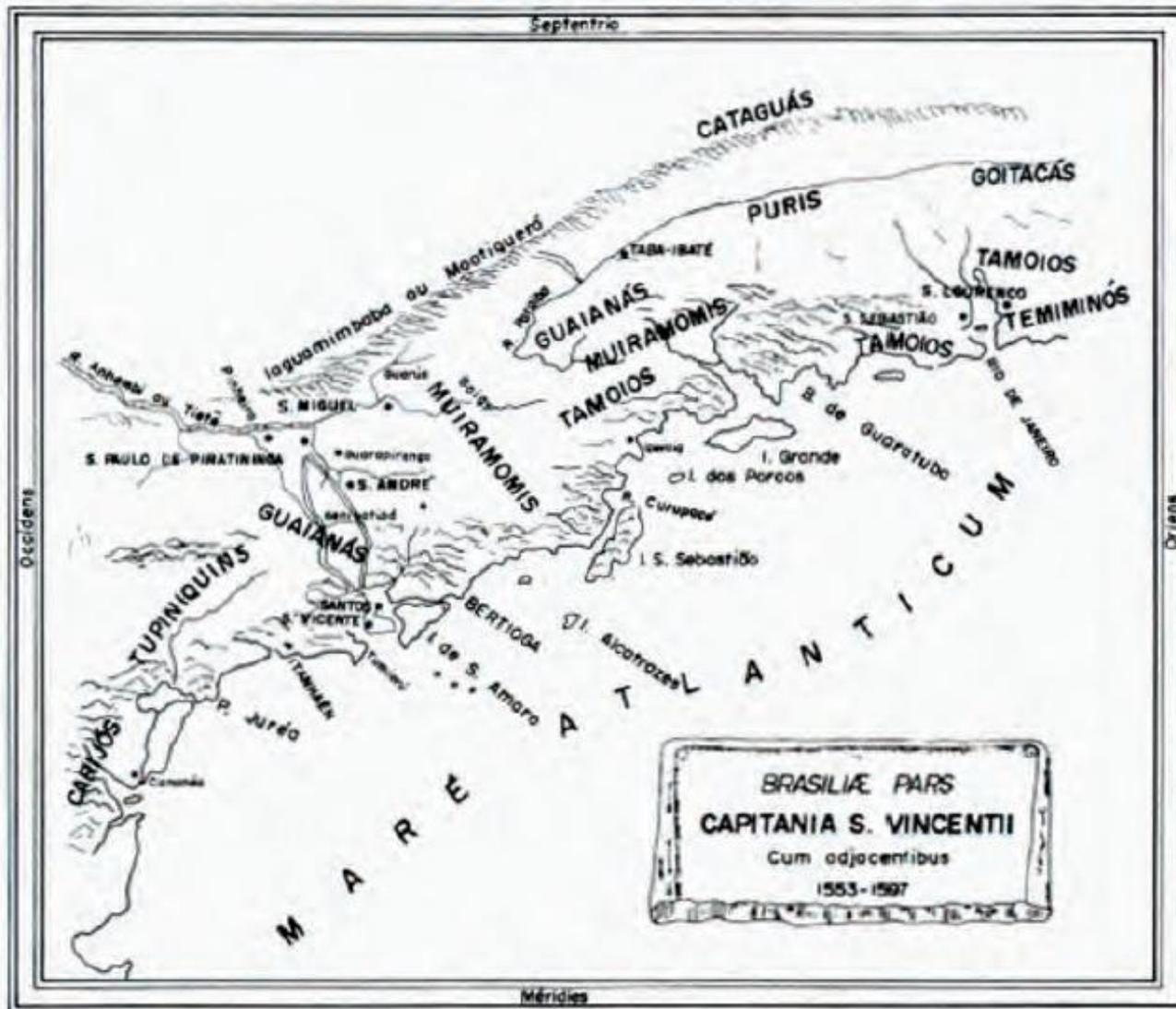
- Primeiros agricultores-ceramistas do Brasil central e nordeste
- Chegada ao Brasil central no século VIII-IX
- Chegam ao nordeste no século IX até o século XV
- Habitavam biomas de Cerrado e Mata Atlântica
- Sem evidências arqueológicas de assentamentos na Caatinga e no semiárido nordestino
- Agricultores de milho e batata

Legenda	
	Trechos navegáveis
	Trechos de pouca navegabilidade
	Obstáculos à navegação

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâm

- Ca



Índios no Vale do Paraíba no século XVI. Fonte: ORTIZ, 1988

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

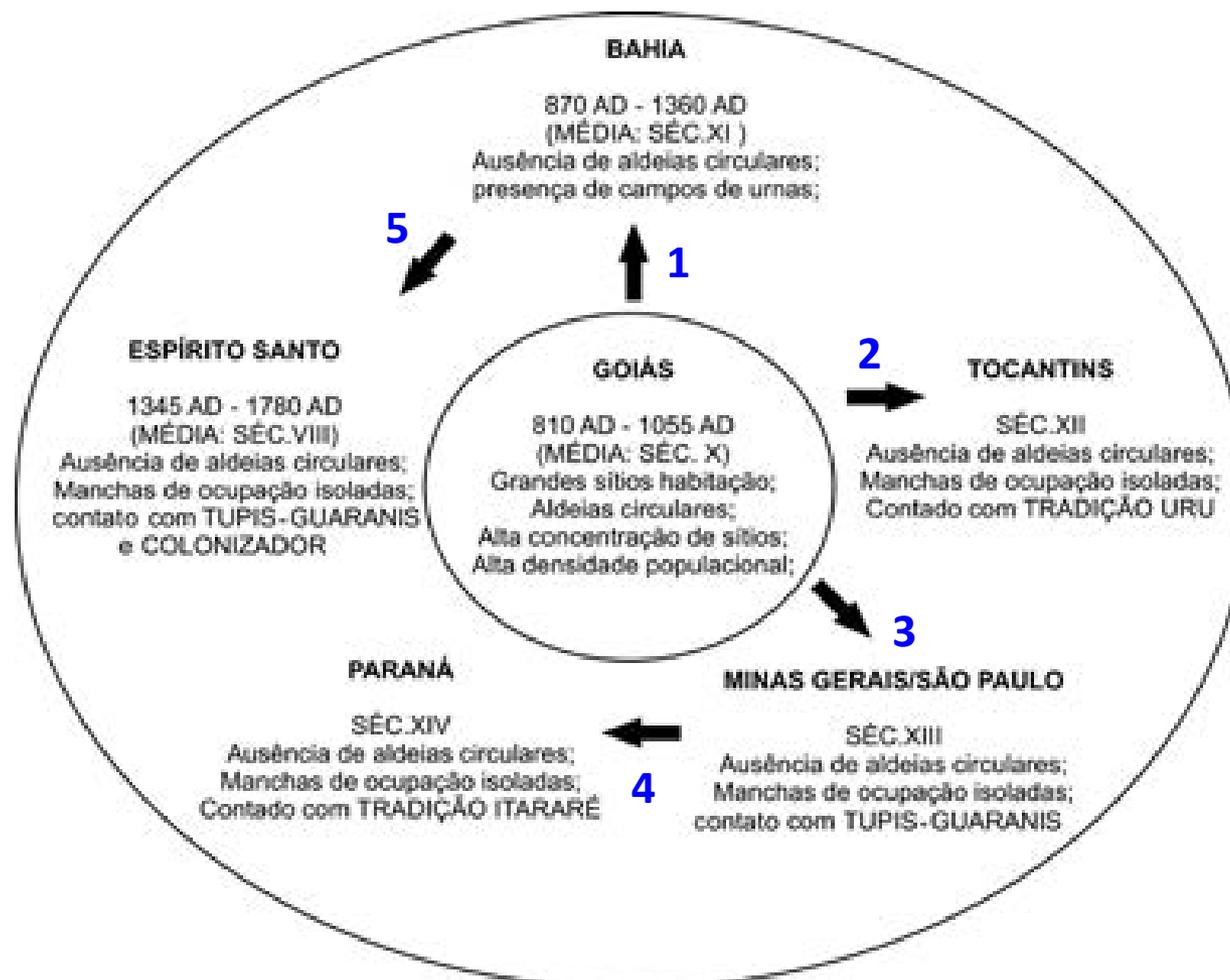
Cerâmica Aratu

- Origem externa ao Brasil Central: na **Amazônia?**
(Brochado 1981; Robrahn-Gonzalez 1996)
 - ***Não se associam aos ceramistas da Tradição Una***
 - Padrão de assentamento diferente dos ceramistas Una
1. Rota de migração sentido Oeste-Leste do Amazonas/Rondônia, cruzando as redes fluviais do Tapajós, Xingu e Araguaia
 2. Uma parte seguindo em direção o Nordeste
 3. Outra descendo até o sul de Goiás, norte de São Paulo e Minas Gerais pelo vale do São Francisco
 4. Chegaram à costa do Espírito Santo vindos da Bahia em tempos tardios (1700 AD)

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

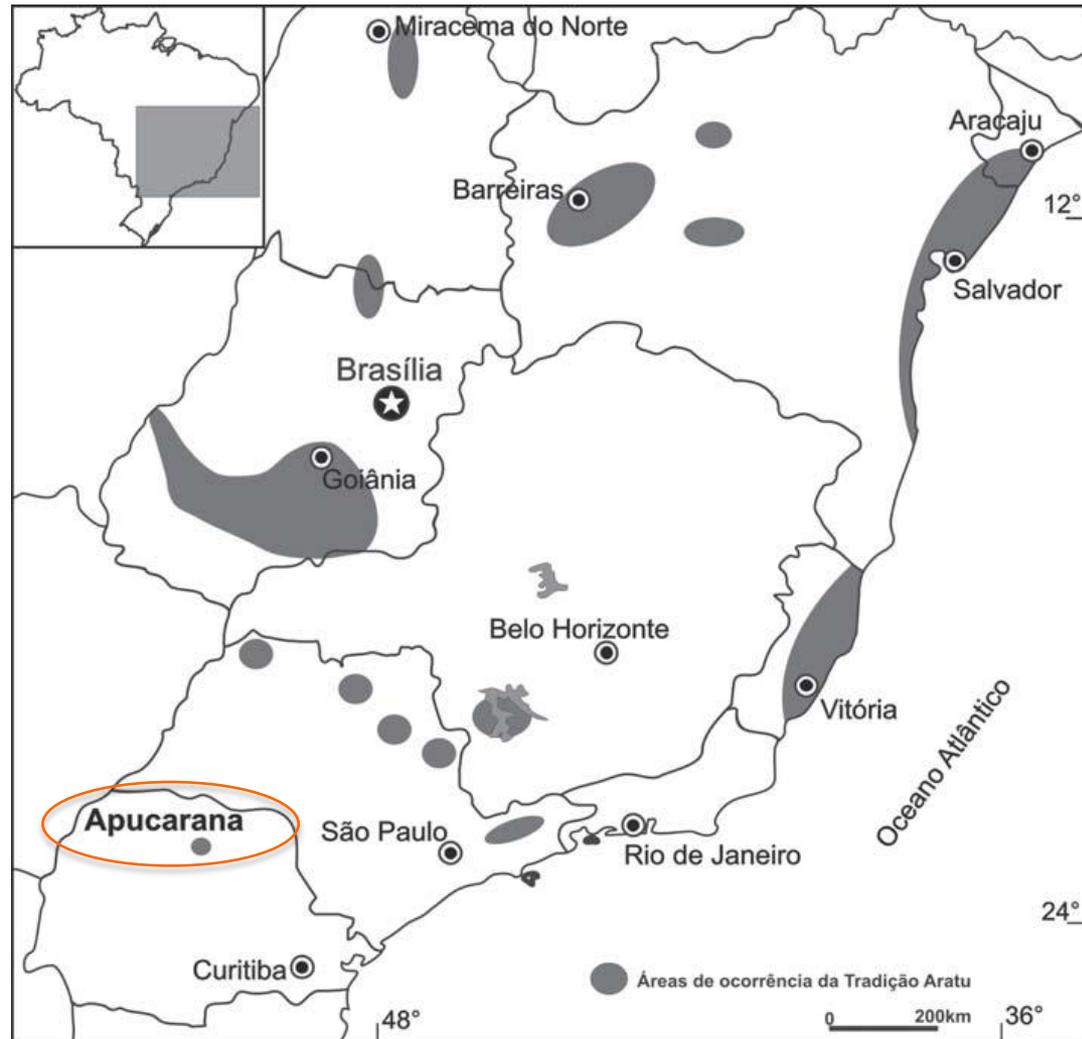
- A partir dos séculos X e XI aumenta presença de materiais relacionados a outras tradições cerâmicas: **Uru e Tupiguarani**
- A partir do século XV não se identificam mais sítios Aratu na região tradicionalmente habitada por estes ceramistas
- **Desaparição das aldeias Aratu possivelmente causada pela expansão Uru, primeiro, e Tupiguarani, depois**



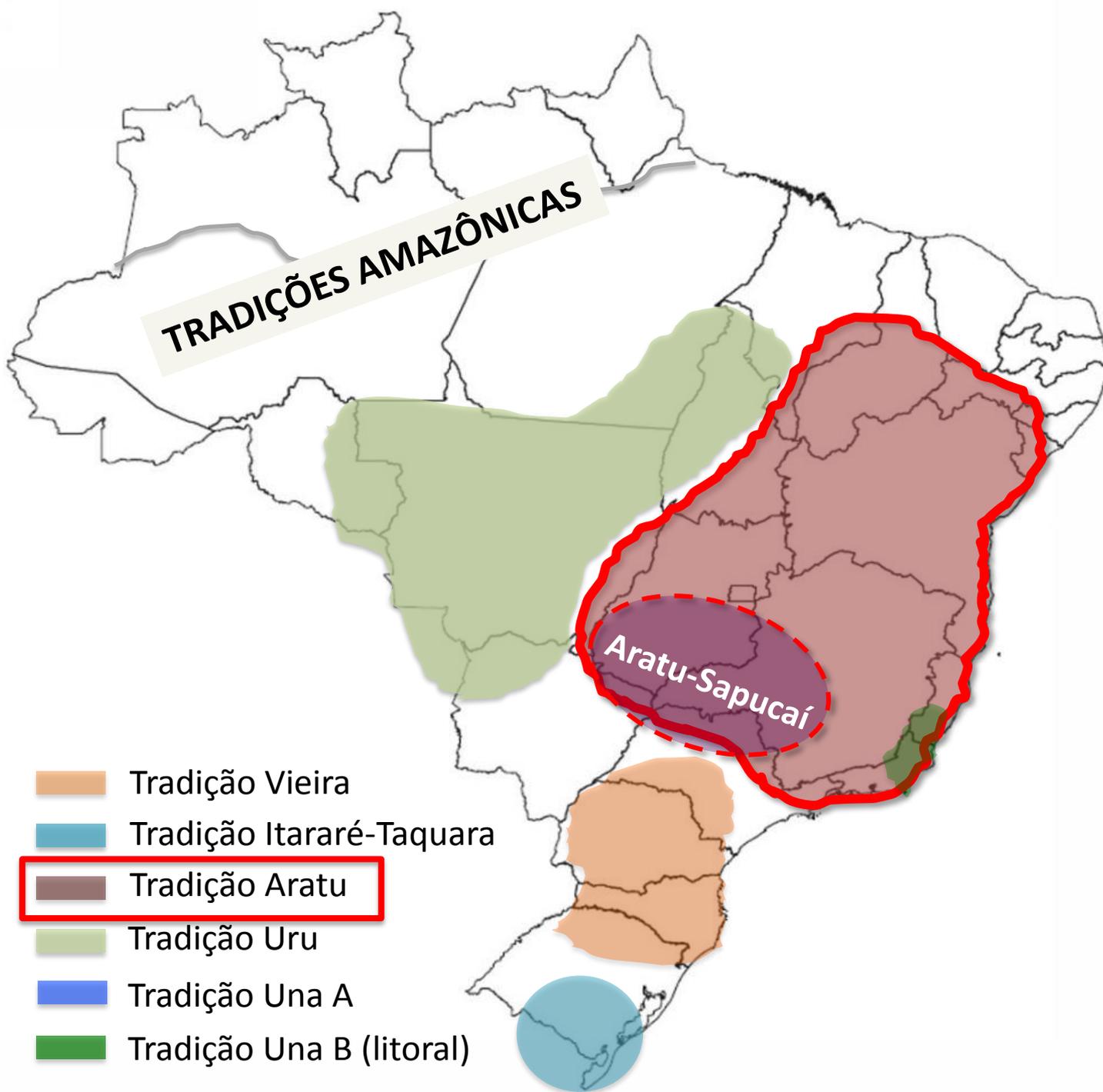
(Soares 2013)

Aratu no Paraná (Schmitz & Rogge 2008)

- **Sítio Apucarana**
 - Norte do Paraná
 - Século XIV-XV
 - No limite da floresta subtropical com a floresta de araucária
 - Elementos da Tradição **Aratu** com elementos da Tradição **Taquara-Itararé**
 - Autores sugerem convivência de pessoas dos dois “grupos”
- Fusão de técnicas



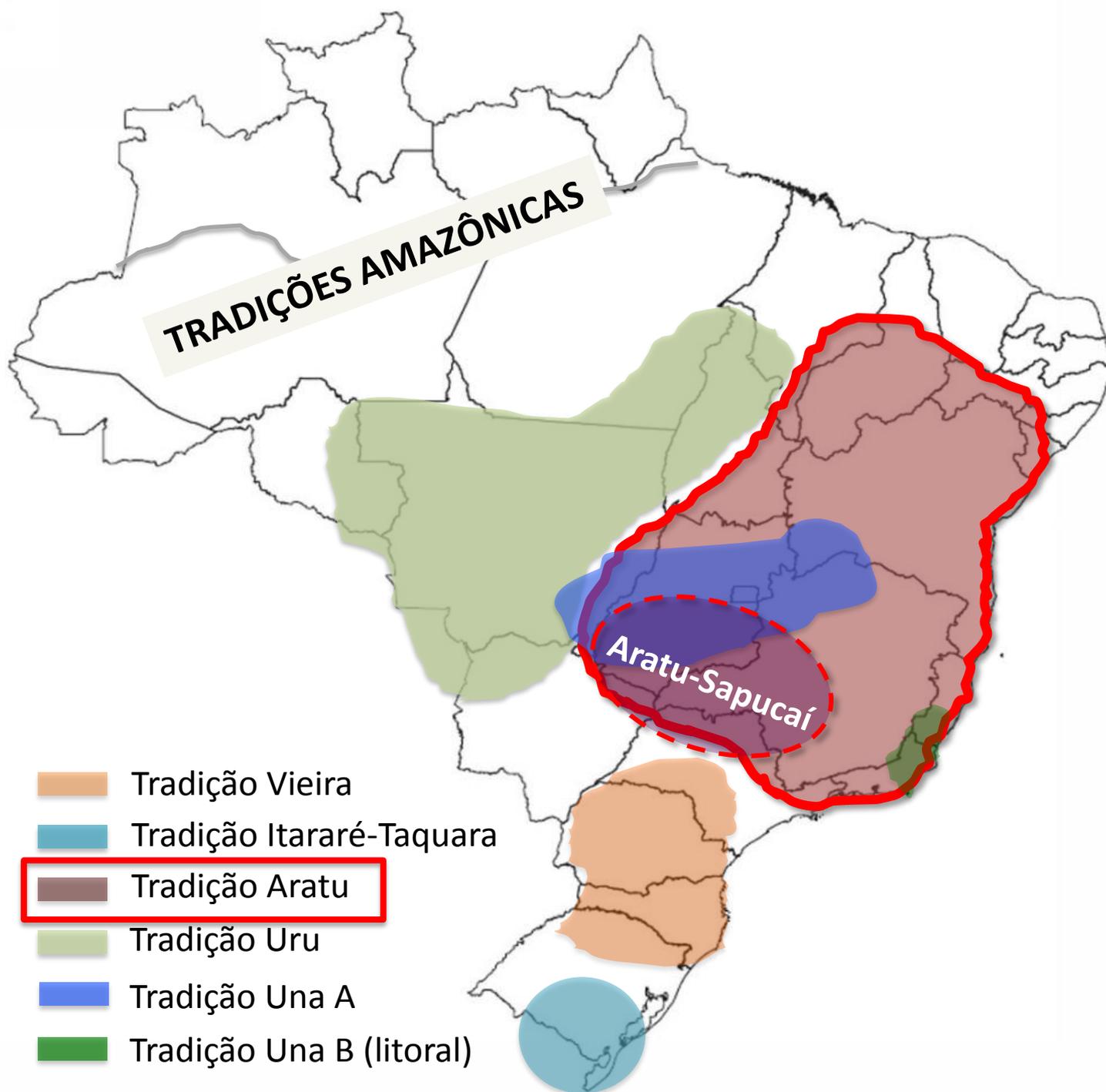
(Schmitz & Rogge 2008)

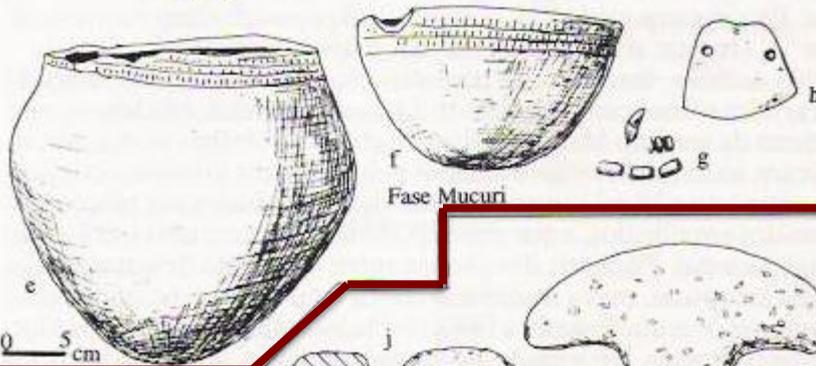
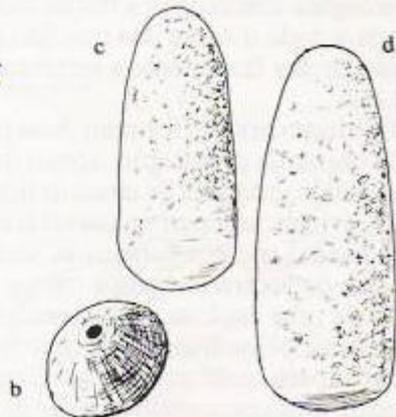
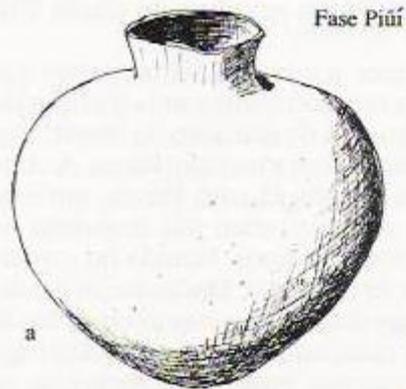


Tradição Aratu-Sapucai

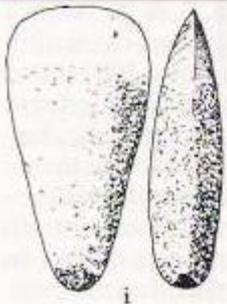
- Norte de São Paulo sudoeste de Minas Gerais
- Grupos horticultores ceramistas do *Cerrado*
- Sepultamentos em urna
- Aldeias circulares e semi-circulares
- **Cerâmica**
 - Vasilhames globulares, rodela de fuso, pratos, tigelas, vasilhas geminadas
 - Grandes urnas globulares (com sepultamentos)
 - Tempero mineral (sem caraipé)
- Machados polidos e machados semilunares



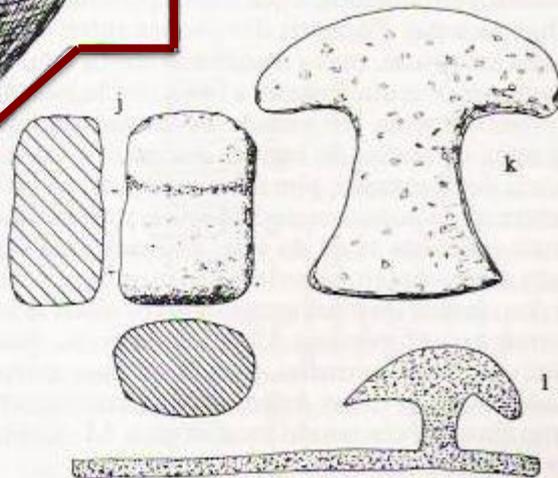




Fase Mucuri



Lagoa Santa



Pintura de Caetano

Una A

Norte de MG

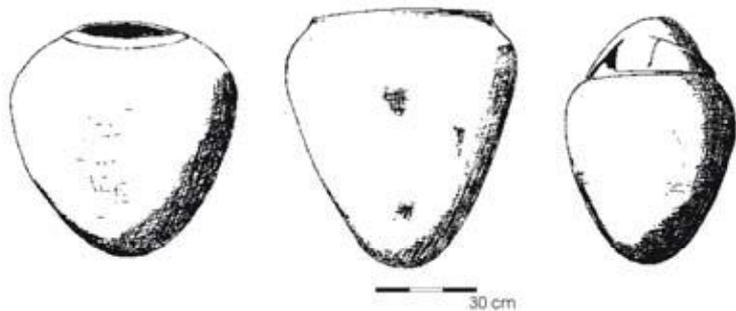
Aratu-Sapucai

Norte de MG

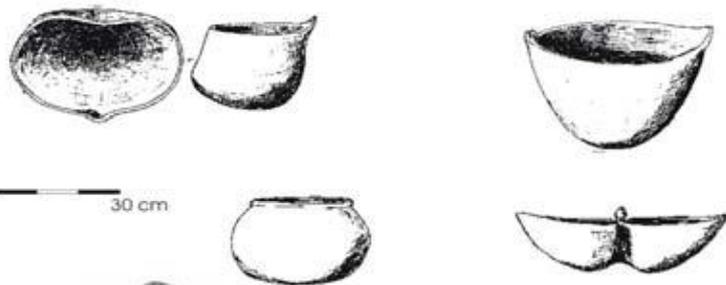


TRADIÇÃO ARATU/SAPUCAÍ

Urnas funerárias



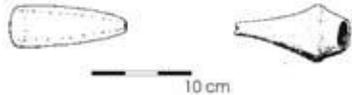
Recipiente utilitários



Machado semilunar



Cachimbos

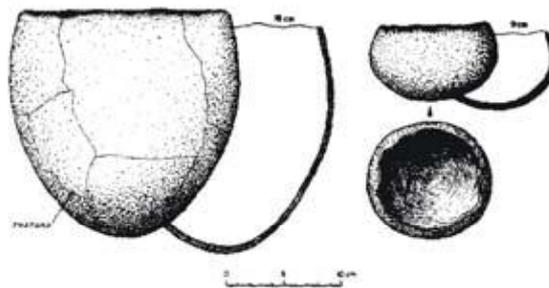


Fuso



TRADIÇÃO UNA

LAPA DO BOQUETE



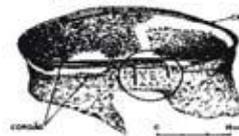
LAPA DO BOQUETE



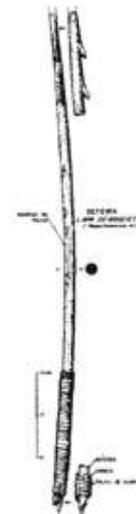
Fase Piumhi



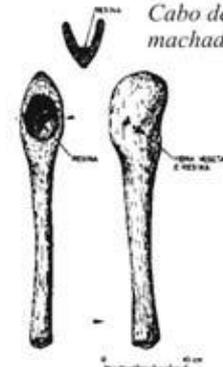
BALAO LAPA DO BOQUETE (SAPUCAÍ)



Machado polido



Cabo de machado



Relação entre Aratu-Sapucaí e Una

- Apesar de serem definidas como tradições distintas, ambas são associadas ao grupo etnohistórico **Cataguá**, sendo Una mais antigo que Sapucaí (Dias Jr & Carvalho 1982; Prous 1992)
 - Grupos falantes de línguas Macro-Jê
 - Vocábulo utilizado pelos bandeirantes paulistas para designar genericamente a qualquer grupo não-tupi habitante das florestas (*cataguá = aquele que vive no mato*)
 - Provavelmente nunca teria existido uma nação Cataguá e não se tratava de um único grupo homogêneo
- Segundo Henriques (2006) Aratu-Sapucaí e Una seriam de fato parte integrante de uma mesma tradição cerâmica, não haveria motivos para separação



Grupos Macro-Jê do centro-oeste

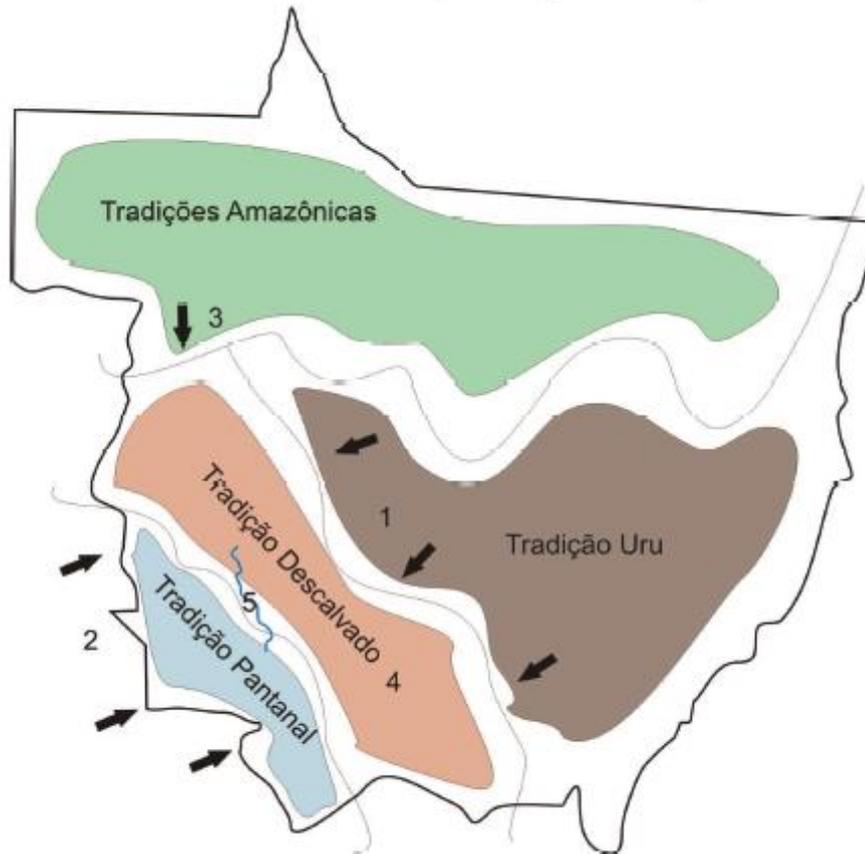
Cerâmica Uru

- Alto Tocantins e Mato Grosso
- Área de confluência de grupos provenientes do planalto circundante (Robrahn-Gonzalez 1996)
- Ocupação começa nos séculos VIII-IX
- Sítios a céu aberto e
- Assentamento lineai
- **Grandes aldeias circ**



Cerâmica 'Uru' – Mato Grosso

- Na



Legenda:

1. Pressão para oeste exercida pela tradição Uru
2. Pressão para leste exercida pela tradição Pantanal
3. Domínio amazônico ao norte
4. Influências da interação absorvidas pela tradição Descalvado
5. Área de pesquisa no rio Jauru

0 100 500 km
Escala

Jê

Cerâmica 'Uru' – Chapada dos Parecis – Oeste do Mato Grosso

- Na



Fragmentos de bordas e bases

Jê

Cerâmica 'Uru' – Chapada do Pereci – Oeste do Mato Grosso

- Na etapa de campo da semana passada, encontramos uma vasilha tipicamente 'Una'



Suporte de panela

Cerâmica 'Uru' – Mato Grosso

- Na



Suporte de panela

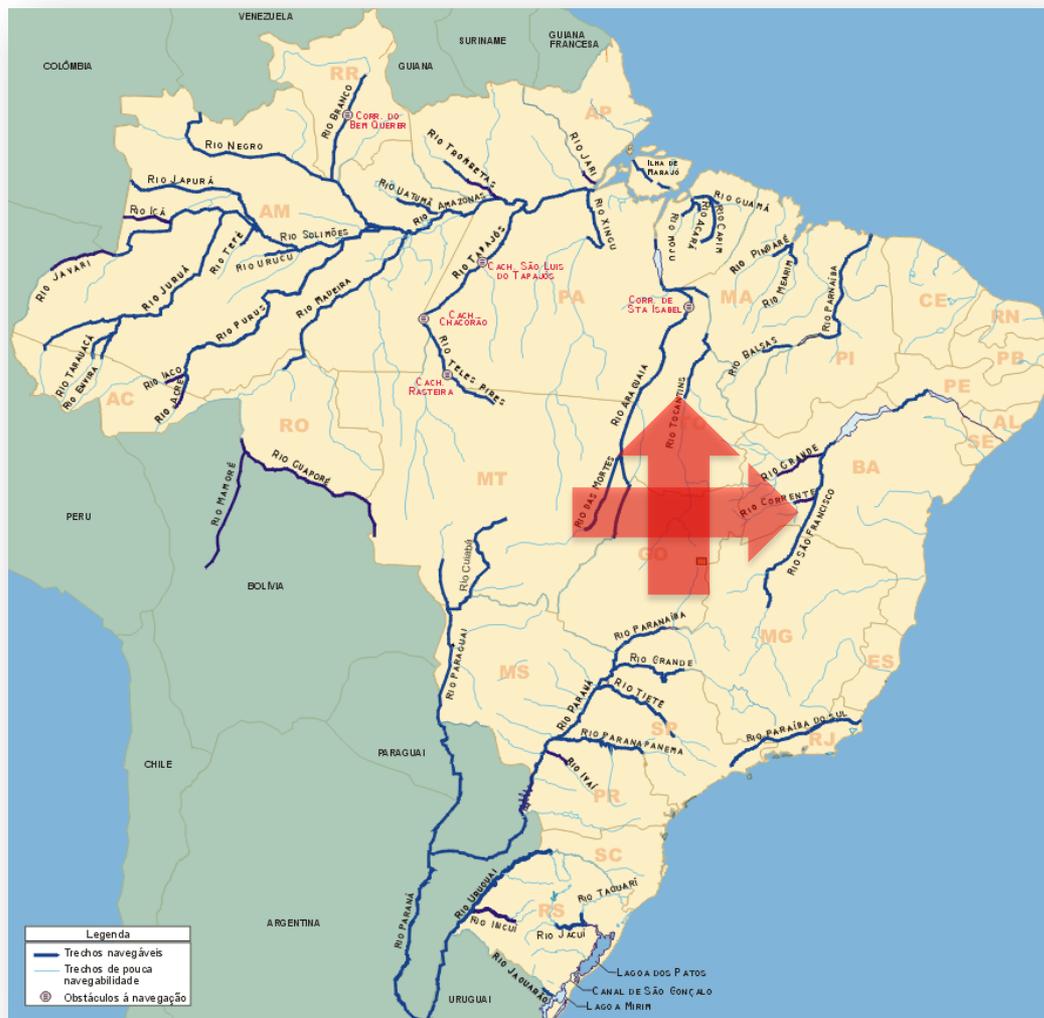


Carimbo

Grupos Macro-Jê do centro-oeste

Cerâmica Uru

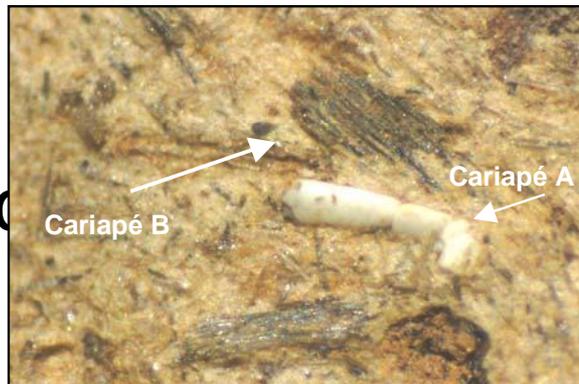
- Século XI: Expansão Oeste-Leste e invasão dos territórios ocupados pelos grupos de Tradição Aratu
- Século XII: Grande crescimento populacional
- Séculos XIV-XV: Expansão Sul-Norte pela bacia do rio Tocantins



Grupos Macro-Jê do centro-oeste

Cerâmica Uru

- Cerâmica
 - Simples, tigelas rasas e pratos com bases planas em pedestal
 - Sem decoração (as vezes engobo vermelho)
 - Antiplástico de **cariapé**, areia, fibras
 - Formas globulares

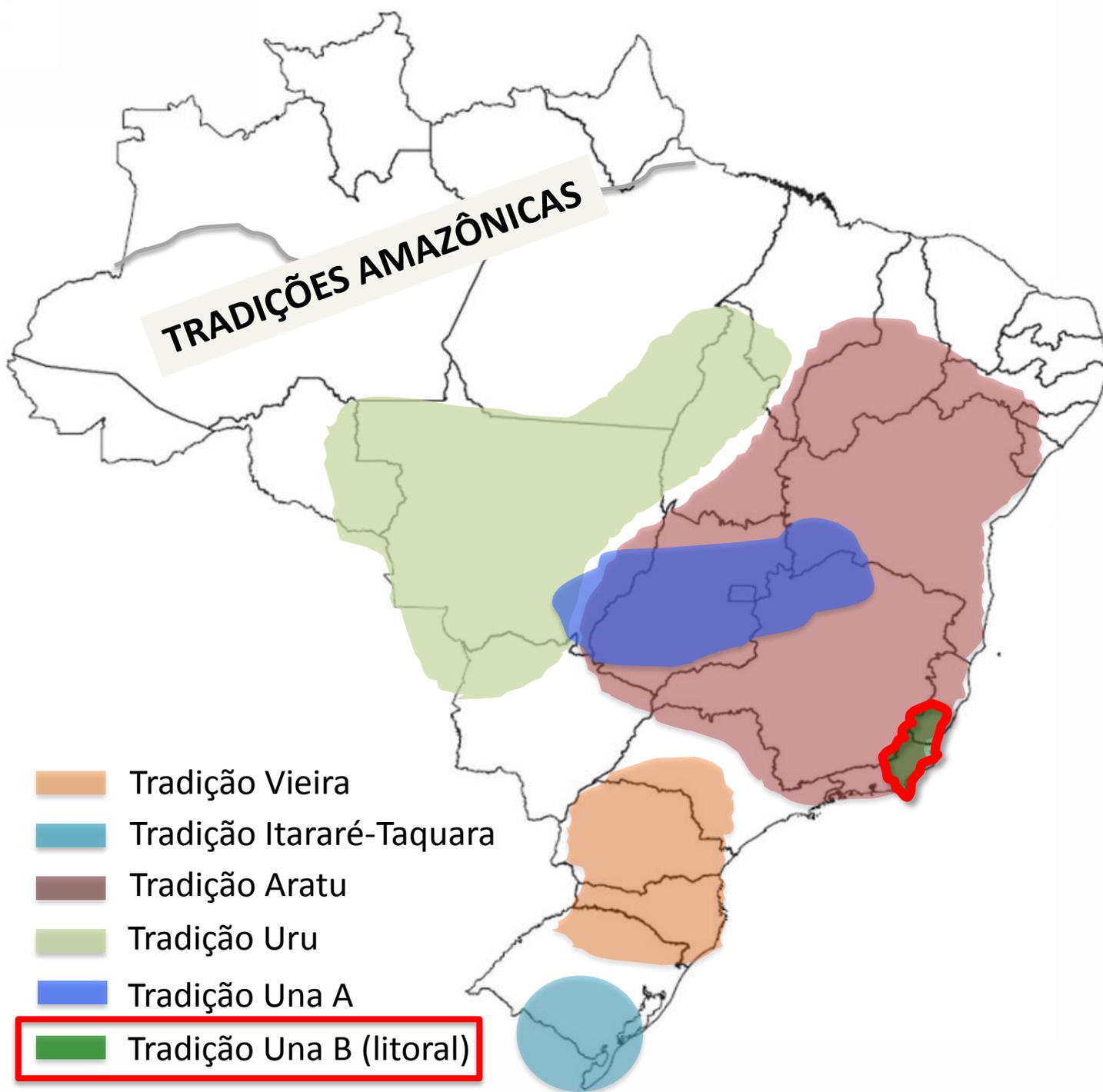


(Oliveira 2005)

Grupos Macro-Jê do centro-norte

Agricultores do Centro-Norte

- Definidos por Robrahn-Gonzalez (1996)
- Alto/ médio curso dos rios Araguaia e Tocantins
- Cultura material apresenta **um misto das tradições Uru e Aratu**
- Origem vinculada a transformações sofridas por grupos portadores de cerâmica Uru e Aratu a partir do século X
- Supremacia dos grupos Uru sobre os Aratu desencadearam processos locais e específicos de mudança cultura



Grupos Jê do litoral sudeste

Cerâmica Una B

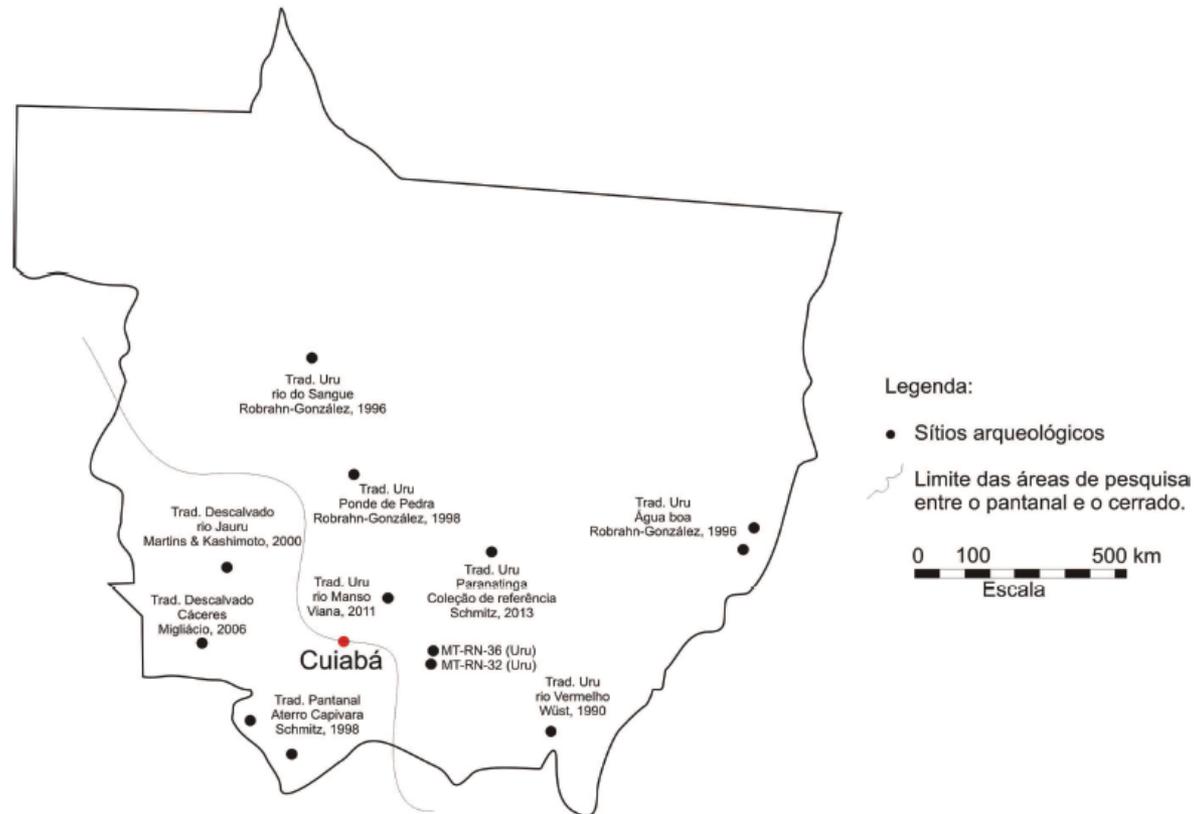
- **Variedade B**
 - Definida por Ondemar Dias Jr (PRONAPA)
 - ~2.000 anos AP
 - Litoral do Rio de Janeiro, Sul do Espírito Santo e sudoeste de Minas Gerais

 - Cerâmica
 - Dimensões pequenas
 - Cor escura, enegrecida
 - Antiplástico de areia
 - Sem decoração (as vezes engobo vermelho e polido-estriado)

 - Ocupação em abrigos e a céu aberto
 - Sepultamentos em urnas
 - Agricultores de mandioca e milho

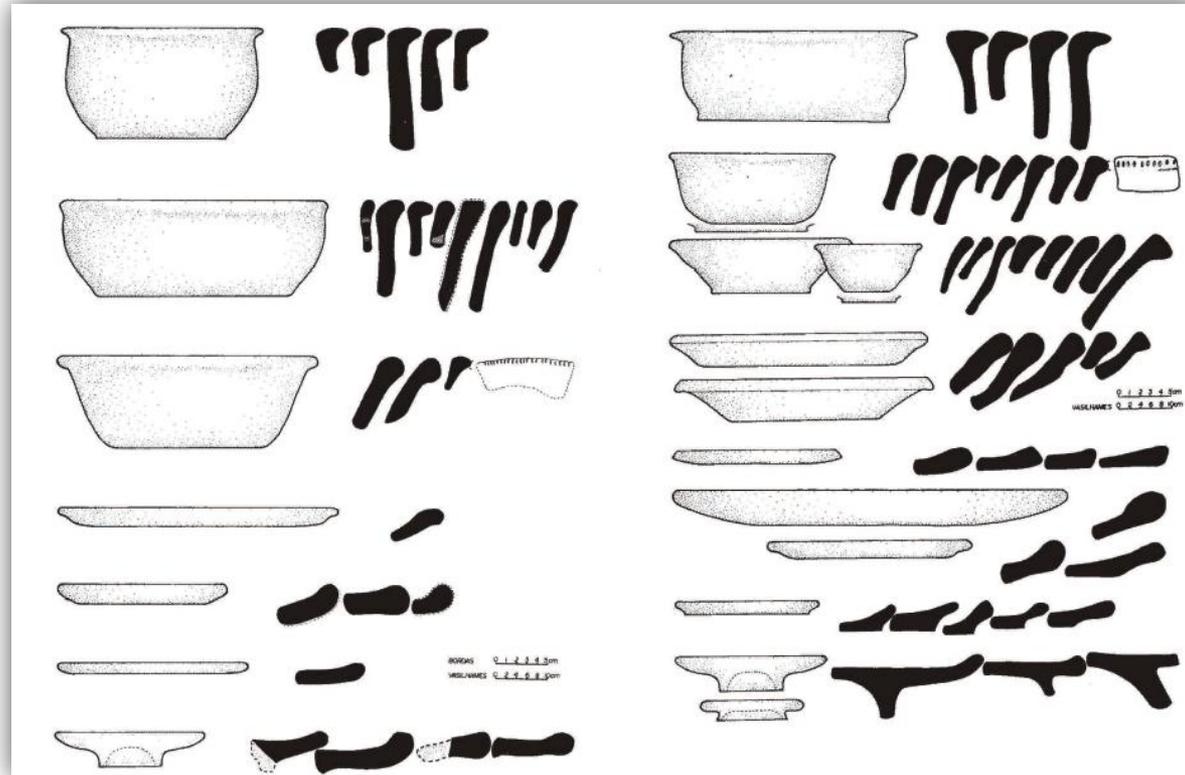
Cerâmica 'Uru' – Mato Grosso

- Na



Cerâmica 'Uru' – Mato Grosso

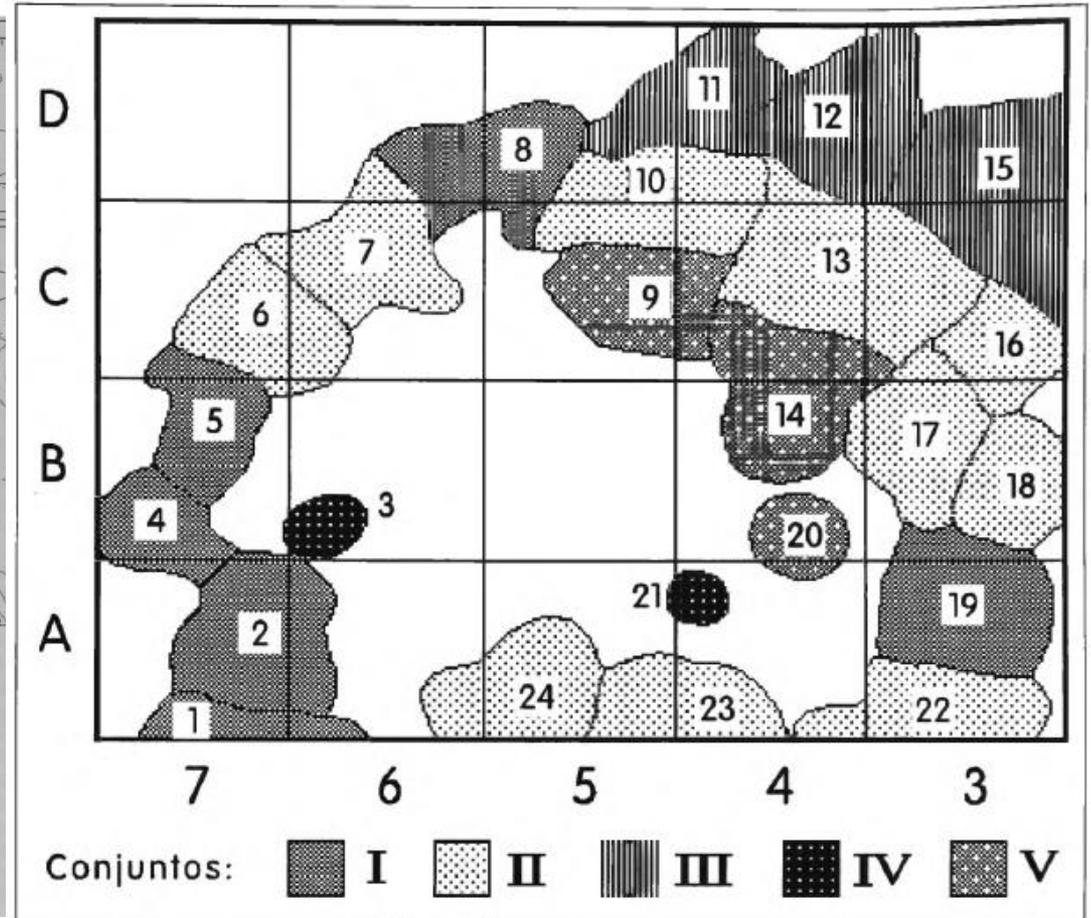
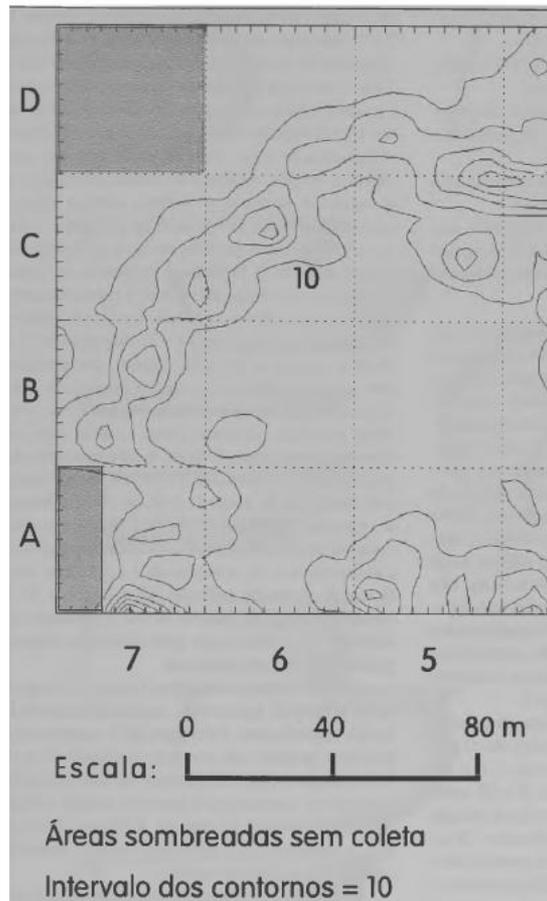
- Na



Formas das vasilhas Uru de acordo com Schmitz 1982

Cerâmica 'Uru' – Mato Grosso

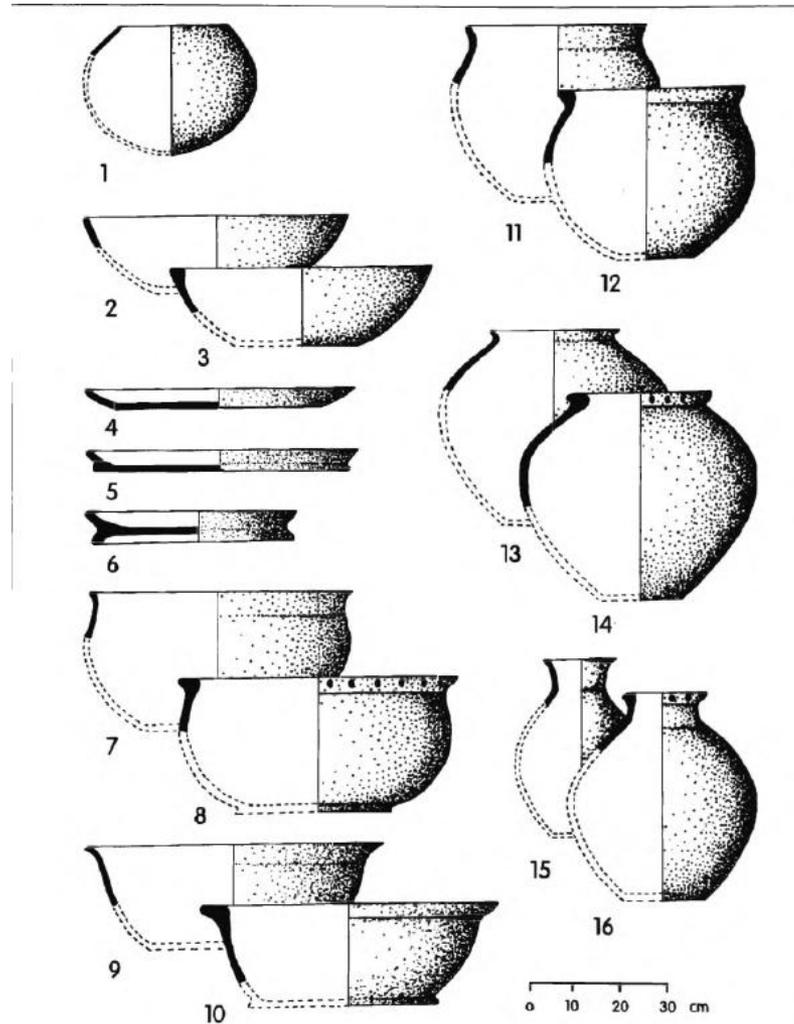
- Na



Formas das vasilhas Uru do sítio GO-NI-100 (Guará 1)

Cerâmica 'Uru' – Mato Grosso

- Na



Formas das vasilhas Uru do sítio GO-NI-100 (Guará 1)

Cerâmica 'Uru' – Mato Grosso

- Na



Cerâmica Uru do sítio Luar do Sertão, Paranatinga (MG), coleção de referência do IAP-UNISINOS

Jê

Cerâmica Etnográfica Jê – Karajá

- Vasilhas Karajá.



Jê

Cerâmica Etnográfica Jê – Karajá

- Vasilhas Karajá.



Jê

Cerâmica Etnográfica Jê – Karajá

- Vasilhas Karajá.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Karajá

- Ceramista Karajá – Museu do Índio



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Karajá

- Ceramista Karajá – Museu do Índio



Jê

Cerâmica Etnográfica Jê – Rikbaktsá

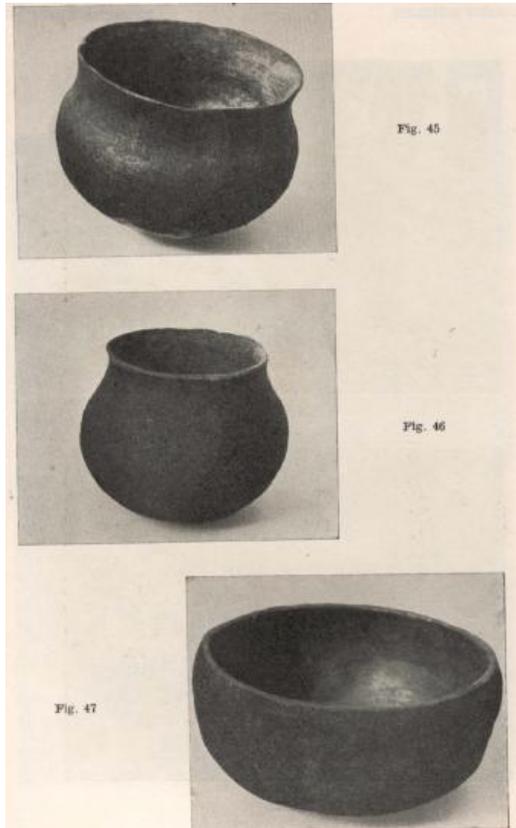
-Vasilhas Rikbaktsa.

- Adquiridos em 1974 no Ria Juruena.



Cerâmica Etnográfica Jê – Rikbaktsá

- Vasilhas Rikbatsa.
- Documentado por Harald Schutz 1964



Figs. 45, 46, 47 - Tipos de vasilhames de barro cozido usados para cozinhar (45 e 46), bem como para assar milho (47).

Jê

Cerâmica Etnográfica Jê – Rikbaktsá

- Vasilhas Rikbatsa.
- Documentado por Harald Schutz 1964



Jê

Cerâmica Etnográfica Jê – Rikbaktsá

- Vasilhas Rikbatsa.
- Documentado por Harald Schutz 1964



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilha cerâmica do Rio Grande do Sul, coletada em 1950.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilha cerâmica de São Paulo, 1947 (Harold Schultz).



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilha cerâmica do Rio Grande do Sul, coletada em 1970.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilha cerâmica do Rio Grande do Sul, coletada em 1970.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilhas cerâmicas.
- Adquiridas na primeira metade do século XX.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilhas cerâmicas do estado de São Paulo, coletadas em 1947 por Harold Schultz.
- Vasilhas secando ao sol.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilhas cerâmicas.
- Adquiridas na primeira metade do século XX.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilha cerâmica do estado de São Paulo.



Jê

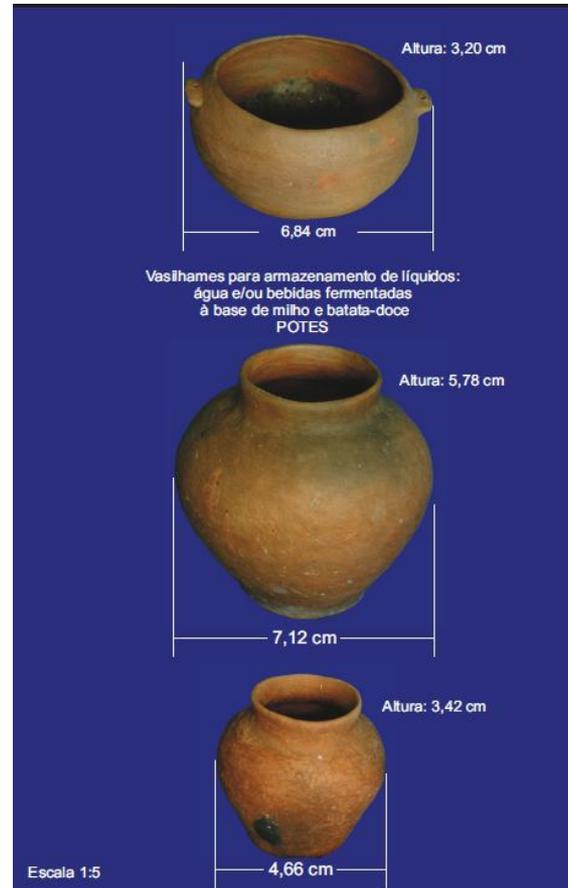
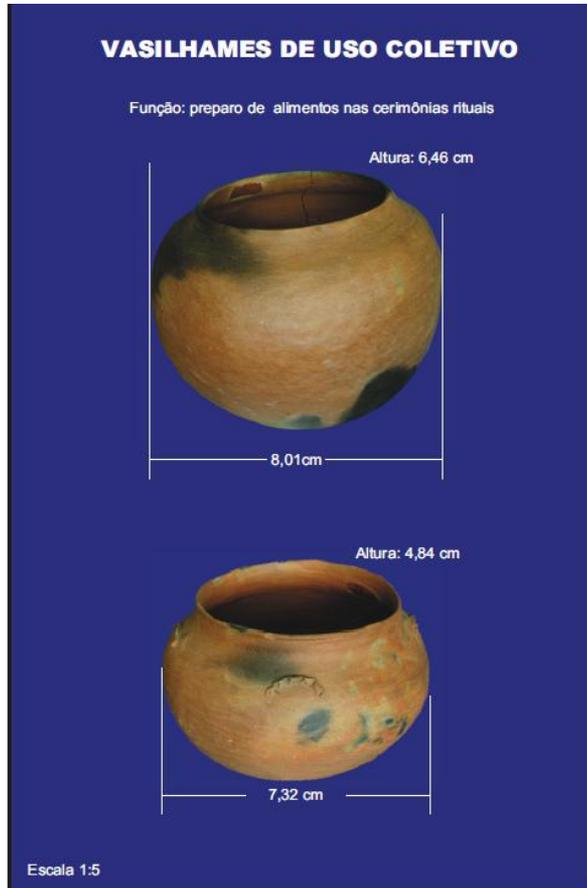
Cerâmica Etnográfico Jê – Kaingang

- Vasilha cerâmica do estado de São Paulo, 1947 (Harold Schultz).
- Vasilha quebrada sendo queimada para depois ser moída e utilizada como tempero.



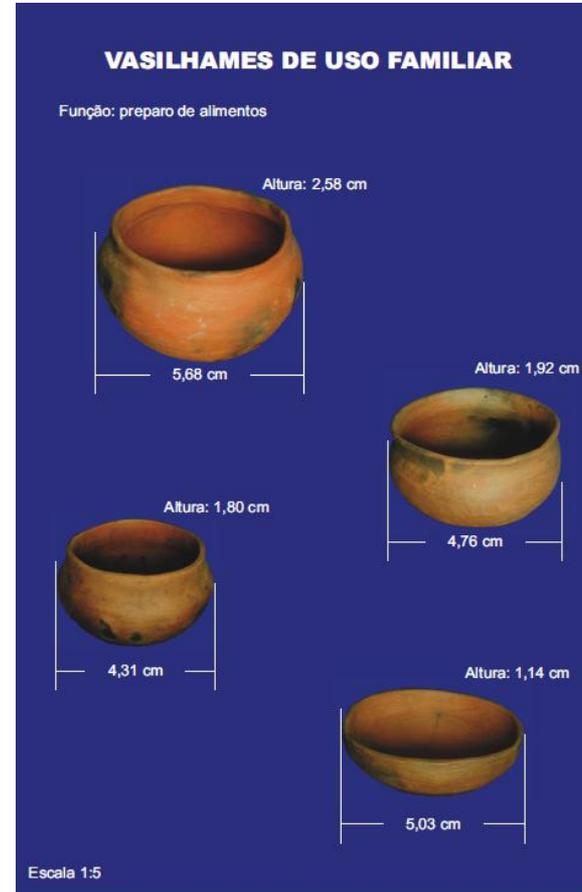
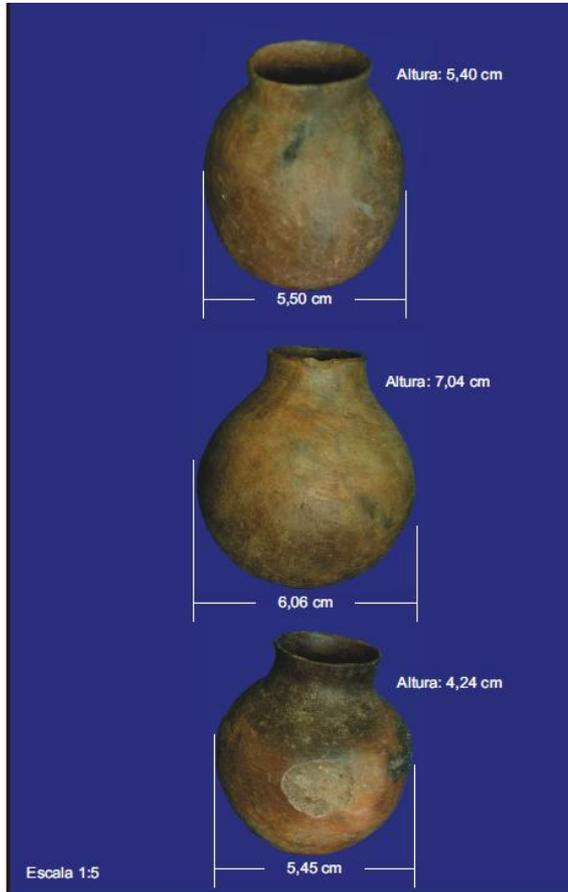
Cerâmica Etnográfico Jê – Maxakali

- Vasilha cerâmica do estado de Minas Gerais, coletados na década de 1990.



Cerâmica Etnográfico Jê – Maxakali

- Vasilha cerâmica do estado de Minas Gerais, coletados na década de 1990.



Cerâmica Etnográfico Jê – Maxakali

- Processo de produção cerâmica, década de 1990.

PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS VASILHAMES CERÂMICOS

Coleta de matéria-prima argilosa

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-A

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-B

Socando a argila

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-C

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-D

Retirada dos grãos mais grossos

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-E

Confecção do rolete

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-F

Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Maxakali

- Processo de produção cerâmica, década de 1990.

Confeção do rolete

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-G

Montagem do vasilhame
Sobreposição do rolete - início

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-H

Sobreposição do rolete - final

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out/97



Foto 24-I

Cerâmica Etnográfico Jê – Maxakali

- Processo de produção cerâmica, década de 1990.

Enrolando blocos de argila para a confecção do rolete

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out97



Foto 24-J

Vasilhames montados

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out97



Pressão digital para juntar os roletos

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out97



Foto 24-K

Início do alisamento interno

Foto: Luciane Monteiro Oliveira out97



Cerâmica Etnográfico Jê – Maxakali

- Processo de produção cerâmica, década de 1990.

Alisamentos internos e externos
Alisamento interno com cabaça

Foto: Luciane Monteiro Oliveira 04/97



Alisamento interno com concha de caramujo

Foto: Luciane Monteiro Oliveira 04/97



Alisamento externo com concha de caramujo

Foto: Luciane Monteiro Oliveira 04/97



Jê

Cerâmica Etnográfica Jê – Maxakali

- The Mashacali and Macuni women made plain small globular pots using a black clay (Metraux 1946).
- During Nimuendaju's brief visit to the Mashacali in 1938-39 he found no indications of moieties. At that time most families had individual huts, and residence was predominantly patrilocal.
- Two types of sacred objects—masquerade costumes and bullroarers—were linked with the initiation rites.



Vasilha cerâmica do estado de Minas Gerais, coletados em 1967.

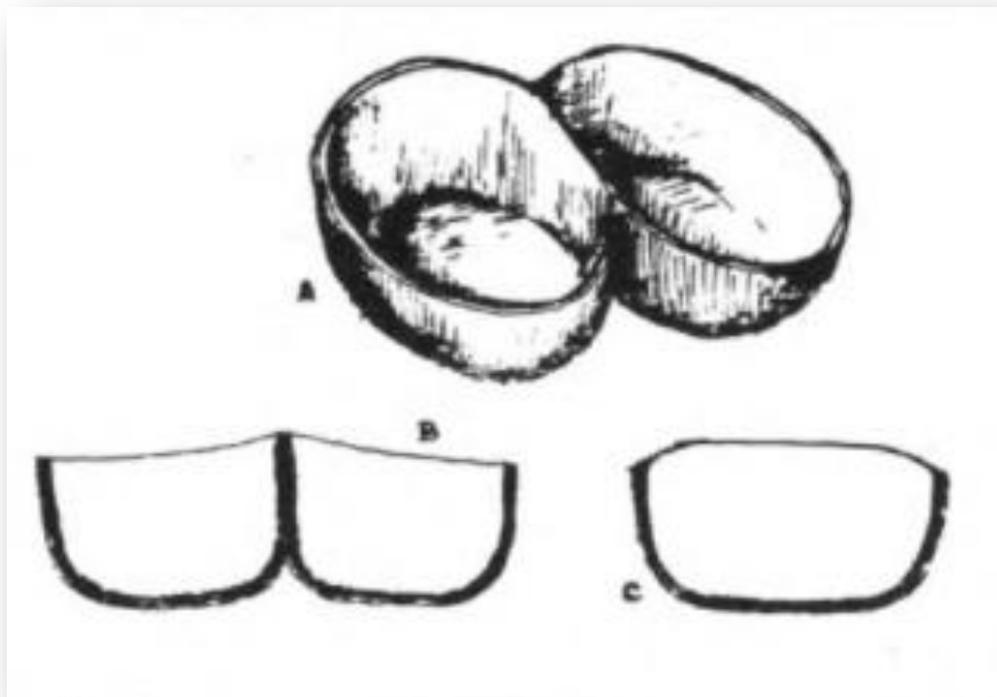
Cerâmica Etnográfica Jê – Kamakã

- Não achei imagens, mas descrição de Wied-Neuwied de que 'Fabricavam panelas com argila cinzenta'

Jê

Cerâmica Etnográfica de influência Jê – Tapirapé

- A presença de um artefato tipicamente Jê entre os Tapirapé – Tupi – atesta os contatos e trocas recorrentes entre as populações indígenas.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Bororo

- Pote de saliência esferoidal, coletado por Cristofer Croker durante pesquisa de campo do projeto Harvard – Central Brasil Research na década de 1960.



Jê

Cerâmica Etnográfico Jê – Bororo

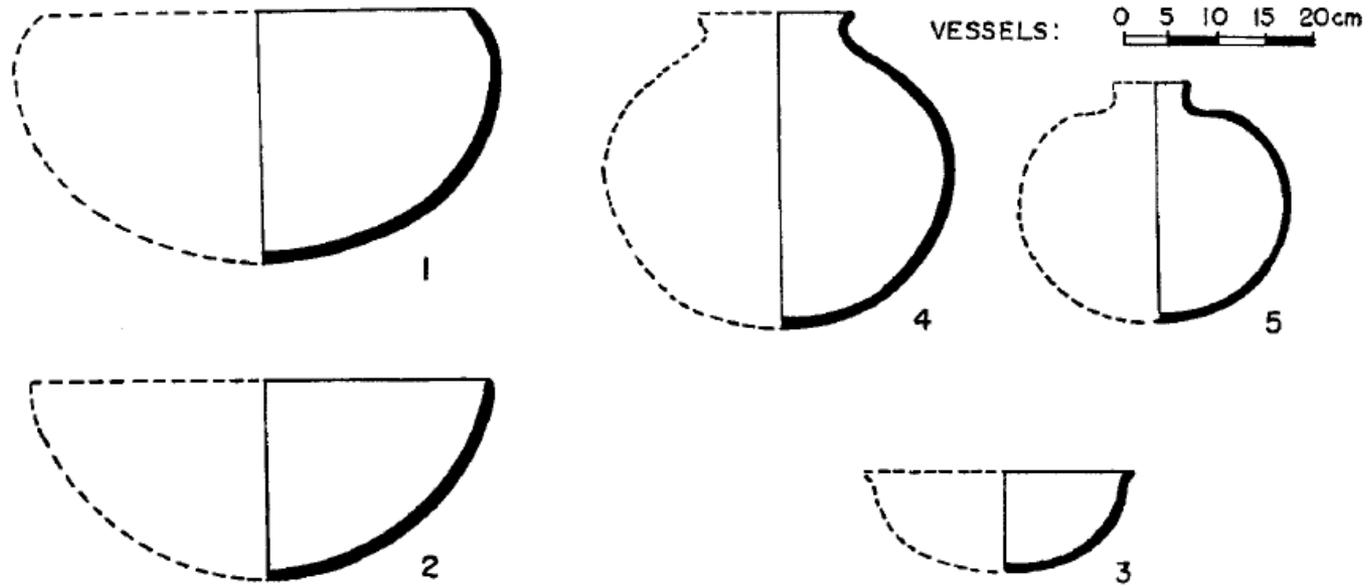
- Mulher Bororo fazendo bilha de cerâmica.
- Colônia São José – Sangradouro, 1935



Jê

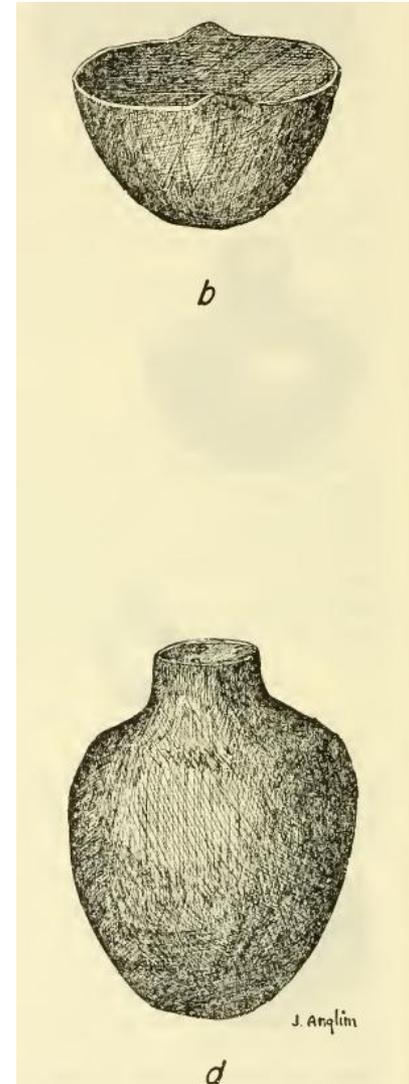
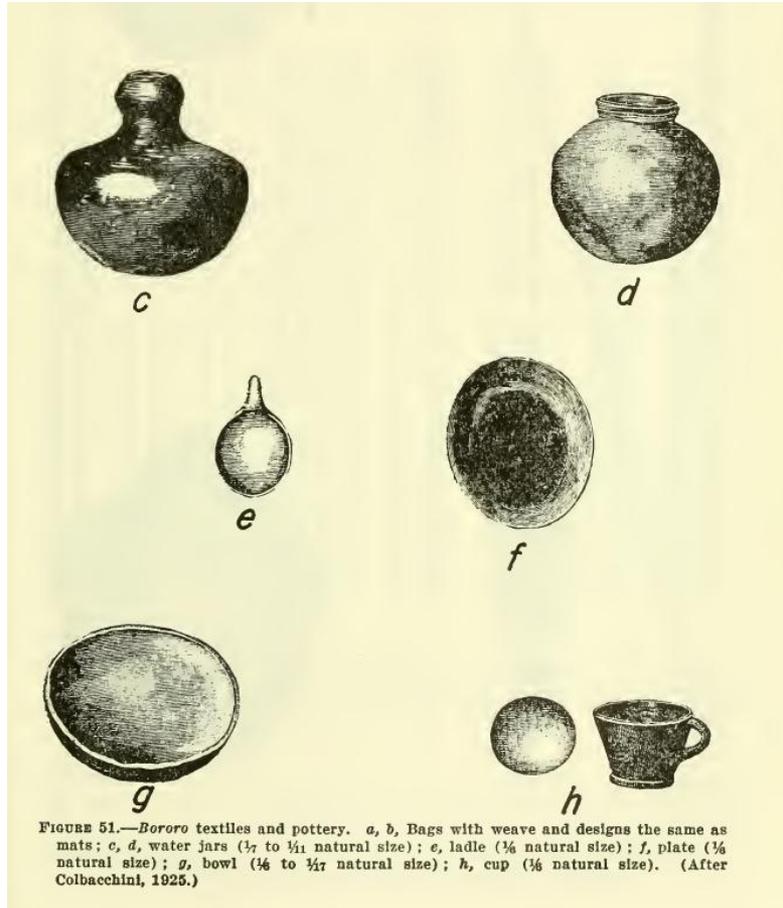
Cerâmica Etnográfico Jê – Bororo

- Cerâmica Bororo arqueológica do Mato Grosso.



Cerâmica Etnográfico Jê – Bororo

- Vasilhas cerâmicas.



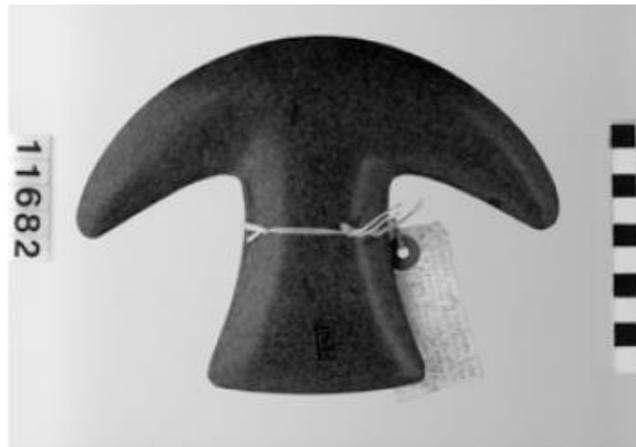
Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) -
- Machado semi-lunar da região de Lagoa Santa, MG.



Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - - Coleção do Museu Pigorini, Roma.



Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) -
- Coleção do Museu Pigorini, Roma.

***“... la più bella caratteristica del Neolitico
brasiliano” (Giglioli 1914, p.210)***

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe)

- Ampla diversidade com espécimes **grandes** e outros **pequenos**.
- Os grandes, além de alto valor simbólico cerimonial, eram utilizados como armas.
- Os pequenos, por serem relativamente frágeis, supõe-se serem exclusivamente simbólico.

... the testimony of the Apinayé themselves, who definitely state that these implements were designed for fighting...According to the Apinayé the function of the anchor-axe was to crush the skull or neck of a foeman laid low by means of other weapons. (Nimuendaju, 1936:126).

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe)

- Ampla distribuição na América do Sul.
- Correlação – ainda que não absoluta – com a distribuição entohistórica dos grupos Jê.

... Neither the Apinayé nor the Eastern Timbira nor the Serente seem to have connected the new-moon with the anchor-axe in the manner alleged for the Tremembé (Nimuendaju, 1936:126).

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe)

- Ampla distribuição na América do Sul.
- Correlação – ainda que não absoluta – coma distribuição entohistórica dos grupos Jê.



Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe)

- Ampla distribuição na América do Sul.
- Correlação – ainda que não absoluta – com a distribuição etnohistórica dos grupos Jê.

Anchor axes are obviously **not a feature borrowed by the Ge, but a typical ancient element of their culture**. They have been found in use **only among the Ge and their immediate neighbors of uncertain linguistic affinity** (Tremembé, probably also Otshukayana); and **the area of anchor axes as surface finds roughly coincides with the distribution of the Ge**. I do not believe that the anchor-axes found along the **lower Amazon** got there as trade objects, **as Ryden supposes, but rather that they are derived from other, more primitive axes of that area** (Nimuendaju, 1936:126).

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe)

- Como eram utilizados?
- Pinturas rupestres mostram forma de encabamento, além de confirmar a existência deste tipo de artefato no período pré-colonial.

https://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/handle/2011-6/10000/1/10000.pdf



n.s.

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico Jê – Apinajé - Machados semi-lunar etnográficos



Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico Jê – Canela (Maranhão) - Coletados por Stig Ryden na década de 1930.



Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico Jê?

- Sem informação de proveniência. Museu de Leiden, coletados no século XIX.



Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico

- Coleções antigas

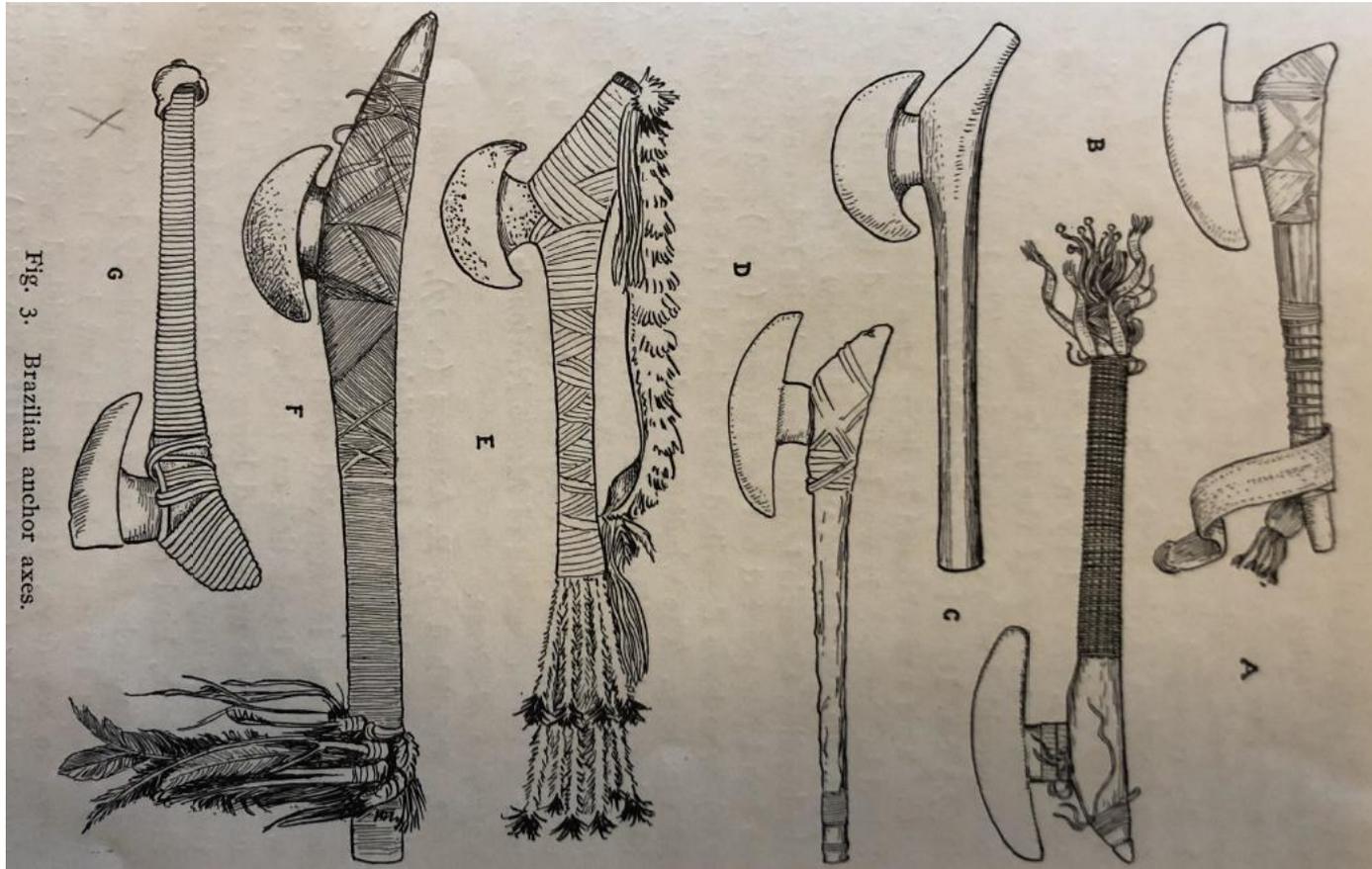


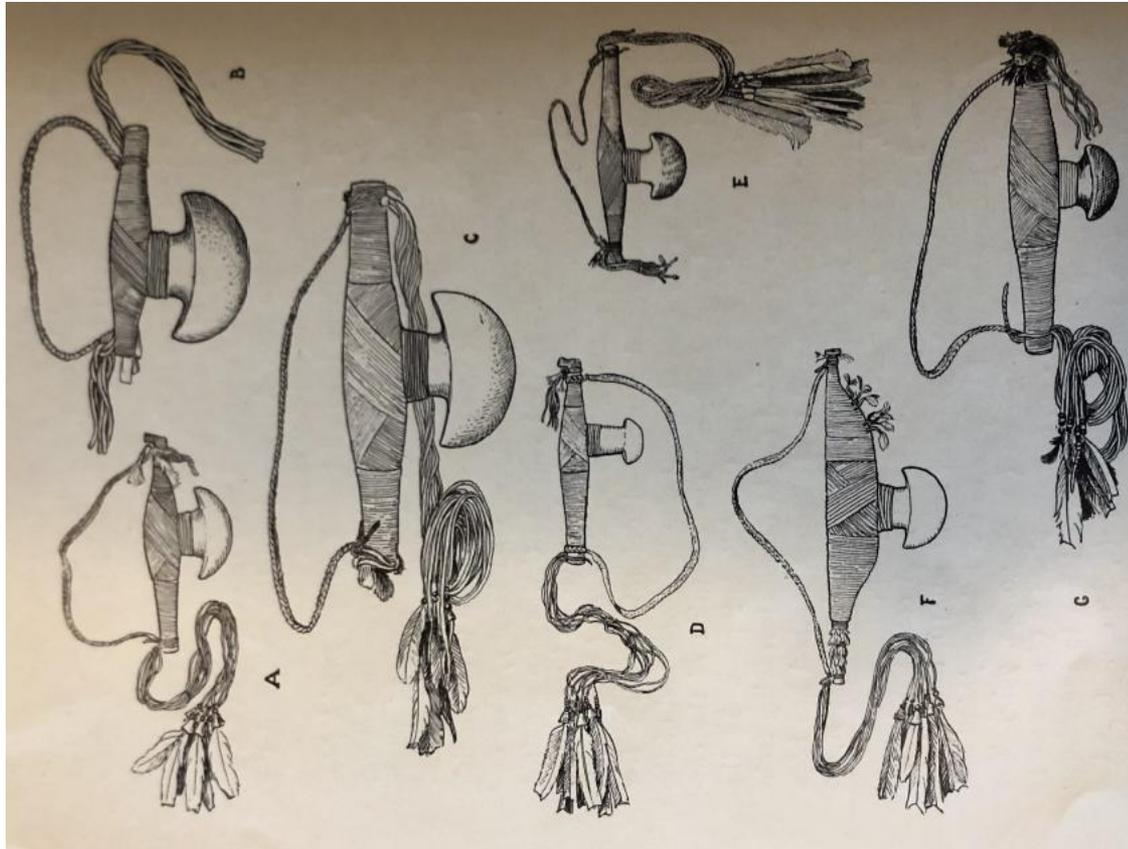
Fig. 3. Brazilian anchor axes.

Anchor ax,

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico

- Coleções antigas

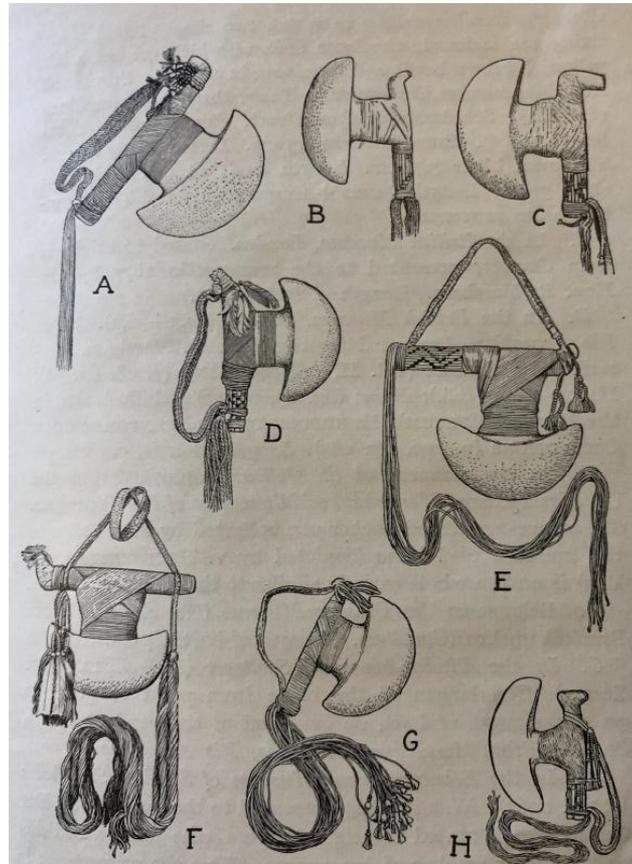


Anchor ax,

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico

- Coleções antigas

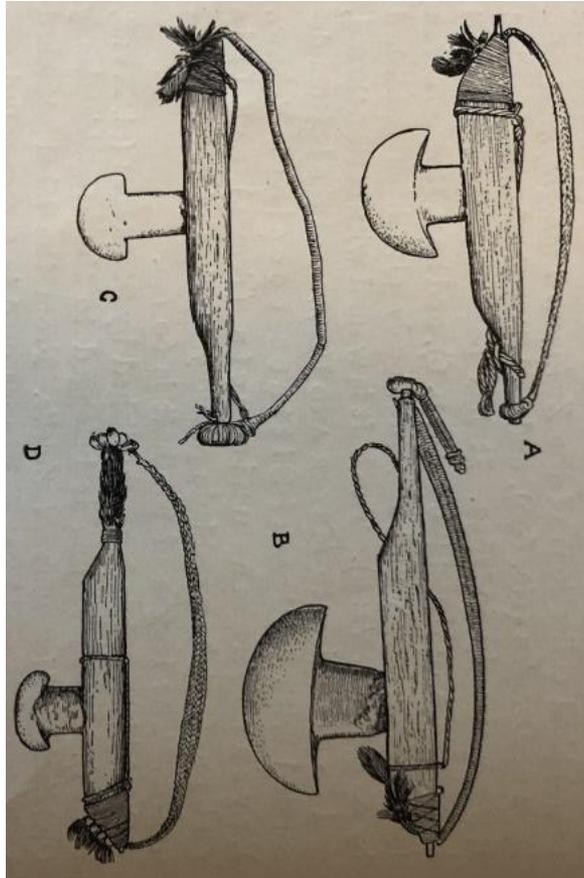


Anchor ax,

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico

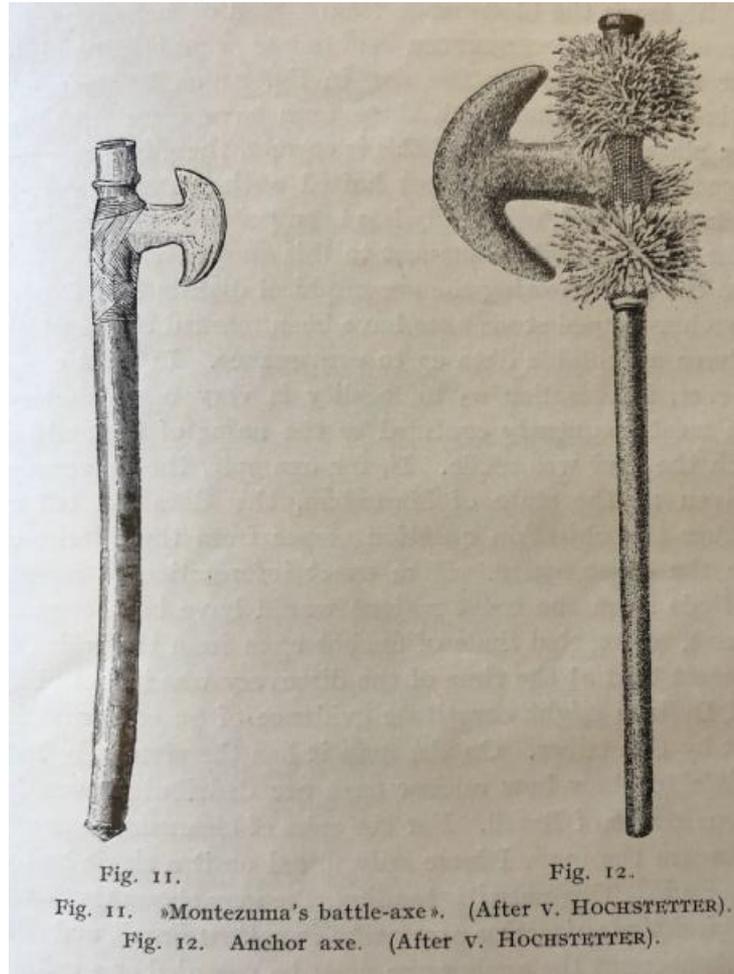
- Coleções antigas



Anchor ax,

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico

- Coleções antigas



Anchor ax,

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico

- Coleções antigas



Anchor ax, 'Tupinamba Brazil', sixteenth century. Stone, wood, ostrich egg shells, vegetable fibers, feathers. L 65 cm. Weltmuseum Wien 10403 (Ambras coll.).

Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - Etnográfico Jê – Canela (Maranhão) - Coletados por Stig Ryden na década de 1930.



'Tupinamba', lower Amazon, seventeenth century
British Museum, 1949 - Oldman collection.

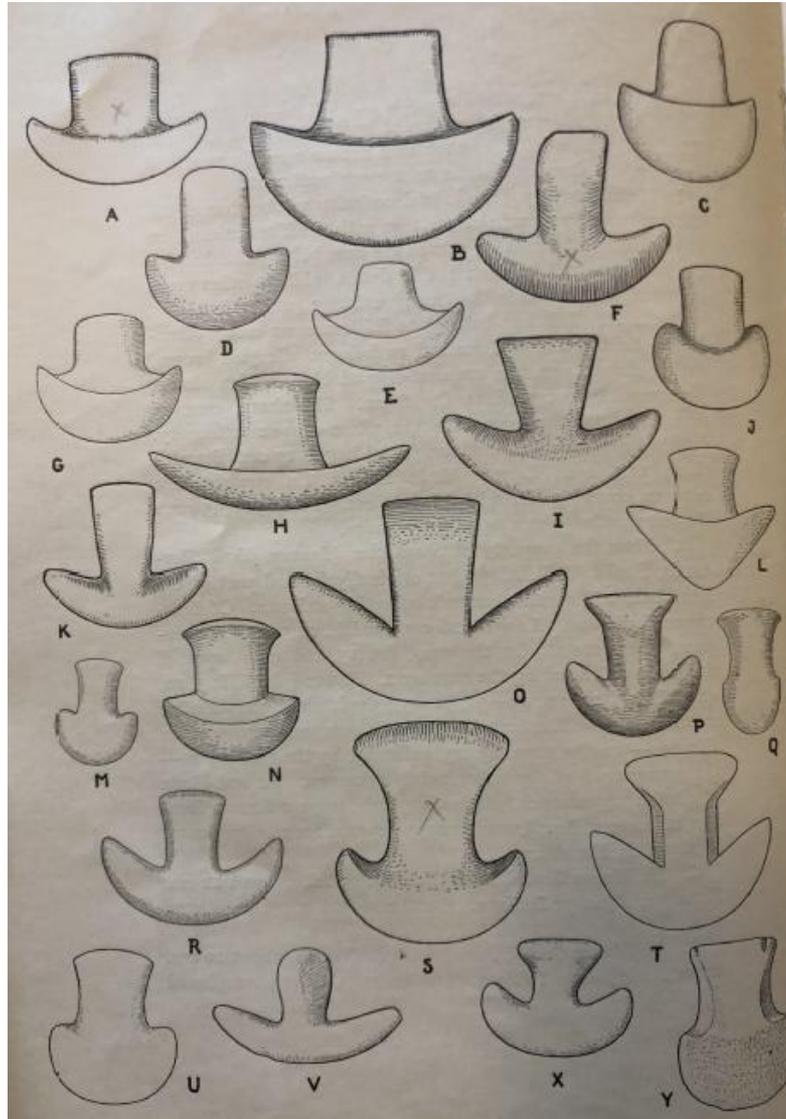
Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) - - Coleção do Museu Pigorini, Roma.



Jê

Machado 'Semi-lunar' (Anchor Axe) -

- C



Jê

Machados 'Lunares' (Anchor Axe) - Etnográfico Jê?

- Machado semilunar foi retornado aos Krahô em 1986.



Cerimônia em que reitor da USP devolve aos Krahô a machadinha que se encontrava no Museu Paulista. Foto: Alfredo Rizzuti, 1986

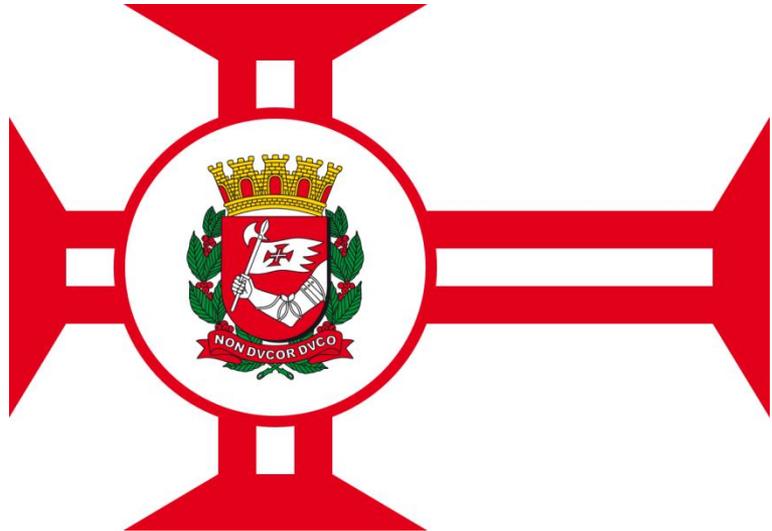
Jê

Machados 'Lunares' (Anchor Axe) - Etnográfico Jê?

- Machado semilunar também era utilizado pelos europeus, figurando inclusive na bandeira da cidade de São Paulo.



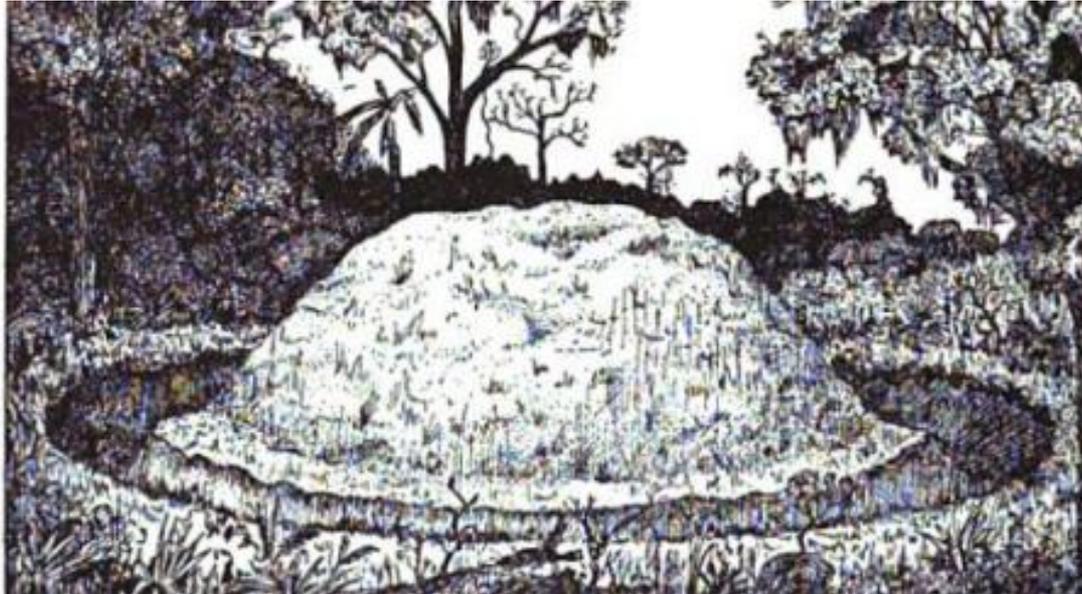
Sítio Figueirópolis I - Machado ancoróide em bronze. Período colonial.



Jê

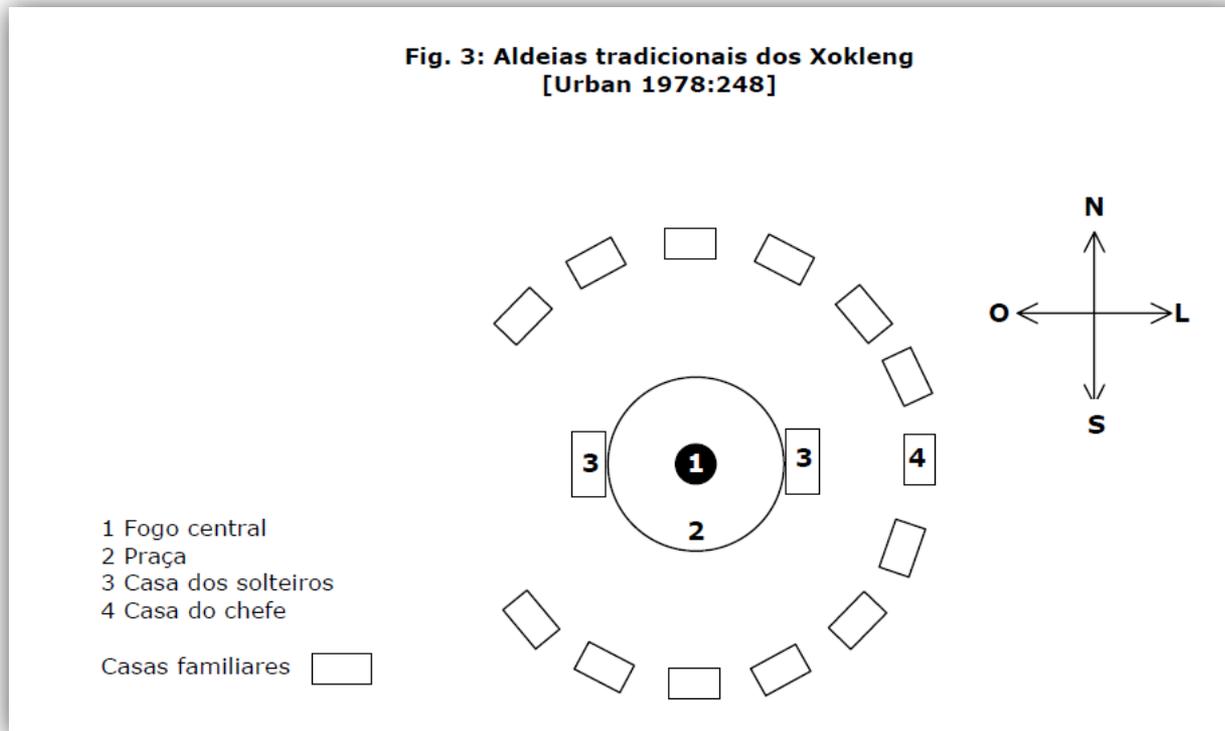
Aldeias circulares? – Jê do Sul

- Os mortos Kaingang eram enterrados em montículos funerários.



Aldeias circulares? – Jê do Sul

- A princípio Kaingang e Laklano não tinham aldeias circulares, ou pelo menos essas não foram documentados pelos etnólogos.
- Ainda assim, em São Paulo existem possíveis relatos de aldeias circular Kaingang.
- Mesmo entre os Laklano, que viviam como forrageadores nomades, havia memória dos tempos em que praticavam a agricultura e viviam em aldeias circulares abertas, semelhante a dos akwen.



Jê

Aldeias circulares? – Jê do Sul

- Os mortos Kaingang eram enterrados em montículos funerários.

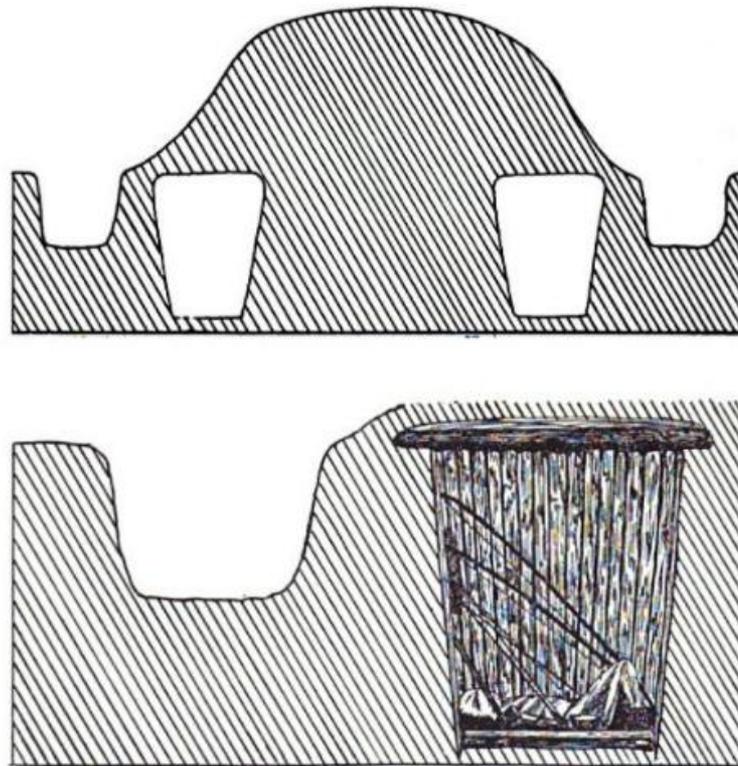
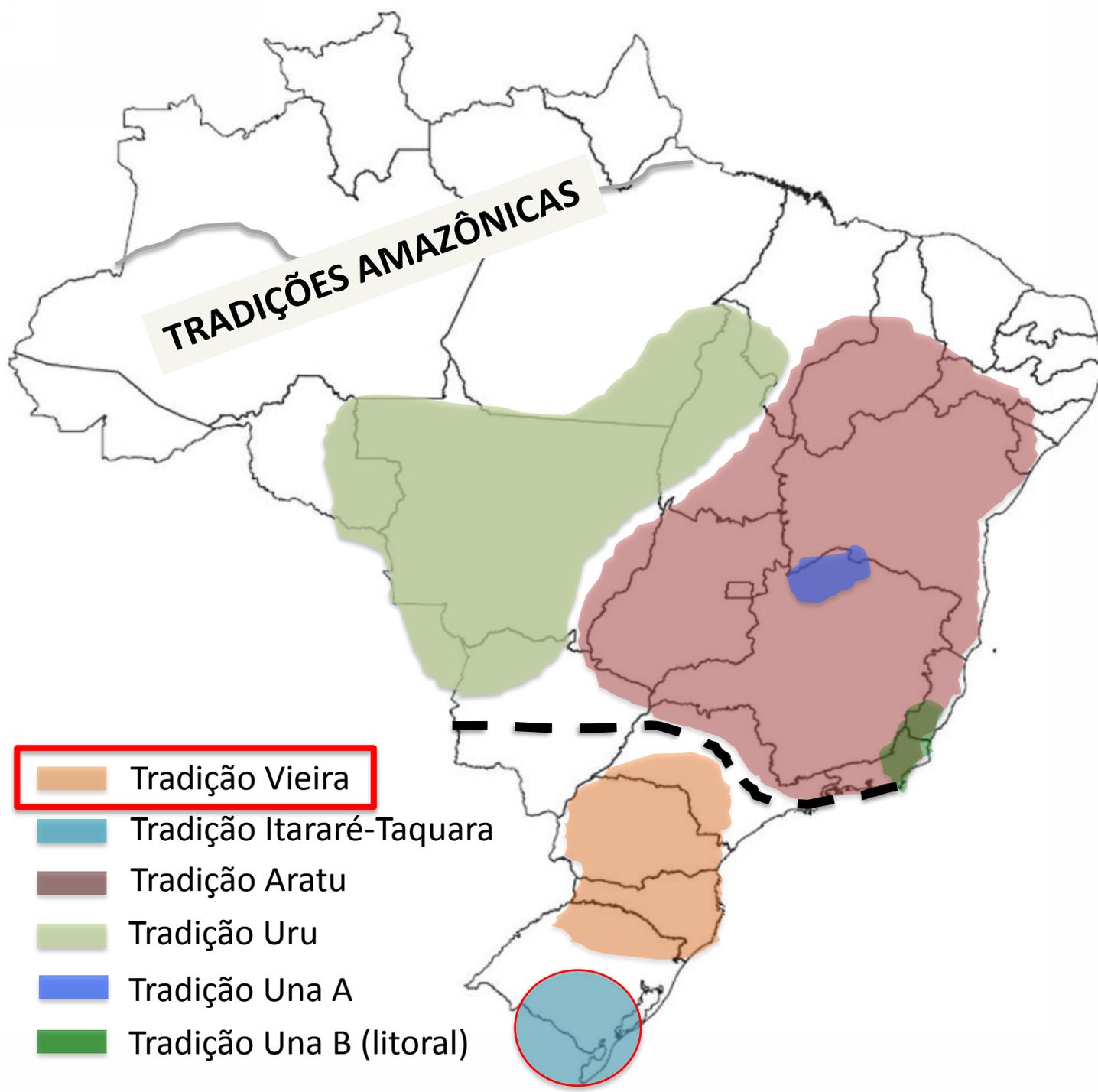
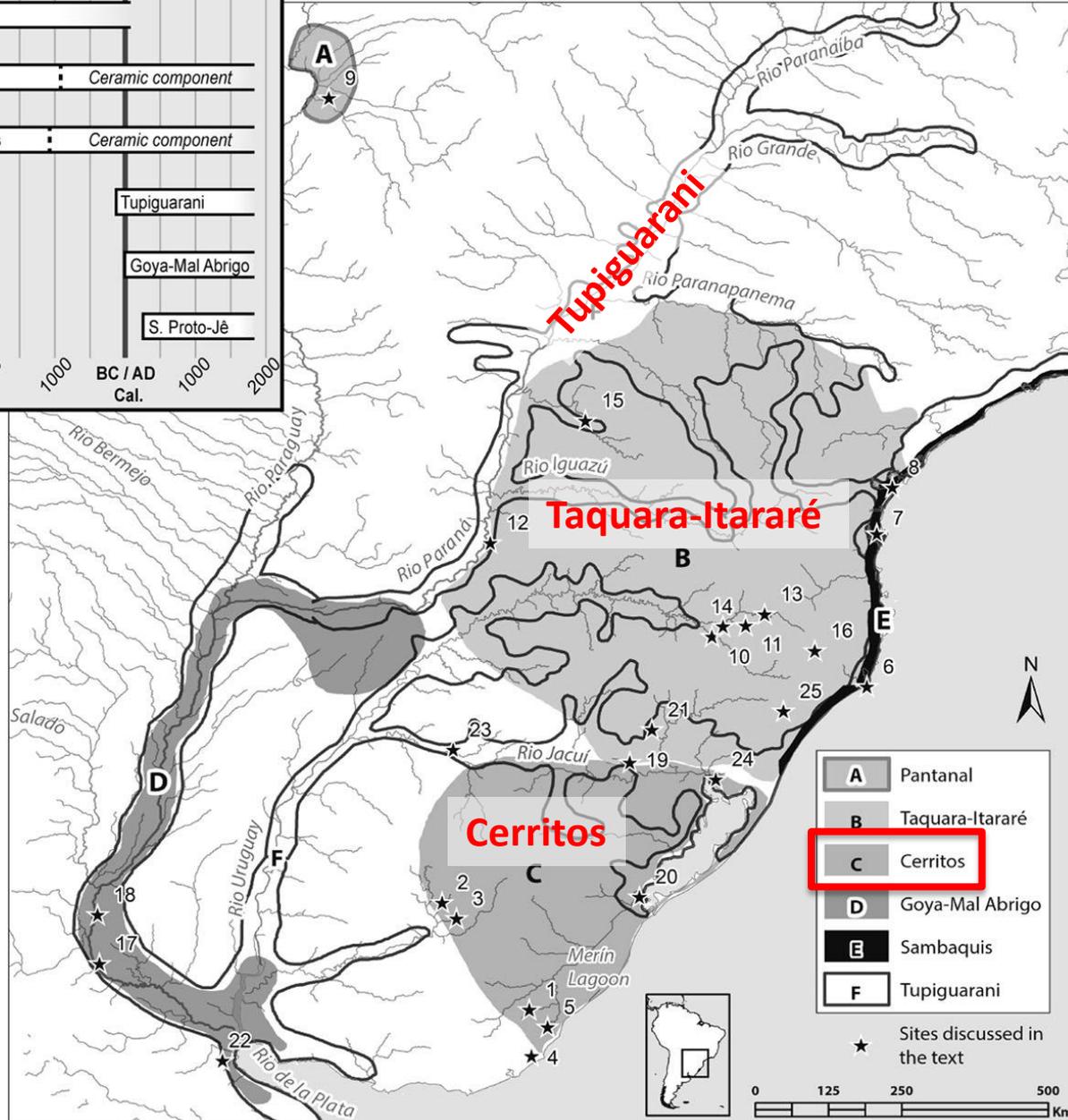
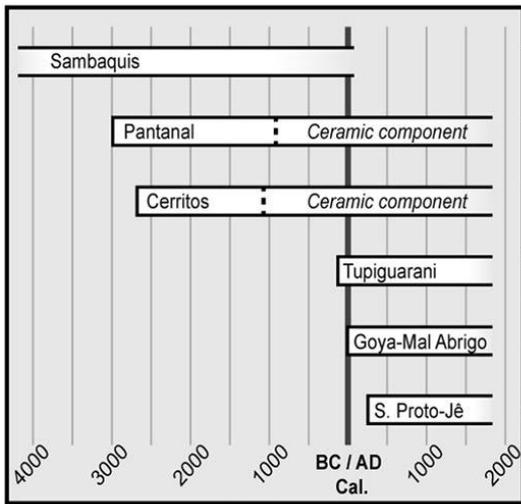


FIGURE 60.—Kaingang burial mound. *Top:* View of mound shortly after completion. *Center:* Cross section of mound showing location of burial chambers. *Bottom:* Cross section of burial chamber in mound with body and accompanying grave artifacts. (Redrawn from Manizer, 1930, p. 767.)

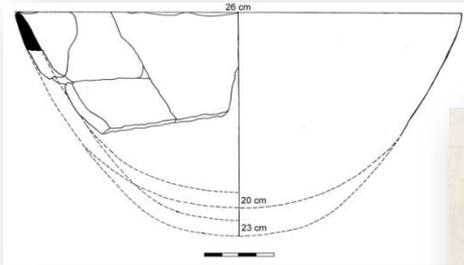
Digitalizado p





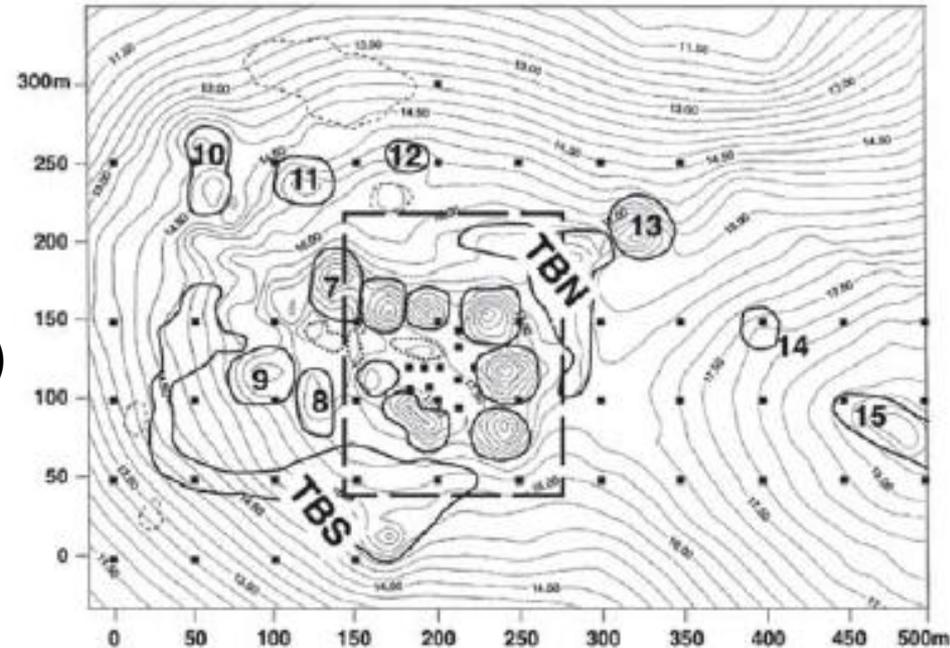
Construtores de “cerritos”

- 4750 cal AP
 - Pré-cerâmico: 4750 – 3000 cal AP
 - Cerâmico: 3000 cal AP - contato



Construtores de “cerritos” Cerâmica Vieira

(Iriarte et al. 2004)



Los Ajos mound complex (Uruguai)

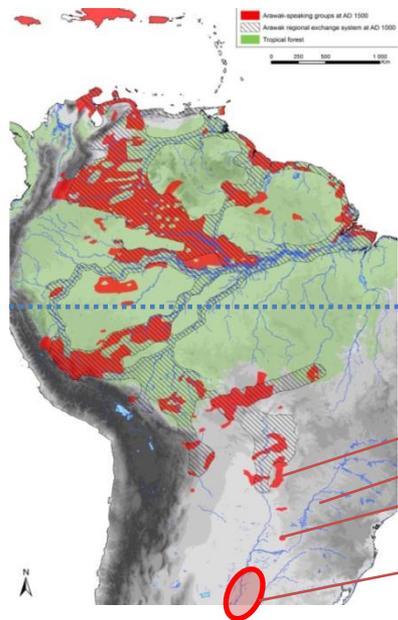


(Iriarte et al. 2017)

Goya-Malabrigo (0d.C – 1700 d.C)

Goya-Malabrigo – conexões profundas com TBI

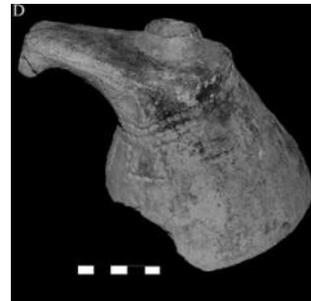
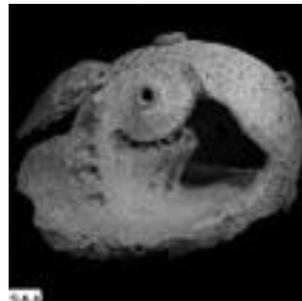
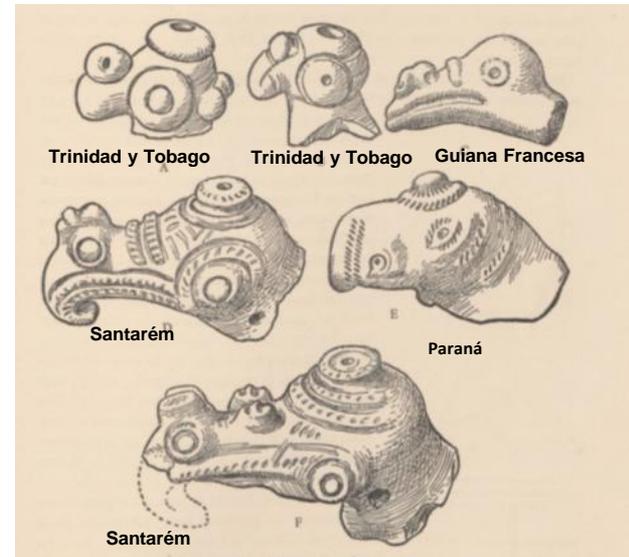
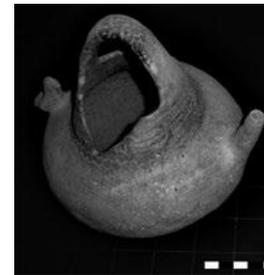
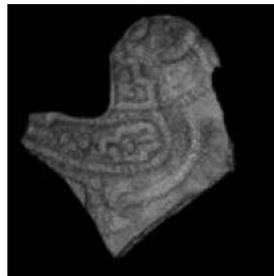
- Modelados zoomórficos: semelhança com TBI e TIP
- Representa expansão Arawak? Conexões históricas com Amazônia?
 - Expansão rápida e colonização quase simultânea de áreas distribuição ampla (compatível com uma distribuição ampla e simultânea da tradição Pocó-Açutuba no primeiro milênio AC?).

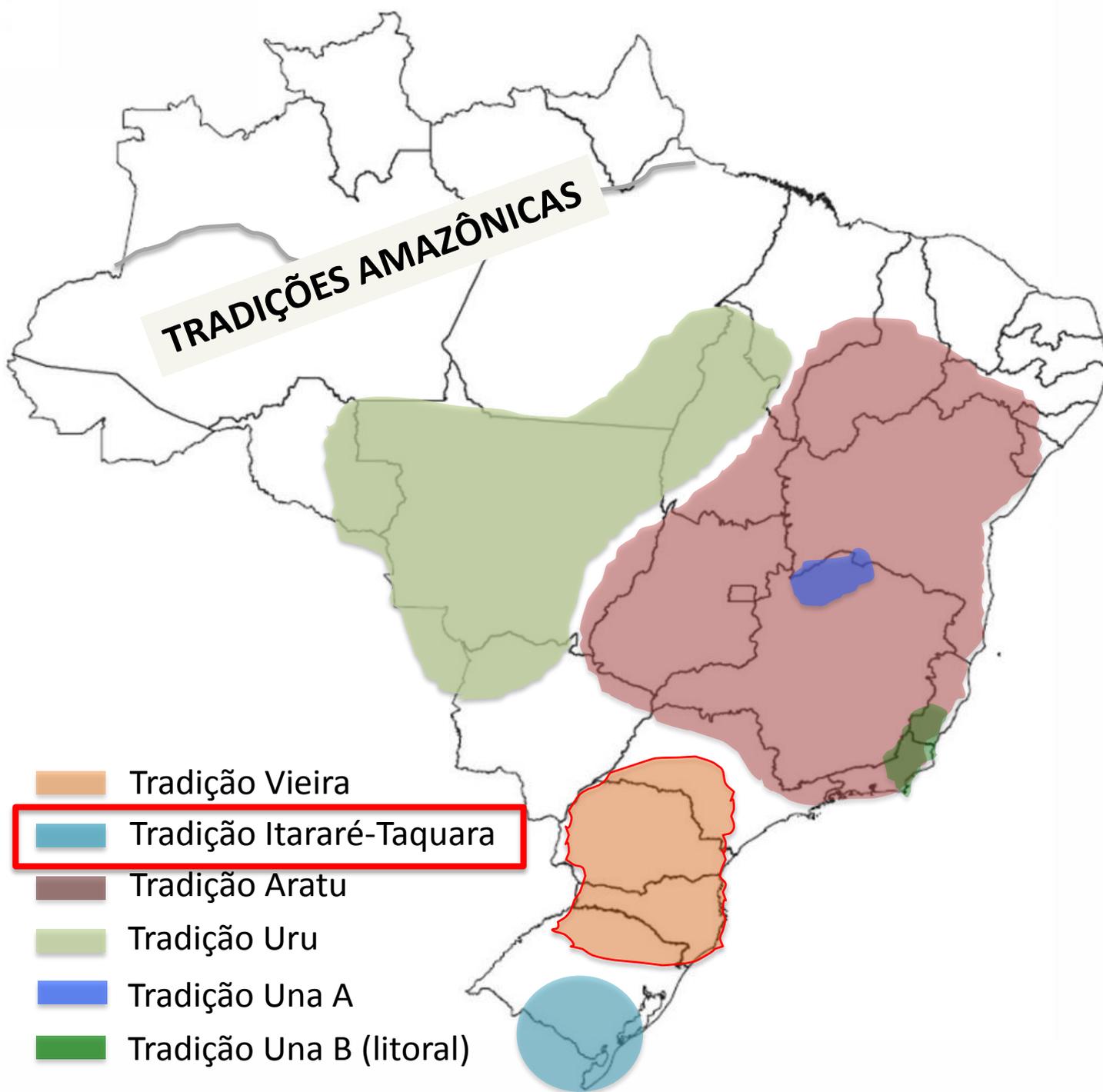


Limite sul da TBI e TIP

FALANTES ARAWAK

GOYA-MALABRIGO





Grupos Jê meridionais

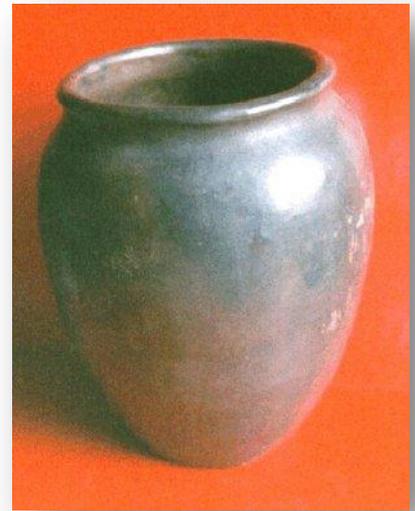
Cerâmica Itararé-Taquara

- Agricultores de milho
- ~4.800-4.000 anos AP no planalto meridional
- Habitaram terras altas (600-1100m alt.)
- Subsistência baseada na exploração do pinhão de araucária, complementada com horticultura, caça
- Conhecidos etnohistoricamente como Kaingang, Xokleng



Grupos Jê meridionais

Cerâmica Itararé-Taquara



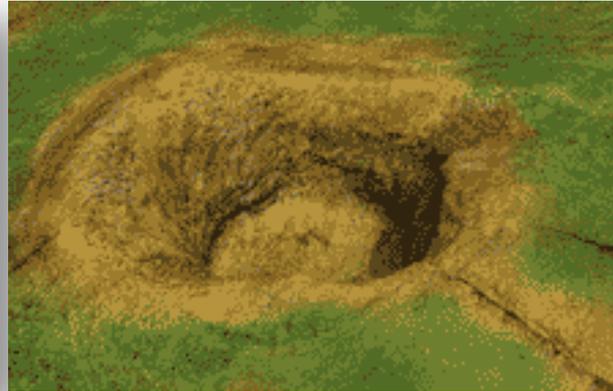
- Cerâmica Itararé-Taquara:
 - Definida pela primeira vez como El doradense (Menghin 1957)
 - PR: Conhecida como Itararé e Casa da Pedra (Chmyz 1967)
 - SC e RS: Conhecida como Taquara (Miller 1967)
 - Redefinida como Itararé-Taquara por Beber (2005), como a tradição cerâmica dos proto-Jê meridionais
 - Aparece há **~2200 cal AP até o presente**
 - Cerâmica simples, de paredes finas, potes pequenos
 - Antiplástico de areia quartzosa e grãos de hematita
 - Coloração frequentemente escura com ocorrência de brunidura (queima redutora)
 - Decoração plástica (ungulado, incisões, ponteados, impressões de cestaria, impressões de unhas)
- Tardiamente aparece no litoral de SC e PR

Grupos Jê meridionais

Cerâmica Itararé-Taquara

- Visão tradicional dos proto-Jê do sul os concebiam como grupos simples com deslocamento sazonal até o litoral para captura de recursos.
- Pesquisas atuais mostram que a combinação da exploração da floresta de araucária, caça, pesca e agricultura de plantas tropicais após ~1100 AP (milho, mandioca, feijão, inhame) permitia assentamentos permanentes o ano todo sem necessidade de deslocamento até a costa (Corteletti et al. 2016)
- Aumenta evidência de complexidade social, que inclui a construção de grandes sistemas de casas subterrâneas, bem planejados, e diversas estruturas cerimoniais

Casas subterrâneas



- Aparecem sempre agrupadas
- Escavadas em solos lateríticos e basalto decompostos
- Se concentram entre 600-1200 m.s.n.m., cota de distribuição da floresta de Araucária
- Diâmetro varia de 2 a 25 m, média de 5 m de diâmetro
- A profundidade varia e depende da conservação do sítio (1-3 m)
- Fogueiras achadas no interior e banquetas ao longo das paredes

- Também habitavam sítios à céu aberto e abrigos em altitudes mais baixas



Construções em terra



- Outros sítios arqueológicos deixados pelos proto-históricos meridionais incluem uma diversidade de construções em terra localizados em áreas altas e proeminentes:
 - Aterros circulares
 - Elípticos
 - Retangulares
 - Forma de ferradura
 - Ausência de resíduos domésticos nas estruturas leva à interpretação de uso ritual/ cerimonial
 - Distribuição das construções não era aleatória!
- Os mortos eram sepultados nos aterros, frequentemente em forma de cremações
- Também enterravam em abrigos, com acompanhamento funerário.

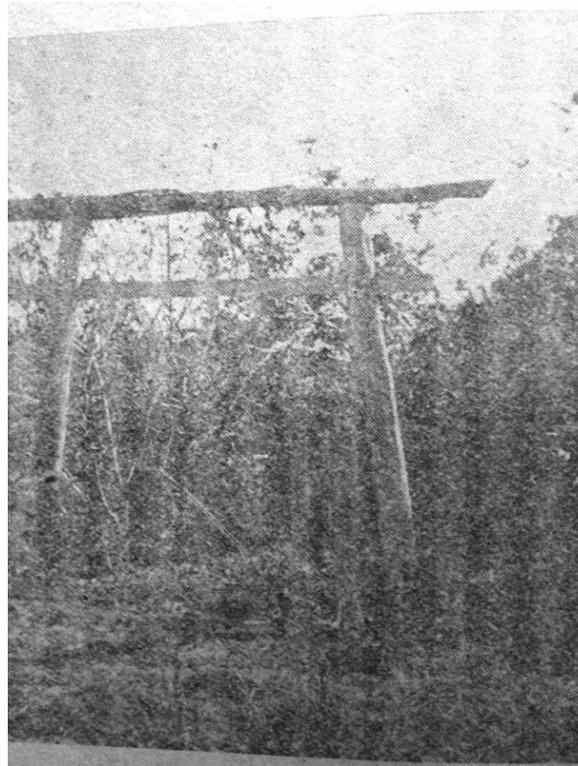
Construções em terra

- Exemplo Kaingang de Lins



Construções em terra

- Exemplo Kaingang de Lins



Construções em terra

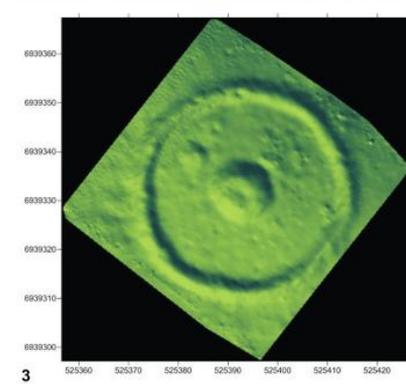
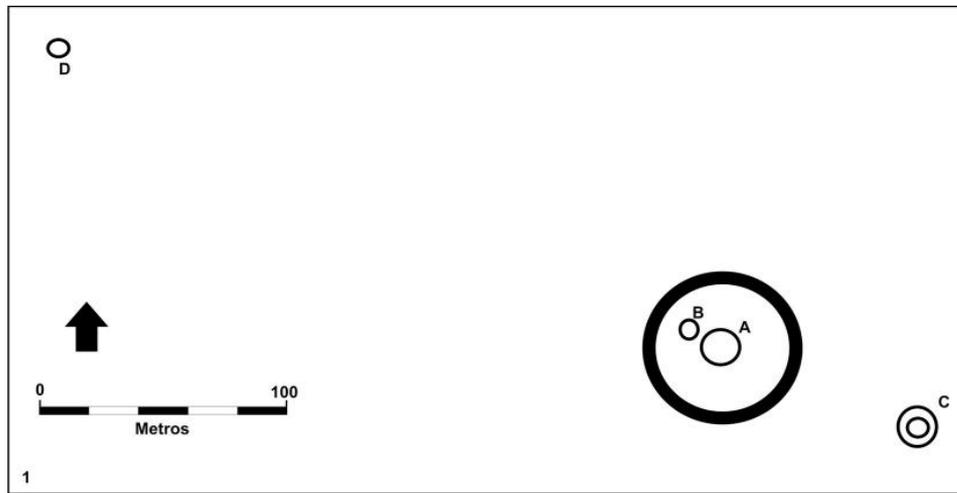
- Exemplo Kaingang de Lins



Construções em terra



(Iriarte et al. 2017)



(Corteletti et al. 2016)

Construções em terra

- Complexos de montículos e *enclosures* aparecem nos últimos 1000 anos
- Resposta à maior expansão populacional das Terras Baixas da América do Sul: **a expansão dos grupos falantes de línguas Tupi-Guarani**
- Migração dos Tupi-guarani pelos grandes rios levou à circunscrição dos proto-Jê meridionais às terras altas
- Na região das bacias dos Rios Canoas-Pelotas existem os maiores monumentos funerários, interpretados como sinais do estabelecimento de uma fronteira social impermeável (De Souza et al. 2016)

FIM

Jê

Os povos Jê

- Urban 1978 indica maior semelhança linguística e cultural entre Jê Setentrional e Jê Central, em contraste com Jê do Sul.

- First, whereas Northern and Central Jê all take a keen interest in the sport of log racing, I have found no evidence of this sport among Southern Jê.
- Second, whereas the former emphasize collective initiation rites for boys at puberty, among Southern Jê ceremonial emphasis is on death and spouse seclusion, with initiation rites being much less well-developed.
- Third, whereas among the former children are given names belonging to living adults, among Southern Jê names come from 'dead kinsmen only.

Sociedades dialéticas

Estamos diante de uma estrutura concentrica, plenamente consciente no pensamento indígena, na qual a relação entre centro e periferia expressa duas oposições, uma entre *masculino* e *feminino*, como acabamos de ver, e outra entre *sagrado* e *profano*, uma vez que o conjunto central, formado pela casa dos homens e pelo pátio de dança, serve de palco para a vida ritual, ao passo que a periferia é reservada para as atividades domésticas das mulheres, excluídas por natureza dos mistérios da religião (exemplo disso são a fabricação e manipulação das flautas, que ocorrem na casa dos homens e que as mulheres não podem ver, sob pena de morte).

Ethos Jê

Foto da região rio dos Mortos - Xavante

*Os Jê e Bororo possuem **uma organização social complexa**, onde se reencontram figuras clássicas da etnologia: **metades, sociedades cerimoniais, classes de idade, terminologias de parentesco de tipo „crowomaha“, ritos de iniciação, prestações cerimoniais, aldeias circulares...** (Viveiros de Castro, 1993, p.5)*

Ethos Jê - Guerra

Kaiapó estão entre os mais ferozes guerreiros descritos em território brasileiro.

The Kaiapó possessed one of the largest territories in eighteenth-century colonial Brazil. According to one contemporary commentato, they occupied an immense territory of many kingdoms and numerous villages in a circumference of ca. 5000 kilometers (Leme 1980; apud Mead 2010).

... they depopulated whole stretches of rivers... there are no other nations of because the said Kaiapó infest all. So aggressive were Kaiapó raids that the bandeirantes entering their territory encountered only their villages (Mead 2010).

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Pesca

- A pesca era pouco comum antes do contato, ainda que fosse praticada.



COURTESY: JORDO CAMPOS-SILVA/JOSEPH HAWES

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- A presença discreta de grupos TG em área de cerrado teria uma razão ambiental?
- Ou será que não conseguiram 'invadir' devido à ampla presença de populações Jê?

Jê

Adornos labiais - Etnográfico Jê – Kaingang

- Adornos labiais feitos em madeira.
- Adquirido em 1934 em Santa Catarina.



Jê

Colares/Pingentes - Etnográfico Jê – Kayapó

- Colares feitos com pingentes de concha e dente de porco do mato.
- Adquirido em 1970-1983.

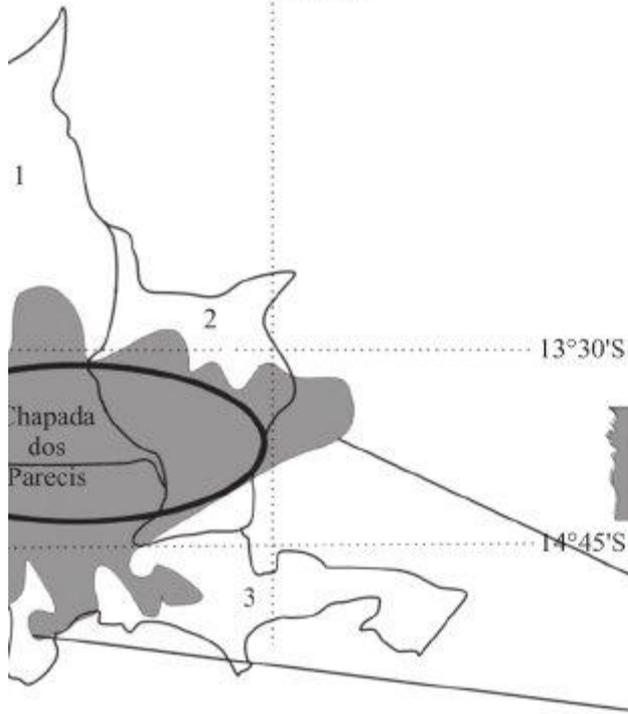


Jê

Líticos Polidos - Etnográfico Jê – Kaingang

- Pilão polido.
- Adquirido em 1934 em Santa Catarina.



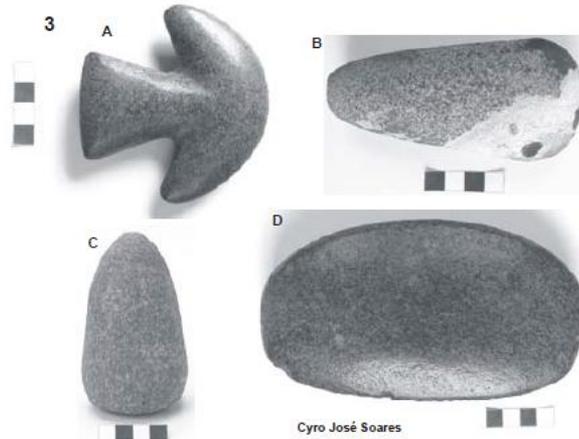
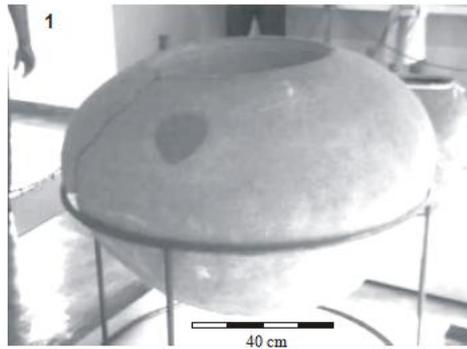


-  Região de amostragem
-  Limite de município



Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu



Fotos 1 e 2:

Urnas funerárias retiradas do sítio arqueológico *Engenho de Serra*, nas proximidades das *'casas subterrâneas'*. Estão expostas na mostra permanente da Companhia Siderúrgica Nacional, na cidade de Arcos-MG

Foto 3:

Instrumentos líticos polidos provenientes de sítios arqueológicos da Província. A. Machado semi-lunar, encontrado no baixo curso do rio São Miguel, há documentos etnográficos que atestam o uso deste tipo de artefato entre grupos de língua gê; B. Lâmina de machado encontrada na caverna Capoeirão, parte de seu gume está coberta por espeleotema; C. Mão de pilão, a parte ativa é a extremidade inferior; D. Instrumento provavelmente utilizado para triturar frutos e sementes, a julgar pelas marcas de uso na parte ativa (inferior).